

Jorge Carvalho Arroiteia

**‘CAMPUS-CIDADE’ DA UNIVERSIDADE
DE AVEIRO**

2023

Ficha técnica:

Editor: Jorge Carvalho Arroteia

Lista de ISBNs:978-989-99779-8-3;

[Título: Campus-Cidade da Universidade de Aveiro];

[Autor: Jorge Carvalho Arroteia];

[Co-autor(es):];

[Suporte: Eletrónico];

[Formato: PDF / PDF/A]

Capa: Augusto Mota

Ornatos: Afonso Henrique

Tamanho: 18,42 x 26,67 cm



ÍNDICE

| | p. |
|--|-----|
| PREFÁCIO – Professor Doutor Walter Rossa | 5 |
| PRÓLOGO | 9 |
| 1. ENQUADRAMENTO | 19 |
| 2. MORFOLOGIA E PAISAGEM URBANA | 53 |
| 3. SISTEMA DE FUNÇÕES CENTRAIS | 89 |
| Ensino e formação | 105 |
| Investigação | 110 |
| Sociedade e vida académica | 114 |
| 4. CENTRALIDADE DE CONHECIMENTO | 131 |
| Domínios de referência | 142 |
| Convergências | 164 |
| EPÍLOGO | 185 |
| BIBLIOGRAFIA | 193 |
| ÍNDICE GRÁFICO | 203 |
| ANEXOS | 205 |



À
Comunidade Académica da Universidade de Aveiro
no 50º aniversário da sua instalação



PREFÁCIO ¹

de

"Campus-Cidade" da Universidade de Aveiro

de

Jorge Carvalho Arroteia

2023

A Universidade de Aveiro [UA] conta meio século de existência. Foi na esteira reformista da Primavera Marcelista que, através do Decreto-Lei no 402/73 de 11 de agosto, não só se instituiu em Portugal o sistema binário universidade-politécnico, como se acabou com a tríade universitária Coimbra-Lisboa-Porto, que desde a instauração da República vigorou em Portugal. Claro que, tal como nas colónias, havia aqui e ali um instituto superior fora do âmbito das universidades, sendo que em Moçambique fora criada uns anos antes, numa exceção justificada pelo contexto, a Universidade de Lourenço Marques.

Este livro é uma reincidência do seu autor, um bem conhecido professor da UA, onde fez carreira em Ciências Sociais, numa espécie de expansão a partir da sua licenciatura em Geografia. De facto, entre uma vasta e reconhecida produção escrita sobre temas que vão da emigração ao ensino, é a quarta vez que, sob o ensejo de aniversários redondos da UA, Jorge Arroteia publica sobre ela, segundo um olhar de geógrafo, mas não só. Tudo começou em 2000, por conseguinte fora da toada de aniversários, com *Universidade de Aveiro: arquitectura e urbanismo* em coautoria com Nuno Portas e Michel Toussaint, que em 2004 foi reeditado como *Universidade de Aveiro: trinta anos de arquitectura* e, em 2014, *Universidade de Aveiro: quarenta anos de arquitetura*. As duas últimas edições criteriosamente aumentadas em função da dinâmica da instituição nos anos de permeio. Mas a estes três livros

¹ Walter Rossa (Caracas, 1962) Arquitecto (1985), mestre em História da Arte (1991), doutorado e agregado em Arquitetura (2001 e 2013). Professor catedrático do Departamento de Arquitetura e investigador no Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra.

focados na formação do campus — não seja um dos seus autores, o arquiteto Nuno Portas, o principal responsável pelo plano que mais o determinou, e o outro, Michel Toussaint, um conhecido crítico de arquitetura — já em 2013 Jorge Arroiteia juntou um outro de sua exclusiva autoria, *A Universidade de Aveiro e os seus contextos (1973-2013)*. Diria que se o livro que agora se apresenta é devedor de toda essa vasta experiência, é essencialmente neste último que tem o seu principal pilar.

De facto, já não estamos em presença de um livro que dá essencialmente conta do muito interessante processo de construção do qualificado campus — onde o todo (a sua paisagem urbana) é bem mais do que a soma das partes (um conjunto de edifícios que conta com vários exemplares notáveis) — mas de uma leitura global, mas sintética, que vai do ato fundacional a uma reflexão sobre a situação atual da instituição, passando por tudo quanto de verdadeiramente marcante aconteceu nesses cinquenta anos. Fá-lo recorrendo não apenas a uma atualização de publicações que já antes versaram o assunto, mas enriquecendo-as com dados documentais e uma chave de leitura composta segundo três eixos — ou, como o autor regista, andamentos (*Adagio, Andante, Vivace*) — claramente expressos no sumário: "morfologia e paisagem urbana"; "sistema de funções centrais" e "centralidade do conhecimento". Note-se, porém, como estes três capítulos que constituem o cerne da obra, são antecidos por um "prólogo" e um "enquadramento", que não só cumprem com o que é esperado a partir dos títulos e inclui um estado da arte, mas introduzem tudo quanto é desenvolvido naqueles.

Trata-se de um contributo assumido, consciente, para a construção da memória da UA. Não é um livro sobre o urbanismo ou a arquitetura, sobre o espaço público e a arte pública, não é um livro sobre a vida académica, também não é sobre a história institucional, mas um livro sobre tudo isso, sendo revelador o investimento que o autor faz na listagem e descodificação dos elementos simbólicos, em especial os contidos na arte pública do campus. Através deles, mas não só, o geógrafo verifica relações

com os contextos e com a memória de pessoas, atos, atividades. Envolve-se também, em múltiplos momentos, na discussão sobre a relação da universidade com a cidade, o que está inscrito no próprio título em "campus-cidade". Tal como, lançando mão de conceitos instrumentais da Geografia já clássicos, como a *teoria dos lugares centrais* de Christaller, discute as funcionalidades das centralidades da cidade e a universidade como lugar central.

Sendo a expressão "campus-cidade" claramente dirigida ao espaço da universidade — o campus como cidade — tal como o livro tem também implícita a relação vivencial, económica e espacial do campus com a cidade. São muito interessantes os conteúdos e as nuances do debate prévio que o autor nos dá sobre o assunto, em especial se confrontados com o processo e o resultado. A escolha do campo de Santiago como locus para o campus da UA advém da opção assumida de a instalar junto à cidade, e do ensejo proporcionado pelo desenvolvimento do Plano Integrado de Aveiro/Santiago (aprovado em 1979) do então Fundo de Fomento da Habitação. Os espaços intersticiais, entre a cidade de então e a universidade, seriam planeada e paulatinamente ocupados com equipamentos e habitação. Foi, em si, um verdadeiro conjunto integrado de opções que determinaram uma relação excecional da instituição com a cidade, pelo menos no âmbito nacional.

Em Lisboa e Porto, razões óbvias decorrentes das escalas metropolitanas dos respetivos contextos, levaram a que, independentemente da caracterização pelas suas universidades de troços da sua malha urbana (alguns até com efeito monumental como é o caso do núcleo central, a alameda, da Universidade de Lisboa), o seu impacto global seja relativo, como também o é na vida urbana. Já em Coimbra verifica-se o oposto, ou seja, não fora a instalação definitiva em 1537 da única universidade portuguesa até à instauração da República, e a cidade que definhara após a muito precoce mudança da capitalidade do jovem reino para Lisboa, teria continuado nessa senda. Coimbra (quase) tudo deve à universidade. E o que acontece com as demais, as da geração da UA e até posteriores? Sendo cada caso um caso, será por ventura

possível afirmar que a sua instalação em campi, apesar de determinarem relevantes polos urbanos, não contribuíram de forma tão evidente e significativa como em Aveiro para a reestruturação e renovação da imagem das respetivas cidades.

Apesar da sua autonomia funcional e formal, o campus da UA não é um apêndice, uma "torre de marfim" como frequentemente se diz das universidades, mas uma parte da cidade, o que é fundamental para a integração sensível de ambas as comunidades. A UA marca, com qualidade indelével, a paisagem urbana de Aveiro, mas bem para além disso é um contributo fundamental para a qualidade de vida, a inovação, o desenvolvimento da cidade. Compreende-se, pois, o entusiasmo sereno com que, sempre com novidade, Jorge Arroiteia regressa à celebração dos aniversários redondos da instituição. É que raramente se fez cidade assim em Portugal. Parabéns!

Coimbra, 10 de Abril de 2023

Walter Rossa



PRÓLOGO

A elaboração de mais um trabalho alusivo à Universidade de Aveiro e à celebração do seu 50º aniversário constitui um privilégio da vida para quem teve oportunidade de conhecer os passos iniciais da sua criação e instalação, consolidação e desenvolvimento institucional e urbano. Não admira por isso que a procura de renovadas perspetivas de análise, agora no âmbito da geografia humana sejam recuperadas, evocando a condição de geógrafo² que permitiu esta experiência profissional consolidada pelo desempenho de outras funções e aprofundamento de interesses durante o período em que nos foi possível acompanhar a vida dessa academia. Todas as situações foram relevantes para entender a marcha, evolução e consolidação da presença desta entidade consolidada no campus e cidade que nos acolheu.

Com este apontamento evocamos a natureza, ousadia e avanço do conhecimento científico em todos os seus domínios balizado no estudo, ideia e projeto dos que deram e continuam a dar o seu contributo à construção do Campus Universitário da Santiago, na sua extensão à Agra do Crasto e na consolidação deste complexo citadino que tem vindo a dinamizar o tecido urbano e a sociedade do nosso tempo. Sem ele a urbe e a comunidade aveirense seriam mais pobres, a sociedade local menos diversificada e o tecido empresarial regional e nacional empobrecido e menos preparado cultural e cientificamente reconhecido. Sem ele a região centro-norte, onde se

² Universidade de Lisboa, 1972

insere a comunidade intermunicipal da região de Aveiro, estaria mais desprotegida.

Este apontamento geográfico incide sobre o ‘Campus-cidade da Universidade de Aveiro’ - ora entendido como o conjunto do território edificado e disponível para utilização desta organização universitária - merece uma análise separada do espaço urbano da cidade tratado noutra trabalho (Arroteia, 1998) e da consulta de um conjunto de estudos académicos e outros levados a cabo por arquitetos e cientistas sociais que desde a sua construção têm procurado, neste “case study” da UA, tema para a sua investigação. No primeiro caso encontra-se o trabalho de Rossa (2006) e Mendes (2020), a que se juntam outros estudos de natureza académica graduada tais como a Tesis Doctoral de Mendes (2013) ou de Mestrado: Alves (2009), Wong (2014), Brazão (2018), Picolo (2019). A estes estudos acrescem outros relativos aos vinte anos de construção do Campo de Santiago nomeadamente, UA (1994 e sobre a arquitetura e urbanismo, de Arroteia, Portas e Toussaint (2000).

O crescimento deste Campus a partir de um “*centro de gravidade*” ou “*ponto focal*” (Mendes, 2013, p. 115-cit. Casson, 1966, pp.74-75) assenta na ocupação de um espaço urbano delimitado, com os seus equipamentos e serviços, bem como na sua articulação com o espaço construído da cidade e em interação com ela. Internamente na sua relação com a Ria e o espaço físico envolvente - nomeadamente no que respeita ao traçado das vias de acesso à cidade e aos seus equipamentos, à sua extensão, especificidade de funções e natureza da população - o ‘campus cidade’ da UA mais se assemelha a uma pequena ‘civitas’

individualizada do tecido circundante cujos habitantes apresentam interesses comuns relacionados:

- Com a natureza específica da organização universitária;
- Afiliação à mesma comunidade académica, científica e laboral;
- Domínio de uma “consciência coletiva” prevalecte nesta entidade de ensino superior extensiva a docentes, técnicos, bolseiros, investigadores, funcionários, alunos e outros.

Neste sentido mais do que um espaço urbano o campus da UA é exemplo de uma “*casa como uma pequena cidade e a cidade como uma grande casa*” (Mendes 2013, p. 57), não com funções defensivas como a antiga vila e cidade que a acolhe - delimitada por muralhas abertas para os cais da ria e para a região circundante - mas sim como parte de uma aglomeração urbana e em interação com a região, habitada por população com interesses comuns, uma “*ciadela de conhecimento*” edificada entre o último quartel de Novecentos e os nossos dias.

Desde a instalação da UA em dois blocos cedidos pelos CTT (Gil, 1976, p. 12), “*um bloco escolar (...) com uma área de pavimento de cerca de 2.400 m²; e um bloco de apoio (alugado) com uma área de pavimento de 1269 m², onde se concentram a Reitoria, vários Serviços, a Associação de Estudantes e uma Cafetaria-Convívio*” até ao levantamento do primeiro edifício, uma construção pré-fabricada erguida em terrenos anexos ao bairro da Misericórdia, junto da Avenida Calouste Gulbenkian, decorrem três anos. Estas instalações anexas ao bairro com o mesmo nome e às bordas da ria de Aveiro, perduram há meio século. O terreno foi cedido pela Câmara Municipal para a edificação (loc. cit.) de “*um edifício*

pavilhonar pré-fabricado, com uma área de cerca de 3 600 m², para ensino e investigação”.

A sua edificação evoca um “*acampamento*” (Portas, 1968:VI, p. 504), “*que se irá fazendo, estruturando, transformando, ao ritmo das experiências e das transformações que se forem impondo no interior da vida universitária e da vida urbana*”. Qual conjunto de “tendas” de grandes dimensões, necessárias para albergar elementos da “tribo” recém-chegada à cidade de Aveiro a partir de 1974 e que esta havia acolhido no seu território em detrimento da Colónia Agrícola da Gafanha onde era suposto haver condições para a instalação da nova universidade como havia sido proposta inicialmente.

Um documento da (UA, 1974, p. 4) assinala que esta opção “*apresenta maiores vantagens sobre vários aspectos dos mais relevantes: custo, facilidades de aquisição, distância, acessos, enquadramento paisagístico e grau de poluição*”. Em complemento, escreve-se (loc. cit.): “*atendendo ainda a uma concretização topológica do binómio Universidade-Cidade, projeta-se vir a reservar alguns blocos da futura zona residencial de S. Tiago para habitação de professores, alunos e pessoal*”, de acordo a ocupação inicialmente delineada no Plano Integrado de Aveiro-Santiago (PIAS) o qual (Rossa, 2006, p. 22), “*por impulso reformista do final do Estado Novo*” obteve “*regime especial para a aquisição dos solos*”.

A pouco mais de um ano da revolução de 25 de Abril de 1974 e antes ainda da instauração do poder local democrático com a realização das primeiras eleições livres dos órgãos autárquicos, em

12 de dezembro de 1976, a ideia de Universidade como “*torre de marfim*”, separada da sociedade, parece emergir do conjunto deste texto no qual se considera que tal solução (loc. cit.), “*estabelecerá convivência entre o cidadão comum e a universitário, evitando a incorreta interpenetração dos blocos e ensino e de investigação do ‘Campus universitário’ com a zona citadina*”. A ação do poder local veio a contrariar esta reflexão facultando o terreno para a instalação do Pavilhão I na cidade, seguindo o proposto por O. Oliveira (1972, p. 26) que no início dos anos setenta havia defendido:

“Com a criação de novas Universidades, revitalizam-se novos centros urbanos, propicia-se-lhes um aumento do nível de vida das suas populações, atenua-se o grau de diferença que agora existe entre as três cidades universitárias e todas as demais, e dentro de alguns anos, o crescimento do País será mais uniforme, como se reconhece necessário.”

Escolhido o local a construção do Pavilhão I, juntando debaixo do mesmo teto as principais unidades funcionais – académicas, científicas e serviços de documentação – passa a constituir um recente núcleo do *habitat* urbano constituído por instalações escolares que se vão implantando de forma ordenada. Os novos edifícios albergam os serviços existentes e outros que vão acolhendo habitantes recém-chegados, permanentes e temporários, equipamentos e infraestruturas próprias que fixaram uma população ainda reduzida, então ambulante entre a Rua Mário Sacramento – onde se localizava a Reitoria e os serviços administrativos em edifício até então ocupado pelo Centro de investigação dos CTT - e

as novas instalações para alunos junto da cadeia da comarca de Aveiro.

A criação de espaços apropriados para o funcionamento da nova instituição universitária gera novas centralidades – com as suas proximidades, distâncias, acessibilidades e hierarquias (Castells, 1988, p. 29) - em relação a um centro, a urbe aveirense, animando os serviços já existentes na proximidade do antigo hospital da Misericórdia, a Penitenciária, o Seminário diocesano, o parque da cidade, o bairro anexo ao Conservatório Calouste Gulbenkian. A sua expansão alimenta um novel eixo de circulação entre esta zona e a estação de Caminho-de-Ferro, alargando-se gradualmente a toda a antiga área muralhada e à beira mar.

A nova tribo de académicos, funcionários e alunos, instalados nesse extremo de Santiago – (Rossa, 2006, p. 22) *“uma magnífica plataforma de terrenos agrícolas, circundada a norte pela ria e a poente por um dos seus esteiros, o de S. Pedro”* - vai aumentando, renovada anualmente por jovens recém-chegados a Aveiro e pelos visitantes que os acompanham.

A partir do núcleo primeiro de Santiago a cidade vai progredindo para poente e para sul, ocupando uma faixa de terrenos incorporados no esboço da “proa do barco moliceiro” que se foi consolidando nos campos de Santiago e alargando até ao esteiro de S. Pedro e vencendo a barreira do sapal de S. Pedro, prolongando-se pelos terrenos da Agra do Crasto. Neste sítio pré-histórico a exploração arqueológica recente parece comprovar a fixação (Silva e Gomes, 2022, p. 9) de *“um habitat do 2.º milénio a.C. (Idade do Bronze) ‘ou até porventura de meados do 3.º milénio, se considerarmos a*

possibilidade de uma ocupação calcolítica’.” Com esta expansão para sul fortalece-se a construção do campus urbano, articulado com a cidade, mas suficientemente individualizado e especializado, com novas funções, mobilidades e espacialidades que deu origem a uma nova urbe dentro da malha alargada da *polis* existente

A análise morfológica e geográfica centrada no sistema de funções centrais (*f.c.*) existentes no recinto ocupado pela UA vai debruçar-se sobre os traços essenciais do *habitat* - identificado com o padrão de implantação das edificações no território construído do campus universitário - em função da marcha de decisões de natureza político-institucional e arquitetónica que acompanharam a implantação, construção e crescimento deste núcleo e das funções que servem a população académica da Universidade de Aveiro na área urbana adjacente à laguna.

A conceção e sobretudo a distribuição da mancha edificada, a sua organização, articulação e funções, é resultado de uma importante ação espacial estruturada em função do “*plano-traçado*” – “*processo em que o plano é estudado continuamente, adaptado à medida que os traçados seus consequentes são construídos*” (Brazão, 2018, p. 28) ou “*projeto do chão*” (Portas. 2002, p. 21), animada pelo contributo de diversos projetistas e com representação em escalas distintas: local, regional e nacional. As interações mútuas entre o local e o regional, o individual e o grupal, o institucional e comunitário, presentes em todos os momentos de ampliação deste conjunto organizado revela-se na imagem global do campo universitário, no seu traçado e fachadas, na volumetria e

acabamentos dos edifícios, nas acessibilidades, nos movimentos e na vida da população que aí concorre.

A antropização crescente do território de Santiago na sua relação com a Agra do Crasto, assente na ocupação diária, especializada e intensa, alimenta fluxos diferenciados de natureza centrípeta e centrífuga de pessoas, bens e equipamentos, poderes e normas de utilização, valores e ideias que alimentam um universo alargado de saberes, práticas, experiências, informações sistematizadas, ordenadas e teoricamente fundadas que asseguram a racionalidade, objetividade, factualidade, experimentação e comunicação do conhecimento científico³. A natureza desta organização bem como a dimensão académica, científica e cultural validada na procura, reconhecimento, resultados e mais-valias da comunidade universitária, justificam que a tratemos na sua unidade intrínseca como um facto académico, científico, urbanístico, como polo de cooperação e ação centrado na cidade de conhecimento identificada com o ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro (Est. I).

Tal como noutra partitura o desenvolvimento do tema segue três tempos sequenciais: *Adagio* – evocando os passos de instalação, conceção, projeto e construção do seu habitat: *Andante* – traduzido no crescimento e afirmação das funções que lhe dão nome e reputação; *Vivace* – expresso no andamento e vigor do crescimento da marca U.A. e do seu contributo ao desenvolvimento humano no presente e no seu futuro próximo. As pautas e os sons destes andamentos, escritos ao longo de décadas em partituras já

³ Définitions 360 – Recherche <https://www.definitions360.com/connaissance-scientifique/> 8SET22

envelhecidas pelos anos perderam o seu fulgor e intensidade; o papel amarelecido e amarrotado com o tempo perdeu o seu brilho; o lápis de carvão, de tantas vezes ter sido afiado, perdeu cor e não permite mais do que um borrão de escrita que a mente cansada e mão envelhecida tenta ultrapassar. A vida desfila agora numa homenagem assinalada por estas “memórias geográficas” dedicadas à academia que tentámos servir com afeto.

Seguindo o Eclesiastes (4:6) pensamos que *“Mais vale uma mão cheia de sossego do que as duas mãos cheias de canseiras. É correr atrás do vento”*. Mesmo assim congratulamo-nos por mais este testemunho e pela causa que em boa hora nos trouxe e fixou nas margens da ria.



Campus-cidade da U.A.

1. ENQUADRAMENTO

O desenvolvimento deste trabalho sobre o campus da UA, isoladamente e na sua relação com a cidade exige, pela sua extensão, diversidade e complexidade, algumas notas associadas ao *habitat* ou seja, ao padrão de distribuição das áreas edificadas no espaço rural de Santiago que acolheu as instalações da Universidade na sua relação com outros projetos de ordenamento territorial, a ideia de universidade, o calendário de construção dos edifícios e o aumento das áreas científicas e do conhecimento da novel instituição.



Fig. 1 - Aveiro: mapa da cidade⁴ - 1962 (Comissão Municipal de Turismo)

⁴ Nota: O espaço livre no canto inferior esquerdo, junto da Ria, corresponde à baixa de Santo António e aos campos de Santiago onde está implantado do Seminário Diocesano (22),

http://ww3.aeje.pt/avcultur/Secjeste/Arkidigi/Mem_Aveiro/Index_Mapas.htm
m 24FEV23

Construídas de raiz cada uma das unidades edificadas pode ser considerada representativa de núcleos de povoamento, construídos sequencialmente em função das opções do planeamento físico, da ideia de Universidade e do campus universitário inspirado por serviços de tutela ministerial ou já da própria Universidade depois de ter adquirido autonomia outorgada nos Estatutos: Despacho Normativo n.º 52/89, de 21 de junho do mesmo ano. Apesar das limitações inerentes à dimensão do campus universitário de Aveiro – cerca de 150 *ha.* e 45 edifícios⁵ – a delimitação deste espaço identifica-o como uma área homogénea no que respeita ao planeamento e governo do território onde domina uma conectividade real e franca acessibilidade da população entre os diferentes serviços e equipamentos que integram o sistema edificado, isoladamente e na sua relação com a malha urbana.

A análise de natureza geográfica sobre o campus da UA baseia-se na apreciação conjunta da diversidade da ocupação e distribuição das suas edificações como elucidativas de um *habitat* urbano, semelhantes a “núcleos de povoamento”, delineados por quarteirões e loteamentos que dão forma física ao conjunto edificado na sua articulação com as vias de circulação externas e as vias penetração interna, os espaços livres e os espaços verdes, as obras de arte que lhe dão vida e que interligam os edifícios e adornam a paisagem pública circundante.

⁵ UA – “equivalente a cerca de 92 campos de futebol”
<https://www.ua.pt/pt/campi> 19MAR23

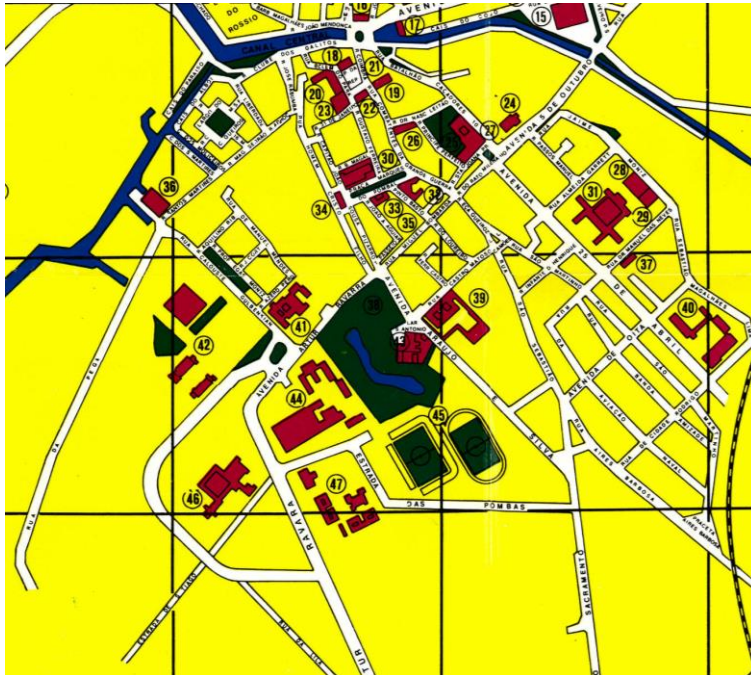


Fig. 2 - Excerto do mapa da cidade de Aveiro (1983)

Fonte: “Roteiro de Aveiro. Cicerone”

Legenda: Núcleo inicial do campus da UA (42), Seminário (46), Hospital (44), Escola Preparatória João Afonso de Aveiro (47)

http://ww3.aeje.pt/avculttur/Secjeste/Arkidigi/Mem_Aveiro/Mapa1983_06M.htm
m 24FEV23

Antes de nos debruçarmos sobre a morfologia importa recordar algumas das ideias que subjazem ao seu traçado e implantação no terreno. Ao tempo da Comissão Instaladora o primeiro Boletim Informativo da UA (UA 1974, p. 1)⁶ regista: “*Não pode uma instituição universitária vir já velha e ultrapassada à luz da existência histórica*”. Mais ainda (loc. cit.):

“esta Universidade sente desde os primeiros passos da sua instalação a tensão do duplo movimento da sua dinâmica existencial: ida até à variada gama dos problemas da região e da

⁶ Universidade de Aveiro – Boletim Informativo, 1, I, julho de 1974

sociedade e penetração ou vinda destas com o complexo das suas exigências e questões até ao recinto de investigação, estudo e ensino da Universidade”.

Quanto às exigências de espaço (op. cit., p. 2) lê-se:

“Não pode o espaço trair, pela exiguidade das suas dimensões ou inapta localização, as grandes linhas deste plano em marcha. Ar e luz, água e zonas verdes, céu e paisagem são traços indispensáveis ao enquadramento do ‘campus’ universitário, rasgado segundo as exigências mais atuais das construções universitárias e naquele estilo funcional, naquela simplicidade e elegância de linhas que farão da Universidade de Aveiro uma Universidade –Piloto”.

Contrariamente à maioria das aglomerações humanas mais antigas o campus da Universidade de Aveiro regista, no seu desenvolvimento e expansão, um ciclo de vida curto, com crescimento faseado e organizado de acordo com instrumentos legais de planeamento físico do território estabelecidos no plano urbanístico do campus da UA. Elaborado pelos arquitetos Rebello de Andrade e Espírito Santo, o Plano Geral da Universidade de Aveiro – PGUA - ou plano urbanístico de Rebello de Andrade & Espírito Santo (Fig. 3) foi revisto a partir de 1987 sob a orientação do Arquiteto Nuno Portas, Professor no Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. A sua reputação nacional internacional e coordenação da obra realizada em Aveiro foi posteriormente reconhecida pela UA conferindo-lhe o título de Doutor Honoris Causa por ocasião da celebração do 25º aniversário em dezembro de 1998.



Fig. 3 - Maqueta do Plano Geral da Universidade de Aveiro – PGUA (1979)

Fonte: Rossa, 2006, p. 25

Em estudo académico dedicado a esta universidade, Mendes (2013, XIV) assinala a experiência desta alteração:

“En 1986 es, por primera vez, elegido un Rector de la Universidad que defendía que era a la Universidad de Aveiro (UA) a quién competía elevar la calidad del patrimonio de la ciudad, y pone inmediatamente en cuestión el plan existente, argumentando la baja calidad de los proyectos existentes y los altos costos de la construcción del complejo de la plaza central”.

Por sua vez Toussaint (2000, p. 42) assinala que a *“Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro acabou por prever um complemento do que se tinha iniciado com o outro plano entre os outros três pavilhões e a Praça Central, e por definir novos princípios para a expansão a sudeste deste elemento estruturante (...)”*. Neste contexto a análise em questão toma como referência a ocupação do espaço físico que alberga o campus da Universidade de Aveiro - em Santiago e prolongamento pela Agra do Crasto -, na sua configuração e limites, articulação das unidades construídas,

funcionalidades e vias de circulação, população e equipamentos académicos e sociais que dão vida a esta “*cidade na cidade*” (Portas) que nos serve de referência: a “cidade de Portas”.

Sobre a unidade existente, Rossa (2006, p. 12) entende que “*na realidade o Campus da Universidade de Aveiro são dois campi: o de Santiago e o do Crasto*”. Tal como este autor (loc. cit.) não nos compete “*quebrantar o uso da designação pela qual o conjunto é conhecido*” pelo que tomaremos esta designação na sua unidade deixando para a ação dos vindouros o reforço ou a infirmação do conjunto estabelecido no passado, quando do lançamento (op. cit., p. 22) “*da mais ousada e bem sucedida ação de planeamento de expansão em Aveiro (...)*” em prol da cidade e sociedade local.

Reconheça-se a contiguidade geográfica entre os terrenos de Santiago e do Crasto, unidos pelo esteiro de S. Pedro, que à semelhança das antigas “*bacias hidrográficas*” serviram para identificar regiões naturais, homogéneas, unidas pelo leito de um curso de água. No caso presente a ligação estabelecida entre as duas margens pela ponte pedonal sobre o sapal - alinhada com o depósito de água – contempla, a norte, um remate diferente da escadaria do teatro sobre a Praça Central, sendo substituído a meridiano pelo parque sintético desportivo e pelas construções alinhadas em seu redor.

A definição dos padrões de distribuição dos edifícios neste território, inscritos no PGUA de 1979 foram revistos e melhorados em 1986. Em substituição do padrão delineado de construir blocos paralelos à ria e à via de circulação interna de entrada nos terrenos de Santiago - definidos no Plano Diretor da Cidade de Aveiro, de 1964, como área de exploração agrícola -, a opção foi a de ancorar

as novas edificações em torno de uma praça central, entendida como um “nó” de atração da população e dos serviços de interesse comum e de irradiação dos eixos interiores considerados nas construções já estabelecidas, melhorando-os no que respeita à parte do espaço a edificar.

A propósito da criação do padrão de organização do espaço interno, Toussaint (2000, p. 42) recorda a razão desta alteração:

“tinham-se experimentado ‘dificuldades operacionais e de circulação interna decorrentes da realização por partes (que nem sempre podiam ser sequenciais), da sua expansão e diversidade e, ainda, por uma exigência positiva, (de) autonomia departamental que se poderia exprimir ao nível simbólico da arquitetura sem pôr em causa a unidade do conjunto”.

A arrumação dos edifícios no campus segue, também, uma ideia de universidade (Wong, 2014 - Problemática) que tem *“latente na origem do modelo organizacional uma ideia de ensino partilhado (...), um modelo de organização espacial onde todos os seus elementos estejam bem articulados entre si, onde eles estejam interligados em rede”*, em que o jardim-alameda central desempenha um papel essencial na ligação das unidades departamentais e outras, bem como na circulação da população no renovado campo agrícola construído em torno do antigo lugar e capela de S. Tiago, *“no lugar deste nome”* (Oudinot, 209, p. 142). Além deste templo o antigo lugar dispunha de uma outra capela dedicada a S. Gregório (loc. cit.), que foi reconstruída sob a invocação da Senhora da Ajuda, *“princiada em janeiro de 1916*

(...) *no lugar de São Tiago da freguesia da Glória de Aveiro*”⁷ e à qual o Bispo de Coimbra concedeu, no ano seguinte, autorização para a sua bênção e abertura ao público.

A morfologia do campus de Santiago presta-se a este tipo de estudo sugerindo a sua análise quanto à disposição das parcelas que constituem o genoma da cidade. Em escala reduzida estes loteamentos, ocupados pelos edifícios universitários, articulam-se entre si e com o espaço externo delineado por arruamentos verdes e pátios ou já pelos espaços públicos - praça e alameda - que estruturam o sistema de arcada urbana. Fazem ainda parte da paisagem urbana as muitas obras de arte pública inseridas na paisagem circundante que o imaginário individual pode aproveitar para evocar figuras, sucessos, temas da vida pedagógica, científica e cultural desta instituição e outros testemunhos patrimoniais relativos à memória rural deste local. Entre eles contam-se marinhas e poços de água, árvores antigas como as oliveiras (Est. II) e, acima de tudo, a cércea de três pisos, cobertura plana e tijolo tradicional mantido na fachada dos edifícios, compromisso seguido pela maioria dos projetistas dos edifícios deste novo núcleo. No entender de Mendes (2013, p. 215) o tipo de revestimento exterior, evocando a cerâmica tradicional de Aveiro, é usado como “*elemento unificador das diversidades*”.

Tal como o azulejo o tijolo cerâmico, de face à vista, constitui um testemunho da origem sedimentar desta região dada a abundância de argila e de areias que se combinaram para dar origem à indústria

⁷ Arquivo Distrital de Aveiro.

<https://digitalq.adavr.arquivos.pt/details?id=1321088> 17OUT22

tradicional de cerâmica que acompanhou o processo de revolução industrial da urbe aveirense e a construção do canal central até à Fabrica de Cerâmica Jerónimo Pereira Campos & Filhos (Centro Cultural e de Congressos-Aveiro). A extensão da toalha de água da ria de Aveiro e das suas atividades enriquece a paisagem urbana do campus que integra diversos elementos naturais da paisagem agrária e lagunar fazendo recordar a dimensão da atividade salineira desenvolvida no projeto da Marinha de Santiago da Fonte e na recuperação da marinha da Casqueira (Est. III). Como se lê na revista da UA - Linhas (2018, p. 51)⁸, “*As marinhas de Aveiro fazem parte de um espaço classificado como Zona de Proteção Especial (ZPE) e Sítio de Interesse Comunitário (SIC), no âmbito da Rede Natura 2000, e são consideradas habitat de substituição dos antigos sapais, sendo importantes para a avifauna e protegidas pela Diretiva Aves (...).*”

O espaço construído que acolhe as muitas funções que a UA no seu conjunto, oferece à população académica e à população residente na sua vizinhança equipamentos vários que alimentam a intensidade da vida académica, de relação e a dinâmica interna gerada pelas atividades e serviços aí concentrados. Alinhados em torno da Praça Central, esta constitui o “lugar central” de referência em todo o campus Santiago que bordeja os terrenos da ria, a Avenida da Universidade e a Avenida João Jacinto de Magalhães. Entre estes eixos desenha-se um tipo novo de *habitat* urbano que acompanha ciclos distintos, mas continuados, da vida desta Universidade, das

⁸ UA (2018). Do campus da UA espreitam-se as janelas do palácio do céu. In. Linhas, 29, junho de 2018, pp. 50-52

percepções e das representações sociais construídas pela população que aí habita.

No seu todo a macroforma do Campus de Santiago assemelha-se a um crescente lunar - de onde emerge a proa de barco moliceiro a sulcar as águas da laguna - nele dominando, como submodelos de ordenamento territorial, a distribuição:

- Concêntrica, expresso na aglomeração do Pavilhão I,
- Linear (Pavilhões II e III) e linear sinuosa, nos edifícios seguintes edificadas paralelamente à Av. João Jacinto Magalhães, até à Praça Central.
- Modelo Claustal, em U, articulado com a Praça Central e a Alameda-Jardim implantado para meridião, com paralelismo das edificações que bordejam cada uma das alas da Galeria.

Lateralmente a este conjunto há a destacar as edificações em banda das residências estudantis e o alinhamento mantido nos blocos do Snack-bar, Self-service, Restaurante Universitário, Creche e Jardim Infantil, coroados pela solidez do Pavilhão Polidesportivo Aristides Hall. Este conjunto delimita a Nordeste e a Nascente o campus que continua para Sul até ao sapal do esteiro de S. Pedro. Este é o local de implantação dos parques de estacionamento, infraestrutura necessária às solicitações de mobilidade da população ocupante.

Já na Agra do Crasto o *habitat* de tipo linear, em “*bandas paralelas*” (Gauthiez, 2003) identificam “*o estrito sentido ortogonal*” delineado pelo projetista (Toussaint, 2000, p. 52). Quanto aos afastamentos, são ditados “*pelas larguras das faixas de rodagem, estacionamento, passeios e proteção verde*”. Mais ainda

(loc. cit.): “*Os edifícios foram pensados segundo módulos cuja repetição os define*”. A orientação nascente-poente aproveita a melhor exposição solar. Esta malha debruça o campo desportivo previsto como centro de convergência da população na cantina, “*pólo de atração coletivo*” (Toussaint, 2000, p. 50), da Associação Académica e das residências de estudantes que circundam a norte, poente e sul o espaço de lazer e de convívio desse equipamento. A forma sugerida para as construções é em paralelepípedo, com uso de material cerâmico aproximado ao do campus de Santiago ou azulejo, como já acontece em alguns edifícios.

No conjunto da cidade de Aveiro a área ocupada pelo Campus de Santiago e Agra do Crasto evidencia-se pela sua localização, natureza e especialização das funções e dos equipamentos, pela mobilidade e composição da população que acolhe ser bem distinta da área urbana construída (Est. IV). A Universidade é um equipamento singular da vida urbana gerador de centralidade e de efeitos diversificados sobre o território e a sociedade no seu todo. No início da presente década a sua população – estudantes, docentes, investigadores e pessoal técnico, administrativo e outros, cerca de uma dezena e meia de milhares – justifica que consideremos este conjunto como um espaço citadino, com vida própria, mas articulado com o espaço urbano envolvente de Aveiro.

Por cidade entende-se uma aglomeração durável (Derruau, 1967, p. 463-4), com atividades diferenciadas da sua população, distintas do sector primário, organizadas em função da vida coletiva dos seus habitantes (residentes e temporários), com funções e morfologia próprias, capacidade de atração/irradiação sobre a área urbana

envolvente. Faz por isso sentido que esta análise, limitando a sua atenção a este território, incida particularmente sobre:

- Morfologia
- Funções
- Centralidade, associada ao conhecimento.

A paisagem geográfica humanizada, construída na zona poente da cidade, nos antigos terrenos agrícolas do pequeno lugar de Santiago – o “celeiro da cidade” -, próximo do parque arbóreo do antigo Convento de Stº António, da Ordem Terceira de São Francisco e mais tarde do Hospital da cidade revelam, no seu traçado e morfologia recentes, marcas de uma evolução rápida e ordenada conseguida em meio século de construção. Dois elementos fundamentais sobressaem deste conjunto de edifícios - com os seus equipamentos e funções, vias de circulação e arranjo externo - que forma o ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro:

- O primeiro, de natureza espacial, que revela as diferentes fases de construção, subjacentes a um conceito de conceção do próprio campus (Portas, 2000);

- O segundo, de natureza funcional, evidenciado pelas funções específicas da instituição universitária: ensino, formação e cooperação com a sociedade.

Na sua expressão territorial a paisagem urbana que nos serve de mote, expressa no “*plano-traçado*’ de reconversão do antecedente” (Portas, 2000, p. 27), uma “*evolução do conceito de meta-projeto para os de ‘pattern’ ou das permanências urbanas que procuram combinar criticamente ancoragem com mudança, dimensão coletiva com vontades mais individuais*” (Toussaint,

2000, p. 37). Esta evolução foi acompanhada do aumento da população e funções, do crescimento e consolidação da Universidade, do seu desenvolvimento e afirmação nacional e internacional, assuntos tratados em separado. Nesta parte importa assinalar a disposição dos eixos, praças e parcelas de circulação pública (Portas, 2000, p. 29) na sua relação interna e com o exterior, delineadas por este autor nos finais dos anos oitenta de Novecentos aquando da reconversão do Plano Integrado de Aveiro/Santiago (PIAS).

Nesta sequência a morfologia urbana deste campus integrou as primeiras construções dos anos setenta num novo “*projecto do chão*”, elaborado por este autor (Portas, 2000, p. 29), de onde ressalta a identificação da Praça Central como “nó” de irradiação do espaço público do campus, articulando as áreas já edificadas com as outras a construir. Na sua matriz a praça desenvolve-se segundo dois eixos principais: o Norte-Sul, com a cabeceira setentrional rematada em anfiteatro – Teatro - e o eixo Nascente-Poente determinado pela largura do mesmo largo. Continua pelo jardim-avenida até à curva da rua de Santiago que bordeja a sul o Complexo Pedagógico e as construções, do “*projeto do chão*” (Portas, 2000, p. 21), “*espinha dorsal do espaço público exterior*”, articulando (loc. cit.) “*os diversos edifícios departamentais de construção independente*” que fazem parte da unidade e da vida social do “santuário” claustral e do relvado e solo em redor.

À semelhança das antigas cidades medievais, quiçá de origem romana e não só, a ideia da Praça-Maior das cidades castelhanas, com as suas arcadas e passeios laterais afirma-se como centro de

atração da vida académica, palco de eventos de maior frequência. No seu traçado e limites define e a distribuição dos eixos de circulação, dos loteamentos ou quarteirões, das pequenas ruas e vielas, da colocação das obras de arte públicas que enriquecem e melhoram a paisagem deste “*campus-cidade*” (Brazão, 2018, p. 39 e ss) harmónico nos seus equipamentos, vias de circulação e complementaridade de funções com a malha urbana circundante.

Com a individualidade que a concentração e distribuição do edificado nesta parte do território da cidade de Aveiro, regista:

- As funções próprias para o exercício da missão universitária são complementares das que se distribuem no tecido urbano adjacente;

- A população que aí permanece partilha a vida da urbe, contribuindo para sua animação e revitalização dos serviços e funções;

- A acessibilidade pública está contemplada pelas facilidades de acesso pedonal e nos percursos urbanos dos transportes coletivos;

- A paisagem geográfica do local enriquece na sua originalidade, traçado e elementos que a integram as lacunas da cidade da Ria no seu conjunto.

Mais do que um “campus-urbano”, o “campus-cidade” (Brazão, 2018) da UA é um espaço de conhecimento universitário, passível de ser estudado por diferentes ciências, que não só a arquitetura, mas também a geografia, sociologia, antropologia e outras ciências sociais (Portas, 1969). Acessível à povoação e à sua gente é um espaço aberto, acolhedor, sem fronteiras para os que o visitam e complementar, na paisagem e obras de arte, da malha urbana mais antiga. A sua vocação universitária leva-o a que se evidencie pela

centralidade da formação, produção e disseminação do conhecimento. Constitui-se, portanto, como exemplo de uma pequena urbe ou cidadela, dominada pela especificidade e natureza dos equipamentos universitários, alimentada pelos movimentos da sua população na sua relação e articulação com a cidade-mãe.

Quando da publicação da Lei nº11/82, de 2 de junho, o critério de elevação de uma vila a cidade contempla uma população fixa, residente “*em aglomerado populacional contínuo, superior a 8.000*” eleitores e diversos equipamentos sociais e culturais específicos. A analogia figurativa que aqui recordamos a propósito da população residente tem paralelo com outros exemplos de campus-cidade existentes em Portugal - Cidade Universitária de Lisboa - e sobretudo na Europa, tais como:

- O “Campus Cité Descartes” (Paris - Champs-sur-Marne) que acolhe dezoito instituições de ensino superior e de investigação e um total de alunos da ordem os 15 milhares⁹;

- O “Campus Cité Scientifique” da Universidade de Lille¹⁰;

- O “Campus City” da Universidade de Bremen¹¹, entre outros.

A importância deste assunto na ciência regional, contemplado num estudo recente de Mohammed, Ukai e Hall (2022), mostra como as relações entre a universidade e a cidade são potenciadas:

“is also encouraged for the benefit of the city, as universities unleash their respective cities’ potentials to act as driving forces

⁹ Campus Cité Descartes <https://www.ensg.eu/Campus-Cite-Descartes-482> 3OUT22

¹⁰ Campus Cité Scientifique https://sciences-technologies.univ-lille.fr/filefst/user_upload/Faculte-SG/Pages-Documents/plan-campus-cite-scientifique.pdf 3OUT22

¹¹ Campus City - <https://www.uni-bremen.de/campus-city> 3OUT22

not only for their local communities, but also for the whole nation herefore, maintaining a mutual relationship between the university and the city is considered essential to accomplish strategic goals for both (...)”.

| Rankings internacionais | World rank |
|--|-------------------|
| THE – Times Higher Education World University Rankings 2022 | 801-1000 |
| THE – Times Highern Education Young University Rankings 2021 | 165 |
| THE – The Times Higher Education Impact Rankings 2021 | 101-200 |
| UIGreenmetric – World University Rankings 2021 | 177 |
| U – Multirank 2021 Performance A (Muito Bom) | |
| CWUR – Center for World University Ranking 2021 | 603 |
| ShangaiRanking (ARWU – Academic Ranking or World Universities) 2021 | 601-700 |
| CWTS – Leiden Ranking | 444 |
| QS World University Rankings 2022 | 601-650 |
| StuDocu World University (Europe) 2021 | 33 |

Quadro I - Posicionamento internacional: 2021 - Rankings universitários

Fonte: UA

Com funções específicas no âmbito da formação e da investigação, o ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro privilegia ainda a cooperação e ligação com a sociedade, desenvolvendo políticas, ações e cooperação assentes em conhecimento, equipamentos e infraestruturas necessárias a essa intervenção a nível nacional e no estrangeiro. Salienta-se desde já a importância assumida pela UA em *rankings* internacionais onde se manifesta a relevância da sua atividade científica e aceitação noutros contextos geográficos.

Na linha do que ensinam Abler, Adams & Gould (1972) o contexto, o espaço, a organização territorial e as interações mútuas com a população interessam ao geógrafo: *“the geographer must conceive of the places of the earth as parts of a system, related to*

each other at diferente levels of interactionm” (Fred Lukermann. In: Abler, et *alii*, p. 54). Neste sentido a localização das atividades humanas e a produção de conhecimento centrada neste ‘campus-cidade’ devem ser encaradas nos seus contextos espaciais, com os seus equipamentos, departamentos e laboratórios à escala local e alargada, de âmbito nacional e internacional.

Embora aceitando (Adams et *alii*, 1972, p. 75) que, “*the spaces in wich people live are much more psychological than absolute*”, esta análise privilegia a análise do espaço absoluto, desenhado e construído em contextos sociopolíticos e económicos diferenciados - mas ligados pela continuidade do sistema democrático - sob lideranças esclarecidas e consentâneas com a representatividade e democraticidade institucional prevista na legislação universitária.

Baseia-se no enunciado da “*teoria dos lugares centrais*” de Christaller (1933) - centrado no estudo da repartição e dinâmica do povoamento no sul da Alemanha – seguida, entre nós, no estudo de Gaspar sobre a cidade de Évora (1972), com as necessárias adaptações ao exemplo do campus que nos serve de referência. Nesta perspetiva, em 1973, a cidade de Aveiro passou a dispor de um “*bem central*”, o ensino universitário, até então disponível nas três cidades principais do país, igualando-se na hierarquia estabelecida pela presença deste tipo de ensino com estes centros urbanos e com as demais cidades contempladas com a criação de novas universidades.

Recorde-se que desde o início da década de setenta a sociedade portuguesa partilhou um processo de transformação já iniciado pelos fenómenos de industrialização e urbanização, pelas migrações

internas e internacionais, pela guerra em África e regime do Estado Novo acolhendo a revolução de 25 de Abril de 1974. Daí resultou a implantação do regime democrático, o desenvolvimento do poder local e o aumento da procura social da educação em todos os níveis de ensino, nomeadamente no ensino superior universitário.

Nas décadas seguintes fizeram-se sentir, a nível internacional, mudanças profundas do contexto socioeconómico na Europa com o alargamento das fronteiras da Comunidade Económica Europeia aos países mediterrânicos: Grécia (1981), Espanha e Portugal (1986); lançamento do primeiro programa europeu de investigação (1984); assinatura do “Acto Único Europeu” e criação do mercado único (1987); lançamento do Programa Erasmus (1987); queda do muro de Berlim (1989). Nos seus efeitos sobre a sociedade portuguesa tais acontecimentos rasgaram e abriram definitivamente as necessárias e “*amplas janelas para o exterior*” (Nunes, 1964, p. 431), com reflexos que se fizeram sentir em diversas instituições políticas e culturais, nomeadamente nas Universidades a nível pedagógico, científico e na sua relação com a sociedade, nomeadamente no que respeita à sua abertura aos problemas de desenvolvimento regional.

Sobre as mudanças que nas últimas décadas beneficiaram as Universidades, Roy (2015, p. 246) assinala que “*La valorisation de la recherche est alors comprise comme un processus de capitalisation du savoir: les savoirs fondamentaux doivent se transformer en produits commerciaux (...)*”. Esta nova perspetiva de Universidade fez-se acompanhar da intensificação de projetos I&D, apetrechamento de laboratórios que gradualmente vieram a

permitir o seu fortalecimento (UA, Investigar)¹² como “*parceiro privilegiado de empresas e outras organizações nacionais e internacionais*” alargando, nestas atividades, o seu contributo ao desenvolvimento económico e regional e às relações com a comunidade envolvente.

Neste contexto a valorização económica decorrente da transferência do conhecimento científico para a indústria e serviços repercute-se na melhoria das competências, da produção e dos serviços, daí resultando mais-valias significativas em relação ao conhecimento, à oferta de novos produtos para o mercado, na mobilidade acrescida da população - nomeadamente dos diplomados e graduados para as empresas - garantindo um acréscimo da oferta qualificada da academia, a valorização cultural dessas unidades e da população envolvente. Sobre este assunto em estudo realizado sobre o meio alpino, Boumaza (1995, p. 10) verificou que “*Les activités universitaires et scientifiques qui définissent et déterminent les milieux culturels constituent dès lors des fonctions motrices et dynamisantes de l’environnement*” local e regional através da difusão do conhecimento, das boas práticas, da replicação dos saberes culturais e económicos e das parcerias.

Na sua relação com o campus edificado o padrão de distribuição dos diversos equipamentos de ensino e investigação acompanham esta tendência, havendo lugar à criação de espaços concretos para o exercício das diferentes funções, o que se repercute na existência de unidades funcionais distintas que geram os seus próprios fluxos e

¹² UA – Investigar <https://www.ua.pt/pt/projetos-id> 28FEV23

movimentos internos. Por sua vez a atividade desenvolvida nos departamentos - em que a interdisciplinaridade fundamenta o seu modelo de funcionamento - com a oferta de cursos, investigação e atividades que promove, alimenta diferentes fluxos dentro do campus e com o exterior, geradores de dinâmicas que incorporam a difusão de ideias, resultados e testemunhos pessoais e coletivos promotores da difusão espacial do conhecimento científico e desenvolvimento humano imanente à formação académica dos diplomados.

Por sua vez a investigação avançada promove a cooperação com entidades de diferente natureza que se expressa na produção científica, nas patentes, nos serviços prestados às empresas, na participação e construção da imagem e da “marca” da UA no exterior. Assim o reiterou o Reitor M. Assunção em sessão de homenagem aos funcionários da UA (2013)¹³: *“Convém não esquecer que o sucesso de todos, o êxito de cada um, são sempre alicerçados no valor da marca UA”*.

No seu conjunto as atividades humanas que nesta parte interessam à geografia são as que importam ao “*setor quaternário*” (Abler et alii, p. 307): *“Quaternary activities comprise the fourth set of economic activities wich must be located by the modern society”*. Referindo-se à Universidade, escrevem (loc. cit.): *“A university for exemple, is definitely a quartenary organization, yet all four types of occupations are represented. The professor and the researche worker are clearly quaternary by occupation along with the*

¹³ UA – Sessão de Medalhas (31 de maio, 2013)

administrative structure including deans and various executive officers". A diferenciação referida acompanha a modernização e a mudança social iniciada pela antiga revolução industrial. Recordasse, a propósito (op. cit., p. 308): *"In the Modern Society, the value of industrial productions is distributed over all sectors, and the primary sector is least importante. Among the four classes of occupations, the quaternary ultimately dominates in proportion and in importance"*.

Tomando como exemplo o 'campus-cidade' da UA (Est. V), este oferece um conjunto de serviços distintos que acompanham a opção matricial da organização transposta em cada um dos seus departamentos, unidades de investigação, laboratórios e serviços de ação social, restaurantes, bibliotecas e sistema pedagógico. As atividades exercidas em cada uma destas unidades, embora discriminadas entre si, são exemplos de um *"serviço central"* ou *"bem central"* (Gaspar, 1972, p. 50), entendido como um *"Produto ou serviço obtido a partir de um ponto que ocupa uma posição central em relação ao mercado que serve"*. Neste universo universitário, os serviços reúnem-se em dois grandes grupos:

- Os que se relacionam com a atividade académica de ensino e de investigação, de frequência diária; de formação pós-graduada, mestrado e doutoramento, de frequência periódica;

- Os que se destinam essencialmente à população escolar, de frequência periódica, como a ação social, os serviços académicos, a consulta de medicina geral, o helpdesk, a livraria e outros;

- Os que pela sua natureza e divulgação são geradores de movimentos de frequência diária para satisfazer necessidades da sua população: alimentação, café, bar, fotocópias, caixas multibanco.

No universo atual, os Estatutos da UA (2017-Artº 8)¹⁴ consagram a existência de diferentes unidades de que realçamos o caso das unidades orgânicas de ensino e de investigação, como os departamentos e as escolas politécnicas, além das unidades básicas e ou transversais de investigação, como as unidades e centros de investigação e os laboratórios associados. Neste caso cada uma destas entidades pode ser considerada como uma “*unidade funcional*” (Gaspar, 1972, p. 52), ou seja, “*Cada unidade de uma função central*”. Para o mesmo autor uma “*função central*” (Gaspar, 1972, p. 52) corresponde à “*Actividade realizada pelo indivíduo, ou pela unidade empresarial, que fornece bens centrais*”, neste caso a Universidade considerada no seu todo – função universitária – e, se a quisermos detalhar, em cada uma das unidades orgânicas que a constituem.

Tal como outras funções existentes na cidade a função universitária, de hierarquia superior, complementa funções relevantes já instaladas como a administrativa, judicial, económica, cultural, laser, saúde, com dimensão variável consoante a sua área de influência ou área complementar de atração da população servida por esses bens. Não obstante cada uma destas funções ocorrer num “*lugar central*” (Gaspar, 1972, p. 52): “*Ponto do espaço geográfico onde se exercem funções centrais, isto é, um ponto central (não*

¹⁴ Despacho normativo nº 1-C/2017 In: Diário da República, 2.ª série — N.º 80 — 24 de abril de 2017

necessariamente numa óptica geométrica) relativamente à população que recebe os bens centrais” o somatório de serviços do Campus tem localização determinada.

Embora acolhidas no tecido urbano aveirense, as muitas funções centrais do campus-cidade da UA individualizam-se pela sua natureza e especificidade, pelo que podemos considerar o espaço que as acolhe como exemplo de um *“lugar central”*, como ocorre com os demais núcleos de povoamento: lugares, aldeias, vilas ou cidades (Adams et alii, 1972, p. 368). No caso em apreço este *“lugar central”* acolhe funções centrais de ordem superior às que estão presentes na cidade de Aveiro e noutras cidades vizinhas integradas na Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro e não só, nas vilas e demais povoações das redondezas.

A hierarquia das *“funções centrais”*, de natureza administrativa, educacional, comercial, cultural e outras, estão agrupadas em núcleos de povoamento com valores diferenciados de população e número de equipamentos; concentrados em núcleos humanos dotados de vida própria e dinâmicas internas capazes de gerar fluxos de natureza diferente entre a população residente e a de outros *“lugares centrais”* do mesmo território. Assim o assina Adams (op. cit, p. 263): *“Each activity in na urban place maintains a regular set of contacts with related activities in nother places”*. Estes contatos estão traduzidos em “fluxos”, expressos em indicadores de mobilidade e comunicação; permitem identificar uma hierarquia entre os diversos centros ou “nós” de uma rede constituída por diferentes pontos e linhas (Adams et alii, op. cit, p. 265) em que

estas representam “*functional associations between dominant and subordinate centres*”.

Na sua relação campus – cidade, a centralidade da UA (entendida Gaspar, 1972, p. 52) como “*índice que representa a\ extensão, o valor do exercício das funções centrais do lugar na área que serve (...)*” – pode ser avaliada em relação à cidade, ao concelho e à Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro, à NUT II - Região Centro ou à NUT I - Portugal ou a outra unidade territorial europeia de dimensão geográfica. Por isso pode ser apreciada a importância das funções exercidas no seu contexto regional e nacional, nomeadamente no que respeita à procura dos alunos, à cooperação institucional, à aceitação que as mesmas adquirem no seio de outras comunidades universitárias, aos resultados e avaliação nacional e internacional. Quanto maior for o número e a hierarquia dessas funções maior será a centralidade do “*lugar central*” objeto de análise.

Contrariamente ao que se sucede em cidades de maior dimensão com função universitária e regional - em que a diversidade e a relevância de outras funções podem promover a sua hierarquização no contexto regional e nacional - a dimensão e desempenho da UA sobressai numa cidade que concorre com outros centros urbanos da NUTII-Centro - como Coimbra - e da NUT II-Norte - caso do Porto - em aspetos distintos da sua centralidade geográfica e funcional em domínios específicos como a administração pública ou a saúde. Ainda no caso de Aveiro as áreas de mercado criadas por antigas funções comerciais, pesqueiras e industriais atenuaram-se devido à

mudança operada no parque industrial e de serviços que identificaram a cidade até ao último quartel de Novecentos.

Aos conceitos anteriormente apresentados deve ser acrescido um outro, o que decorre das externalidades do conhecimento contruído a partir de campus da UA nas dimensões de formação, investigação e cooperação e do seu contributo ao desenvolvimento humano e regional. Pela sua natureza e especialização a difusão do conhecimento e das práticas associadas a cada uma das suas dimensões traduzem-se em resultados internos e externos; propagam-se fora dos limites do campus; alimentam operações de diferente natureza baseadas na multiplicação e difusão da inovação; geram “efeitos externos” e benefícios de vária ordem às entidades que as acolhem. Associadas à inovação, geram “externalidades”¹⁵ assentes em laços e interdependências entre os atores académicos e os atores económicos ligados ao sistema de produção; criam um novo domínio de análise relacionado com a difusão espacial e as externalidades, as sinergias inovadoras, as economias de aglomeração, centradas em ambientes inovadores, territorializados.

Para Massard, Torre, Crevoisier (2004, p. 6) *“les interactions se développent de manière multilatérale et sont génératrices d’externalités spécifiques à l’innovation et par la convergence des apprentissages vers des formes de plus en plus performantes de gestion en commun des ressources.”* Estes são aspetos que poderão vir a ser aprofundados recorrendo às múltiplas manifestações e contributos individuais e empresarias desenvolvidos através de

¹⁵ Géoconfluences – Externalités <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/externalites> 10SET22

relações académicas, da iniciativa individual e de empresas criadas por diplomados da ou já na sua incubadora, sediadas na sua área de influência, no país ou já noutros contextos geográficos mais distantes.

Como defendeu o seu primeiro Reitor (Gil, 1976, p. 4) tal decorre da ideia de uma Universidade *“profundamente comprometida espaço-temporalmente com a Sociedade. Mas que não se deverá limitar a transmitir os valores a curto prazo da Sociedade. Antes, ajudará criticamente a reforçar a capacidade da Sociedade em se renovar no progresso integral”*. A ideia expressa nesta afirmação está desenvolvida nos Estatutos da universidade, sucessivamente melhorados desde a homologação do primeiro documento, em 1989, no qual se definiu – Despacho normativo nº 52/89, de 1 de junho, Art. 4º – como missão da UA:

- “a) A formação humana, cultural, científica e técnica;*
- b) A realização de investigação fundamental e aplicada;*
- c) A prestação de serviços à comunidade, numa perspetiva de valorização recíproca, com especial atenção para a região em que se integra;*
- d) O intercâmbio cultural, científico e técnico com instituições congéneres, nacionais e estrangeiras;*
- e) A contribuição, no seu âmbito de atividade, para a cooperação internacional e para a aproximação entre os povos, em especial com os países de expressão oficial portuguesa e os países europeus”*.

Documentos seguintes vieram a ampliar a ideia de Universidade e a incluir outras atribuições que completam a missão original e

reforçam a sua capacidade de intervenção na sociedade portuguesa e no espaço europeu do ensino superior. Tal é o caso da sua participação na Universidade ECIU¹⁶, “*iniciativa financiada pela UE que reúne 12 universidades de 12 países distintos, empenhados em criar um novo modelo de Ensino Superior em toda a Europa*”, em resolução colaborativa de desafios reais da sociedade.

De acordo com o exposto a nossa análise contempla três dimensões distintas:

- “*Padrões geométrico-espaciais*” (Gaspar, op. cit., p. 15) do campus (Vide: morfologia e paisagem) que definem a matriz física do espaço afeto à utilização da UA e revelam diferentes fases da sua construção;

- “*Sistema de funções centrais*” (f.c.), nas valências de ensino e investigação, investigação, cooperação/relação com a sociedade, assentes na rede de unidades funcionais (u.f.) que expressam a dimensão funcional deste sistema universitário suportado, ainda, por um conjunto de serviços necessários à vida da população que frequenta a academia;

- “*Centralidade*” da universidade traduzida no traçado da área de recrutamento dos seus alunos, na acessibilidade de entidades externas aos seus serviços, no traçado da sua “área complementar” onde exerce, com maior influência, o seu contributo ao desenvolvimento – como seja a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro - e induz “externalidades de conhecimento”. Este mesmo tema será tratado na sua relação com os “universos distintos”

¹⁶ UA – Universidade ECIU <https://www.ua.pt/pt/universidade-eciu> 14SET22

que tendem a constituir-se no seio das instituições universitárias em crescimento e através de alguns contributos e participações a nível e regional (NUTII-Centro), nacional ou internacional.

Os domínios assinalados permitem o desenvolvimento de outros estudos, de natureza académica e não só, que podem realçar diferentes perspetivas e metodologias de análise, cronologias e assuntos que garantam um conhecimento mais aprofundado da vida interna do campus, da atividade académica e científica, da cooperação e inovação produzida no círculo universitário de Aveiro na sua relação e articulação com outros sistemas da mesma natureza, laboratórios, empresas e entidades cooperantes. Assim aconteceu, também, noutros centros urbanos contemplados com a criação de novas universidades e com as reformas levadas a cabo pelo regime democrático saído da “revolução dos cravos”, em 1974.

Desde então a resistência à mudança foi vencida por iniciativas governamentais e autárquicas, pela população e atores que acompanharam essa onda. Neste sentido a capacidade de inovação e mudança promovida pelos novos estabelecimentos de ensino superior configuram uma “*revolução tranquila*” (Rocher, 1968) que se operou no ensino universitário e na sua organização interna, com base em unidades departamentais e/ou faculdades. Esta mudança foi igualmente sentida na sociedade portuguesa em função do processo de democratização e de modernização operadas na vigência do regime democrático.

No caso da UA a estrutura departamental interliga entre si as diversas unidades de ensino e investigação situadas no campus universitário (Brazão, 2018, p. 12): “*Por albergarem funções*

diferentes, vivem em complementaridade numa estrutura urbana, dispersa à escala do território, interligada por essa alta capacidade de mobilidade. Por oferecerem vivências díspares criam uma liberdade de escolha inédita (...).” Estabelecem, ainda, uma relação com o tecido social e a comunidade, que se conjuga tanto (loc. cit.) na *“estrutura funcional da cidade – as valências por ela oferecidas – como na estrutura de significância – a linguagem falada da cidade à sociedade”*.

A expressiva relevância da população estudantil na animação da cidade torna-se evidente na presença de jovens de todas as idades e nos festejos que desde o início do cortejo do *“enterro do ano”* - a festa da academia de Aveiro celebrada desde 15 de junho de 1978 – foi encetada pelos estudantes da residência universitária masculina e nos anos seguintes aberto à população estudantil. Retomando ou não uma tradição das festividades já levadas a cabo pelos alunos do antigo Instituto de Contabilidade de Aveiro, esta realização foi adotada pelas demais colegas do ensino superior e reforçada pela participação noutras iniciativas em que se destaca a participação da Tuna Universitária de Aveiro (TUA) que desde 1995 acolhe as duas¹⁷ *“tunas mais emblemáticas da cidade de Aveiro. A TUNGA – Tuna Académica da Universidade de Aveiro e a RIAL Tuna, do ISCA – UA”*.

À sua dimensão e escala o ‘campus-cidade’ da UA pode ser tomado como a ‘cidadela de conhecimento’ de Aveiro, em crescimento e mutação constantes desde os alvares da revolução

¹⁷ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/1/61124> 13OUT22

industrial. Não havendo fronteiras definidas, a área de influência deste território universitário surge com limites diversificados consoante tratemos de temas já evocados: origem geográfica dos alunos, parcerias com entidades públicas e privadas, acordos com empresas e instituições de ensino superior no sentido de quebrar qualquer ideia de acantonamento regional que possa existir. Assim o defende o Reitor Paulo Jorge (2023) insistindo que “*temos de crescer longe de Aveiro*” baseado na competitividade da academia no “*palco global e não no palco regional*”.

A concretização desta ideia de Universidade prossegue em contexto de forte crise demográfica decorrente da “revolução reprodutiva” que atinge indistintamente o velho continente e outras regiões geográficas exigindo uma atenção redobrada em relação à afirmação da “marca UA”, da oferta de novas formações e ao longo da vida, das relações com antigos alunos e diplomados, do fortalecimento da teia de relações e contatos internacionais, das ações de formação, divulgação científica, cooperação e outras iniciativas em curso.

A sua extensão procura ainda, através de antigos alunos e diplomados, manter a teia de relações e contatos em ações de formação, divulgação científica e cooperação. Esta constitui a razão de ser da “Rede Alumni UA”¹⁸ no sentido de proporcionar aos antigos estudantes da instituição o contato com antigos colegas e informações pertinentes sobre as iniciativas e ações que lhe possam interessar. Assim o descreve o *site* da UA:

¹⁸ UA – Alumni <https://www.ua.pt/publico-alumni> 18OUT22

“A tua relação com a Universidade de Aveiro não termina no momento em que deixas de ser aluno da UA. Depois de frequentares um curso da UA passas a fazer parte dos alumni UA. Parabéns! E no momento de entrar no mercado de trabalho, a Universidade de Aveiro continua ao teu lado, quer no apoio à preparação do currículo, quer na disponibilização de inúmeras oportunidades de estágio e emprego, quer mesmo no estabelecimento de parcerias.”

Recuperando uma reflexão anterior concluímos que ao ensino superior e sobretudo às Universidades cabe um papel de afirmação e de esperança reunindo em seu redor uma nova “corporação de alunos, de professores e de investigadores”, animados por projetos científicos e de liderança que saibam responder aos desafios de um mundo novo. Um mundo que continua aberto ao seguimento das pisadas dos que há quase novecentos anos deram corpo ao processo de Renascimento da Europa Ocidental com a criação da Universidade Medieval, instituição que apesar da sua evolução, continua a assinalar a sua identidade, cultura e contributo à inovação nos diferentes contextos civilizacionais.

Apesar da sua juventude o ciclo de vida da UA apresenta diferentes fases de um progressivo desenvolvimento que remonta, na sua primeira memória, a nomeação da primeira Comissão Instaladora presidida pelo Reitor Victor Gil. Na vigência, ainda, do Estado Novo e num contexto local de despertar para o desenvolvimento socioeconómico do distrito de Aveiro e interesse regional da criação de Escolas universitárias e reforço da ação do Centro de Estudos dos CTT, a universidade veio coroar um esforço

local que outras cidades não conseguiram atingir. Aos desafios lançados pelo Ministro da Educação Nacional aos aveirenses aquando da tomada de posse da Comissão Instaladora (C.I.) em 15 de Dezembro de 1973, soube a C.I. avançar com a instalação da universidade num processo que incluiu a criação dos órgãos académicos e elaboração dos planos de estudo, diálogo com o Governo e organismos centrais complementado com o apoio da câmara municipal, o estabelecimento das relações entre a comunidade académica e a sociedade, a elaboração de estatutos próprios.

Em fase de desenvolvimento promovida já pela autonomia universitária e no contexto de disponibilidade de fundos europeus para a democratização da rede de ensino superior e construção de novas edificações, foram relevantes os laços estreitados entre a comunidade científica e académica em expansão, as entidades a atores locais, as empresas garantindo uma ação alargada e convergente de natureza académica através da diversificação da oferta formativa, da internacionalização, do incremento da investigação e dos resultados alcançados em processos de avaliação internacional e confirmada em rankings posteriores. No decurso deste período repensou-se a ideia de Campus com o seu alargamento e adoção do sistema dual, conduzindo à criação de novos departamentos e escolas de natureza politécnica.

Na sua configuração alargada, os *campi* da UA promovem parcerias institucionais e outras no domínio territorial da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro, indo mais além e firmando novas parcerias nacionais e internacionais. Nos nossos

dias a UA tem compromissos institucionais com cerca de um milhar de universidades em todo o mundo. O coração desta empresa sediado no Campus de Santiago (Est. VI) anima a cidade e a região em seu redor; estimula a criação de novas acessibilidades e a criação de novas infraestruturas; promove a inovação e a mudança cultural; sustenta a centralidade dos equipamentos universitários e a formação de recursos humanos; alimenta um mercado diversificado de interesses económicos, culturais e científicos que tornam a cidade mais capacitada para novos e eternos desafios.

Na sua expansão e desenvolvimento a autarquia já não pode viver sem a universidade e esta requer a continuidade da “revolução tranquila” que induziu na cidade de Aveiro há meio século, com a chegada de habitantes, construção de novos equipamentos e infraestruturas, animação dos modos de vida tradicionais, escolarização da população jovem, atração urbana e criação de novas centralidades. A instalação da UA abala a pacatez (Arroiteia, 2020.b) de uma cidade de província, capital de um dos distritos mais pujantes do país e rompe com os grilhões de uma sociedade estratificada assente em redes finas de mobilidade social.



Campus-cidade da U.A.

2. MORFOLOGIA E PAISAGEM

À semelhança de outras entidades estabelecidas na cidade representadas no antigo Liceu José Estevão, Hospital da Misericórdia, Paços do Concelho, Tribunal, Governo Civil, quartéis militares e serviços de segurança instalados em antigos Conventos, a Universidade é responsável por novas dinâmicas territoriais e sociais, culturais e económicas, que alimentam e ampliam as atividades ancestrais ligadas à pesca e ao comércio marítimo, à salicultura e à agricultura, à indústria e aos serviços que contribuíram para o crescimento da antiga urbe aveirense delimitada outrora pelo cais da Ribeira e cintura muralhada manuelina, com as suas portas e vias de circulação com o exterior. A este respeito, escreveu Sant’Anna Dionísio (1984, p. 471):

“Aveiro, capital de distrito, com 11.247 hab., porto de pesca lagunar e marítima, centro de uma interessante região agrícola densamente povoada, é uma das mais diferenciadas cidades de Portugal. (...). Distingue-se de todas as cidades portuguesas a encantadora bacia lagunar – a Ria – formada pelo Atlântico na foz do rio Vouga, à beira da qual a cidade se formou e da qual em boa parte vive”.

Mais ainda (op. cit., p. 472): *“A placidez dos seus aquáticos arredores embevece, sob um firmamento azul de extrema profundidade, desenham-se em volta, com simplicidade linear, os horizontes”.* Neles se confunde a linha dos cumes dos edifícios da UA (loc. cit., cit.: Luís de Magalhães) enquadrados por uma *“larga, desafogada, verdejante, luminosa e variadíssima paisagem em que*

ela, na sua alvura de povoação marítima, muito caiada e limpa, nos aparece engastada, como uma pérola num esmalte polícromo e brilhante”.

Em escrito sobre um ensaio geográfico do autor (Arroteia, 1998, Breve introdução), o distinto geógrafo Professor Pereira de Oliveira salientou os traços dominantes desta urbe, onde *“as raízes do vigor e força de uma cidade, enquanto espaço e vivido em contínuo devir”* só são compreensíveis *“no seu percurso e nas suas dinâmicas próprias”*. Mais ainda (loc. cit.), na *“recolha nos porquês da sua história geo-humana”* onde *“se encontram as bases da explicação dos factos que hoje mesmo, diariamente assoberbam, simples cidadãos (...)”*, membros da mesma comunidade académica e autarcas.

Revisitar o sítio da nova universidade e a paisagem que a circunda evoca uma descrição dos campos de Santiago vistos por Alberto Pimentel (Guia do Caminhos de Ferro, p. 45 - cit: Gomes, 1877, p. 137) a partir do passeio público ou jardim da cidade, com construção iniciada em 1862: *“Do parapeito voltado ao poente descortina-se o formoso panorama das grandes planícies, que rodeiam a cidade, listradas de prata pela corrente da ria e pelos seus lagosinhos multiformes – de longe a longe alvejantes da brancura iridiada das salinas”*.

Não sendo oportuno estabelecer qualquer semelhança com o povoamento antigo importa salientar que a análise presente da organização do espaço ocupado pela UA contempla a sua morfologia e distribuição do *habitat* edificado, consignado numa “ideia” de Universidade e de projeto que atendeu ao problema

essencial da geografia locativa (Adams et alii, 1972, p. 337): “*to select from the many possible spatial assignement patters the one pattern which maximizes the combined profits of all the firm’ plants*”. Esta preocupação esteve presente no desenho do campus que teve em conta a dinâmica associada à sua utilização e à evolução do pensamento e das práticas relacionadas com o tempo e os conceitos da construção das “*novas ou renovadas universidades portuguesas*” (Portas, 2000, p. 25) a partir do último quartel de Novecentos.

Desde conjunto fazem parte as edificações e fachadas, os espaços de circulação e descanso, os testemunhos patrimoniais da antiga cobertura vegetal e atividades rurais, as obras de arte que embelezam o espaço público, entendido (Coelho, 2018, p. 2031) como “*um valor comum, que possa ser compartilhado e onde o projecto do espaço público, o projecto urbano e o planeamento possam ser instrumentos efectivos do seu desenvolvimento*”. A este território edificado junta-se a frente natural ou ribeirinha com as antigas marinhas, toalhas de água e sapais, ladeados pela vegetação que se prolonga sobre os antigos terrenos lagunares e solos de maior fertilidade, acolhedores de diferentes espécies animais de plantas que prosperam num cenário alargado, a ria, conhecida pela sua diversidade e ecossistemas: (CESAM, 2021)¹⁹: “*um valioso laboratório, onde é possível desenvolver investigação relacionada com diversas áreas incluindo ecologia, biodiversidade, serviços de ecossistemas, ecotoxicologia, etc.*”

¹⁹ CESAM – UA (2021). A Ria de Aveiro como laboratório natural. <http://www.cesam.ua.pt/?menu=3369&language=pt&tabela=post> 14FEV23

Na sua localização o campus de Santiago integra-se numa zona urbana, a poente da cidade, que se estende para lá do parque arborizado e da baixa de Santo António. Dela fazem parte o Bairro da Gulbenkian, o Conservatório do mesmo nome (1966), a Cadeia e o novo Hospital Distrital (1969). O sítio integra-se numa área de grande fertilidade de antigos campos agrícolas onde foi construído o Seminário diocesano (1945-1955) quando da restauração da Diocese religiosa e o Bairro da Misericórdia. Esta é uma zona de depósitos de praia antiga e de terraços fluviais, ao nível dos 5 a 15-20 metros, de origem Plio-Plistocénica, trabalhados e enriquecidos ao longo de séculos pelo moliço e escasso da ria, por adubos químicos e pelo trabalho braçal dos agricultores da cidade e arredores.

A fertilização das terras contou, também, com irrigação abundante da água dos poços abertos no terreno. Para além das produções de cereais e de produtos hortícolas contavam-se se ainda, nos solos próximos da laguna, as culturas arvenses destinadas ao gado bovino leiteiro e outro. Bordejando a cidade e no espaço da ria, estas culturas disputavam estes campos com as salinas da ria, de que se evoca a marinha de São Tiago da Fonte – do Grupo Sul do ‘Salgado de Aveiro’ - , pertença da Universidade, usada para exploração salícola e desenvolvimento de ações de natureza científica e pedagógica.

Como assinala Nuno Portas (2000, p. 26) a ideia de “campus urbano” desenvolvida para a Universidade de Aveiro, conduziu à *“integração das novas unidades nos tecidos urbanos, centrais ou periféricos”* e resulta, no dizer do seu autor (op. cit., p. 25), *“da*

conjunção de oportunidades e decisões de responsáveis e consultores, a cujos resultados se costumam chamar ‘felizes’”. O início desta operação durante o último quartel de Novecentos através da construção de um “*sistema de pré-fabricação*” (Toussaint, 2000, p. 37) veio a fixar o campus da Universidade de Aveiro nos terrenos de Santiago, contíguos ao lugar do mesmo nome, situados na parte poente da antiga cidade muralhada, próximo da zona verde já instalada no Parque Infante D. Pedro e prolongamento pela baixa de Santo António.

A reserva deste extenso espaço agrícola como área de eleição para a expansão da antiga cidade da ria contemplada no Plano Integrado de Aveiro/Santiago, a cargo do Fundo de Fomento da Habitação e a possibilidade dessa ocupação, que incluía a construção de três milhares de fogos para os moradores, poder albergar as instalações da recém-criada Universidade, permitiu a implantação do primeiro núcleo de construção ainda em funcionamento. Tal como acontece com os aglomerados populacionais a expansão de núcleo académico, acompanhado de novas edificações, cursos, atividades e população, compara-se a um processo de povoamento condicionado pelo espaço disponível entre a ria, as instalações do antigo Seminário diocesano de Santa Joana Princesa e o recinto do Hospital Infante D. Pedro.

O traçado da via de circulação que contorna esta propriedade e serve de acesso aos terrenos da UA presta memória ao aveirense e cientista português do século XVIII, João Jacinto de Magalhães.



Fig. 4 - Planta do Campus – núcleo inicial²⁰
Fonte: UA

Na sua configuração geométrica elementar, o Pavilhão I assemelha-se à “*maçã de Adão*” caída do paraíso terrestre sobre os campos de Santiago, na bordadura do leito da ria e da Rua da Pega, que circunda a meridiana parte deste acidente geográfico. Do lado nascente a Rua Calouste Gulbenkian serve de porta de entrada ao local onde foi instalado o Pavilhão I do campus de Santiago, um edifício pré-fabricado com uma esperança de vida de dez anos (Est. VII). A solução escolhida albergando na mesma aglomeração edificada as unidades de ensino-investigação já estabelecidas e alguns equipamentos para o lançamento das atividades letivas, garantindo a continuidade dos serviços administrativos na Reitoria

²⁰ Pavilhão I, Departamento de Línguas, Edifício da antiga Reitoria

(Rua Mário Sacramento), constitui o embrião do complexo universitário aveirense.

Instalado em zona periférica ao centro da cidade este primitivo “lugar central” da UA (Arroiteia, 2013, p. 425) “*começando por ocupar cerca de 75 ha., constitui um facto urbanístico, dada a forma de organização do espaço interior e o traçado arquitetónico dos seus edifícios*”. Como assinala Portas (2000, p. 26) se, numa fase inicial, “*a ideia subjacente (...) de não fazer coincidir o departamento com um edifício próprio isolado, seria inovadora entre nós (...) a solução de mega-edifício compartimentável mostrar-se-ia, lá fora como em Aveiro, menos realista face ao processo de instalação a curto prazo e do inevitável financiamento gradual*”. A reformulação do projeto inicial permitiu o seu alargamento com uma ocupação de “*estrutura longitudinal*” (Portas, op. cit., p. 26), “*tipo linear*” bem conhecido na região lagunar, em especial nas Gafanhas, com a dispersão das casas ao longo das vias de circulação.

A revisão encetada por Portas (op. cit., p. 27) com base na elaboração “*de um ‘plano-traçado’ de reconversão do antecedente (...)*” assentou na fixação de

“um modelo de agrupamento dos espaços que respondesse, ao mesmo tempo, ao modelo de organização escolhido pela Universidade e à necessidade operativa de uma execução por partes relativamente autónomas (departamentos ou serviços), desde que garantissem as complementaridades funcionais de proximidade à medida que fossem construídas e postas à disposição da população universitária”.

Assim veio a acontecer dando origem a loteamentos representados nos edifícios em altura e na distribuição longitudinal-sinuosa, acompanhando o traçado da ria e o acesso rodoviário ao campus, com a implantação nascente-poente dos departamentos que circundam a avenida João Jacinto de Magalhães. Estas unidades orgânicas começaram como “sectores” científicos e núcleos funcionais de apoio ao lançamento dos primeiros cursos de Bacharelato em Engenharia de Telecomunicações, Ciências do Ambiente e Ciências da Natureza – extintos em 1977 para darem lugar ao curso de Engenharia do Ambiente – e depois de 1975/1976 aos cursos de formação de professores - Bacharelatos em Ensino - reconvertidos no início dos anos oitenta, em Licenciaturas.

Com o crescimento de alunos que acompanhou a implantação da universidade em Santiago e os investimentos para aí canalizados, o novo campus ganhou novas formas e passou a constituir um poderoso polo de crescimento urbano e da sua região como se regista através da evolução dos seus habitantes, atividades, urbanização próxima, acessibilidades e contributo ao desenvolvimento humano e regional.

As obras de construção ainda encetadas no final dos anos setenta, em 1979, incluíram a construção do Departamento de Línguas e Culturas Modernas e no início da década seguinte o edifício III, para albergar a antiga Reitoria e os serviços conexos. Estes edifícios, construídos paralelamente ao arruamento que segue em direção ao Seminário diocesano, à Capela e ao lugar de Santiago, seguem um alinhamento Nascente-Poente com frentes abertas, respetivamente, para setentrião a para meio-dia, foram dotados de Cantina dos

Serviços de Ação Social entretanto transferida da Rua Mário Sacramento onde funcionara nos primeiros tempos junto da Reitoria. No Pavilhão I foram alojados diversos Departamentos, a Biblioteca – com uma área de 351 metros quadrados - e respetivos serviços, enquanto prosseguia o processo de aquisição e regularização dos terrenos agrícolas para construções futuras.

Os acessos a esta parte do campus foram desenhados contornando a mancha do bairro da Misericórdia, construído na década de quarenta de Novecentos para apoio aos funcionários do hospital dessa Irmandade, antes da sua integração nos serviços hospitalares oficiais. Neste loteamento encontramos a primeira obra de arte pública do campus, edificada em mural de azulejo, com o brasão da UA.

O núcleo antigo de moradias foi construído pela Santa Casa da Misericórdia de Aveiro em terrenos anexos ao novo hospital, ao abrigo do Decreto-Lei nº 34 486, de 6 de abril de 1945, como *“solução do problema de habitação das classes trabalhadoras”* e edificação *“das chamadas ‘casas económicas’, cujo regime transformará gradualmente o ocupante em proprietário”*. Assim o estipula o Art. 1º do referido documento: *“O Governo promoverá, no prazo de cinco anos, por intermédio dos corpos administrativos e Misericórdias, a construção de 5.000 casas destinadas ao alojamento de famílias pobres nos centros populacionais do continente e das ilhas adjacentes”*.

Como afirmara o Ministro da Educação Nacional, Professor Veiga Simão por ocasião da tomada de posse da Comissão Instaladora da Universidade de Aveiro: *“Na serena construção do*

futuro e na defesa de valores sagrados e permanentes, vai erguer-se a Universidade de Aveiro. Voltada para servir as gentes da região, já nasce como depositária de nobres ideais". Este constitui um desígnio e um processo que tem vindo a consolidar-se durante este meio século da sua existência. Numa fase inicial as decisões sobre as novas edificações da UA mantiveram-se na dependência do Ministério da Educação, através da Direção-Geral do Ensino Superior e de financiamento público. De acordo com o Reitor J. Renato (UA, 2013, p. 25) o projeto apontava para a construção de *"duas linhas de edifícios paralelos, construídos em altura"* Mais ainda (loc. cit.) esta opção cortava *"a relação da academia com a ria, um dos elementos estruturantes da Universidade (...)"*.

Este primeiro conjunto edificado próximo do Pavilhão I (Portas, 2000, p. 38), *"dentro de uma perspetiva de clara modéstia, quer em dimensão quer em orçamento, mas já não entendidos como ação provisória"*. Assinala o mesmo autor (loc. cit.) que *"a elaboração do primeiro plano urbanístico para a Universidade de Aveiro, que acabou por abranger toda a área entre o Seminário e a ria, continuando ao longo da aldeia de Santiago e prolongando-se até á zona da Agra do Crasto para além do braço da ria (esteiro de S. Pedro)"*. Em vigor estava o plano urbanístico de Rebello de Andrade & Espírito Santo (op. cit., p. 39) – PGUA – 1979 - que determinava uma ocupação do solo com *"longos e baixos edifícios, em dupla banda, cuja implantação algo sinuosa acompanharia 'grosso modo' a margem da ria e, ao mesmo tempo, desenvolver-se-ia em volta do Seminário"*.

segunda metade edificada depois da construção do núcleo antigo do campus de Santiago, delimitado pelo curso de uma antiga linha de água onde foi implantado o Jardim do Espelho de Água - lagoa sanitária - entre o antigo Departamento de Cerâmica e do Vidro e o primeiro edifício da Reitoria. A poente desse jardim, identificado na cabeceira sul pela obra de arte pública “Animal Alma”²¹ (Est. VIII) instalaram-se os departamentos de Engenharia Cerâmica e do Vidro, Biologia, Eletrónica e Telecomunicações, Ambiente e Ordenamento.

O CIFOP teve financiamento do Banco Mundial depois de convite do respetivo Ministério à apresentação de candidatura, em 1977/78, destinado a dar resposta às necessidades de formação de docentes dos diversos níveis de ensino decorrentes da democratização do ensino na educação infantil, ensino básico, ensino secundário e ensino superior. Paredes meias com a Praça Central este edifício estabelece a ligação entre dois patamares do Campus, ligados entre si pela escadaria de acesso sobre o topo norte da Zona Técnica Central: a zona baixa das margens da Ria e o nível superior do terraço marinho onde se situam os demais edifícios universitários, o Seminário Santa Joana Princesa, o Hospital e outras edificações urbanas que beneficiam, na sua acessibilidade e imagens, da presença das obras de arte do campus da UA.

²¹ Manuel Patinha: Material: aço galvanizado; Dimensões: 335x216x108 cm; Colocada no campus no ano 2000.

https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1876 6SET22

O caminho da Reitoria, ladeado pelas “Estátuas de pedra” (Est. IX) de Paulo Neves²² sugerem a entrada em local de recolhimento e ação, em claustro representado na galeria do adro central onde desemboca este primeiro núcleo. No topo desta estrutura “linear-sinuosa”, com pátio aberto para o exterior, restam vestígios do arbóreo primitivo e bancos de jardim. Por sua vez a Galeria que une este conjunto edificado topa com o Centro Integrado de Formação de Professores onde ficou instalado o Departamento de Didática e Tecnologia Educativa e serve ainda o Departamento de Ciências da Educação.

Este bloco abre-se para a Rua J. J. Magalhães servindo a aba lateral sul de remate à Praça Central. Deste local avista-se a paisagem primitiva da ria e o espelho de água que a circunda descrito por Raul Brandão como um local onde “*Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutra país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado*”. O conjunto anterior termina na Praça Central e realça (Portas, op. cit., p. 41) “*a imagem geral do Campus espraiando as suas massas arquitetónicas pela horizontalidade das margens da ria*”.

Ainda que carecendo de novo arranjo externo onde sejam incluídos símbolos alusivos ao sistema claustral – tais como o sino, o relógio solar e a rosa-dos-ventos – a Praça Central inclui obras

²² Materiais: pedra; Colocação no Campus em 2001; Local: Jardim junto à
Materiais: pedra; Colocação no Campus em 2001; Local: Jardim junto à
entrada do edifício da Reitoria. https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1877
22FEV23

alusivas da antiga civilização mediterrânica expressas na disposição e bancadas do antigo teatro romano. Por sua vez os pilares da galeria exterior aos edifícios, *“lembrando as colunatas dos fóruns das cidades romanas em ruínas”* (Toussaint, 2000, p. 44) -, em forma de anfiteatro, quebra a ação dos ventos de norte (loc. cit.) e alarga o horizonte de visibilidade em redor (loc. cit.), *“possibilitou a existência de um elemento estruturante fundamental para o futuro do Campus”*.

Através da utilização de um artifício de construção o seu traçado acima do solo permitiu a utilização do piso inferior para a implantação da Zona Técnica Central, que serve desde o seu início a própria Universidade que a utilizou para serviços internos e oferta de diversas funções essenciais à vida da comunidade académica e da população vizinha. Nesta como noutras situações urbanas, a universidade constitui-se como um “produtor urbano” de serviços e de atividades, ensino, formação, investigação e, também, de lazer e convívio. A abrangência de funções e a afluência de novos alunos levou à revitalização do mercado de construção e de aluguer, prestação de serviços, oferta de equipamentos e transportes, tanto mais abundantes quanto se acentua a centralidade das funções, a extensão das áreas de influência do campus, a hierarquia das funções existentes. Neste lugar, à superfície distribuem-se os serviços essenciais à vida académica, tais como o restaurante universitário, a biblioteca central e Reitoria.

Para Alves (2009, p. 112) a Biblioteca beneficia *“de uma localização privilegiada na área central da Universidade, e no vértice do grande espaço público da Universidade composto pela*

alameda e pela praça”, onde se ergue o edifício da Reitoria servido por um adro adjacente, em nível inferior, mas ligado em degrau ao piso da plataforma central que determina o nível pedonal das construções que integram um terceiro núcleo e a segunda metade do campus de Santiago. Esta combinação de arranjos torna a acessibilidade do campus possível a utentes portadores de deficiência através de rampas de acesso a vários locais.

Sobre o traçado destes edifícios, Toussaint (2000, p. 46) realça o significado da Biblioteca, anexa à Praça Central, cuja construção *“definiu-lhe um ângulo, diminuindo o excesso de abertura à ria”*, imagem esta completada internamente através do janelão aberto para a ria que enfeita o topo norte deste edifício. Por sua vez a Reitoria (loc. cit.), *“que faz parte simultaneamente da Praça Central e do conjunto ‘claustral’”* é o símbolo do “governo” da organização universitária e, por isso, do equipamento único, a Aula Magna, aberta sobre o átrio principal desta construção (loc. cit.) *“que se assinala igualmente como porta para a praça Central para quem vem fora do Campus”*.

Na sua relação com as obras de arte pública existentes, se o conjunto de “Estátuas de Pedra” (Paulo Neves, 2001)²³ pode evocar a memória de todos os que por aí caminharam no decurso da sua vida académica, profissional e estudantil, já a obra de arte de Xico Lucena (2009)²⁴ – “Onírica serenidade na esperança”- colocada à

²³ Estátuas de pedra – Paulo Neves; Materiais: pedra
https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1877 10SET22

²⁴ Onírica Serenidade na Esperança” – Xico Lucena; Materiais: granito;
Dimensões: 95x210x85cm https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1885
7SET22

entrada do edifício da Reitoria (Est. X), completa, não só o sentido da obra anterior, como evoca os procedimentos e rituais da praxe acadêmica e os “aluviões” que em tempos idos tiveram lugar no poço aberto junto da Zona Técnica Central antes da construção desta nova parte do campus universitário.

Articulado na sua conceção e utilização com o “nó” de circulação pedonal o espaço adjacente surge decomposto em duas manchas de construção distintas:

➤ - A mais antiga, a Nascente, identificada pela “linearidade sinuosa” (Portas, 2000, p. 30) dos seus edifícios e artérias de circulação pedonal, desenhadas entre o espaço da ria e o eixo interno de circulação rodoviária que segue desde a rotunda do Hospital, separando o parque público e os terrenos do Seminário, até ao lugar de S. Tiago. A “*megaestrutura*” (op. cit.) apresentada no plano inicial, em forma de U aberto para a Praça Central, estava previsto desenvolver-se (Brazão, 2018, p. 24) em

“dois pares de complexos lineares, inseridos num espaço livre ajardinado. O primeiro par partiria da zona dos dois edifícios iniciais: um deles permanecendo paralelo ao limite do Seminário, o outro abrindo rumo à boca da Esteira de São Pedro. Do seu término junto ao Seminário seguiria o segundo par, com dois complexos sempre paralelos entre si. No seu conjunto completariam uma curva reticulada à volta do quarteirão do Seminário, até ficarem paralelos à Esteira junto à zona sul do Campus.”

A imagem desta parte antiga do campus objeto do primeiro plano (PGUAZ) evidencia a metodologia seguida pelos seus autores, “de

cariz determinística” (Mendes, 2013, XXXVI): *“El plan se caracterizaba por una gran rigidez de formas y volúmenes, y ha sido elaborado sin ningún tipo de construcción de consensos.”* Alterada pela revisão confiada ao Arquiteto Nuno Portas a estrutura atual, com os seus espaços verdes e equipamentos científicos, via de acesso e estacionamento em *“cul de sac”*, mantém-se como reserva para novas instalações que o tempo determinará.

Como assinalado a paisagem urbana desta primeira metade do campus conserva a presença de um conjunto de oliveiras que assinalam a vocação agrícola deste solo, enriquecida no muro lateral sul do edifício do CIFOP por um painel cerâmico de José Penicheiro (2004)²⁵ – “Voar mais alto” (Est. XI). A representação comum de símbolos da região lagunar e das atividades do campus reforça a imagem de uma *“instituição complexa que é uma Universidade numa Sociedade crescentemente sofisticada”*, tal como escreveu o seu primeiro Reitor (Gil, 1976, p.4), a qual *“traduz-se necessariamente numa estrutura e numa organização complexas, que terão de ser suficientemente flexíveis para poderem acompanhar as rápidas evoluções do conhecimento e da sociedade”*.

As sinergias que desde o início da sua instalação foram estabelecidas entre diversos atores académicos, arquitetos e entidades a nível local e regional mostram, no seu conjunto, como tem sido possível superar os desafios paisagísticos e arquitetónicos

²⁵ “Voar mais alto” – Zé Penicheiro; Materiais: painel em cerâmica; Dimensões: 15,6×5,5m
https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1880 7SET22

que enfrenta a nova Universidade na continuidade da sua expansão para o território vizinho das margens da laguna e para além do esteiro da cidade.

➤ - A mais recente, estruturada por ação do Arquiteto Nuno Portas, constitui a segunda metade do campus, desenhada (loc. cit.) em função do traçado de um amplo jardim-avenida com *“duas alas que pretendiam conformar um espaço de ‘praça’ a que as galerias exteriores cobertas, nos três lados construídos, dariam uma conotação ‘claustral’”*. Assim foi conseguido. Para Toussaint (2000, p. 42) este *“sistema claustral ou de arcada urbana”* em forma de alameda e articulada com a Praça Central, plenamente aberto, estabelece (loc. cit.) a continuidade direcional e reforça *“o sentido estrutural da praça, mas terminando fechada no outro extremo mostrando-se assim como um sistema limitado e encaixado entre a aldeia de Santiago, a área desportiva (...), e a área destinada às residências de estudantes junto à avenida”*.

Segundo o estudo de Mendes (2013, XXXVI) a metodologia em *“El segundo plan (RPGUA) se orientaba gerencialmente y no formalmente. El plan definía solamente la volumetría de construcción máxima, sin restringir innecesariamente los futuros proyectos de arquitectura, más buscando asegurar el establecimiento de directrices con los autores cómo forma de asegurar su viabilidad.”*

Mais ainda (loc. cit.): *“La metodología utilizada en el RPGUA, al contrario, ha contado con el elemento “tiempo”. El plan ha esbozado las áreas destinadas a los edificios através de la definición de los espacios colectivos (“proyecto del suelo”). Ha permitido,*

consecuentemente, ‘diseñar el campus sin diseñar los edificios’ (...).’



Fig. 6 - Planta do campus – sistema claustal

Fonte: UA - Legenda:

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|---------------------------|
| 5 – DEP/Mediatca/UATEC | 17 - Bibl. Central/Sala Exp. | B – Resid. Estudantes-SAS |
| 6 - Catacumbas ²⁶ | 21 – DECA | E – Pav. Desp. A. Hall |
| 7 – DAO | 22 – DEM | F – Rest/Snack-Bar |
| 10 - DEGEIT | 23 - CPCT | G – Creche/J. Infantil |
| 11 - DM | 25 – Ed. Reitoria/Adm. | K – Pista atletismo |
| 12 - DCSPT | 27 - STIC | Q – Livraria/S.Exp/CEJ |
| 13 - DF | 28 - DEC | P - Parques |
| 14 - DF | 29 - CLT | |
| 15 - DQ | 35 – ISCA-UA | |
| 16 - DG | 40 - CCCI | |

Resultado da “revisão urbanística” a que o primeiro plano geral da Universidade foi sujeito, o “*sistema claustal*” (op. cit., p. 43) “*concretizou-se com uma galeria em torno da alameda, constituindo-se como um percurso principal para peões e*

²⁶ SAS/Refeitório/Balcão CTT/Parafarmácia/Centro de Cópias/Cafeteria/Loja AAUA v/ Caixas Multibanco/ Centro de saúde Universitário/Quiosque/ Helpdesk

intimamente ligado à Praça Central, à volta do qual se agregariam os edifícios autónomos ‘segundo os princípios de espinha’”. Este constitui-se como um sistema com “*conotação claustral*” (Portas, 2000, p. 30) que permitiu o desenvolvimento do jardim-alameda. Em torno deste (Alves, 2009, p. 100) foram implantados

“os edifícios interdisciplinares autónomos, gera uma rede de departamentos que se interligam entre si, mantendo a sua autonomia arquitetónica, permitindo assim a localização de possíveis novos edifícios na mesma lógica de espaço urbano, sem prejudicar a linguagem do conjunto”,

reunida em torno da alameda que circunda este núcleo.

Contrariamente ao sistema claustral medieval as salas de aula, cantina e refeitório, biblioteca e capela, residências de alunos e de mestres, correspondem às portas dos vários edifícios que se abrem para os *Hall* de entrada de instalações modernas. A partir daí divergem as “ruelas” internas preenchidas pelos corredores que dão lugar aos gabinetes e salas de aula, aos laboratórios e anfiteatros que permitem fazer girar as pessoas e, com elas, o conhecimento dos que diariamente se dedicam ao ensino, à investigação, às tarefas de desenvolvimento humano e científico dos alunos e formandos que procuram esta casa.

Para além do centro de irradiação nodal os equipamentos sociais de apoio à população estudantil e universitária permitem satisfazer as necessidades dos residentes e clientes, com a oferta de capacidade de alojamento que ultrapassa um milhar de camas disponíveis e a prática das modalidades recreativas e desportivas, nomeadamente as

modalidades desportivas de competição que ultrapassam uma dezena e meia²⁷ de exemplos.

Uma vez transposto para outros cenários públicos, de natureza religiosa, a distribuição claustral prossegue uma estratégia de construção, modelo “Santuário” (Adams et alii, 1972, p. 514-515) confirmando, desta forma, *”many decisions are influenced by both physical and cultural environmental factors, as well as by distinct personality traits and other particular characteristics of decision-maker”* aqui representado pelo modelo de jardim-alameda.

A entrada nascente da galeria recorda à população estudantil o “Sapo”²⁸ (Est. XII), *“animal anfíbio do mesmo nome”* que habita nas margens da ria, na simbologia (Sapo 24)²⁹ do *“maior apontador e site de informação em língua portuguesa da Internet que conhecia a luz do dia, a partir de uma brincadeira estudantil (...)”*. Desde 1995 que este é um

“portal e fornecedor de produtos e serviços para internet em Língua Portuguesa, ultrapassou já um milhão de visualizações diárias e “procriou”, alargando-se a Angola, Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste, em sapos descendentes, uns mais larvares, outros mais adultos”.

Na sua relação com o ser anfíbio que lhe deu o nome, a obra de arte em questão evoca ao caloiro recém-chegado à UA a possibilidade de ascensão social permitida pela titularidade de um

²⁷ UA – sobre a ua - <https://www.ua.pt/pt/factos-numeros> 23SET22

²⁸ 1995.Sapo – Paulo Neves; Materiais: mármore;
Colocação no Campus: 22 de outubro de 2014
https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1890 19SET22

²⁹ Sapo 24 - <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/ha-25-anos-uma-brincadeira-de-estudantes-da-universidade-de-aveiro-fez-nascer-o-sapo> 7SET22

diploma e ilustrada na extensão do salto deste familiar da ordem *Anura*, encontrado nos sapais da laguna de Aveiro.

O loteamento em torno da galeria com a forma de U abre-se do lado nascente para a rua de Santiago que contorna todo o Campus e faz sua ligação com a rua da Pega. Esta artéria faz parte da (Portas, 2000, p. 31) “*rede viária principal exterior ao ‘campus’, melhorando os seus acessos, quer de transporte individual quer colectivos*”. No lado nascente a obra de arte pública – “Places under sky”³⁰ - situada no pequeno jardim da Reitoria (Est. XIII) evoca, no material escolhido, a madeira, a importância da vegetação que fixou as dunas da região litoral marinha; na sua organização e efeitos, os padrões geométricos de uma ocupação linear e as trajetórias aéreas que os aproximam. A descrição do mesmo indica:

“Desenvolve-se numa composição de linhas geometrizes, de vários elementos paralelepípedicos que emergem do solo em alturas diversificadas, destacando-se nas extremidades opostas (dois de um lado e um do outro) três elementos arqueados apontados ao céu. Estabelece uma certa interactividade com o espectador, permitindo que este se movimente entre os seus elementos, mesmo sentar-se em alguns deles ‘observando o universo’”.

A abertura interior para o jardim-alameda e galeria que o acompanha é ocupado pelos diversos departamentos, laboratórios e serviços da academia, assemelha-se a pequenos quarteirões urbanos, com a vida própria alimentada pela frequência dos alunos em cursos

³⁰ Places Under Sky – Panaite Chifu; Materiais: madeira; Dimensões: 500x740x890cm https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1881 10SET22

e atividades de ensino e investigação. Alguns deles dispõem, também, de cafetarias com acesso ao espaço público, engalanado com novas obras de arte, de Paulo Neves (Est. XIV)³¹ e outros autores. Separado por vias de acesso e pátios interiores, o espaço interno do campus conserva traços de uma ruralidade baseada no tapete verdejante, nos poços de água para irrigação dos campos, nos troncos das antigas oliveiras dos campos agrícolas e na sua ligação com as antigas vias de acesso e caminhos vicinais hoje recuperados no eixo rodoviário externo que ladeiam os edifícios.

A ligação ao povoamento mais antigo faz-se pela Rua de Santiago. O conjunto “claustral” dos edifícios construídos, das galerias laterais e da praça interna remata a Sul com a figuração de um pequeno anfiteatro e com o edifício do Complexo Pedagógico, o único (Toussaint, 2000, p. 48) que “*é contaminado pela curva da via exterior do conjunto Claustal*”. Um compromisso com o traçado do eixo interno que o conduz para fora do mesmo a lembrar a “Tensão bio-gravítica” – e outras tensões sociais – evocadas na obra de Xico Lucena³² presente em frente do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico (Est. XV).

Esta edificação harmónica no topo do edificado sul concorre com a antiga visão de uma construção maciça e fechada, aberta para um pátio interno, ora substituída pela sua abertura ao claustro e às

³¹ UA – Galeria Materiais; mármore; Dimensões: 270x150x120cm; Colocação no Campus no ano 2010 https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1889 23FEV23

³² UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/53233%20> 14FEV23 30
Materiais: granito; Dimensões: 390x90x27cm
https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1884
10SET22

galerias que o circundam. Um interessante arranjo do espaço constituído por representações³³ “*de animais, anjos, sonhos e outras visões que enriquecem a alma do Campus*” concebido, como assinala Toussaint (2000, p. 112), com “*uma planta em quarto de círculo, em parte fruto da junção dos três anfiteatros, em parte acompanhado a curva da via para automóveis que circunda o conjunto do jardim alameda*”. Na sua relação com o complexo edificado, o seu autor (loc. cit.) valoriza “*uma expressão de geometria simples e claro jogo de volumes num edifício atento às diversas exposições solares, tirando daí também partido estético, mas igualmente atento à captação da luz natural, valorizando os espaços comuns*”.

A lembrar, talvez, as alterações climáticas e a consequente redução da precipitação e escassez no velho continente, a torre do depósito de água (loc. cit.)³⁴, desenhada por Siza Vieira, com os seus cerca de 30 metros de altura culmina o sistema claustral “*com a sua eficácia expressiva*” e desenho que se reporta (op. cit., p. 86), “*ao tipo arquitetónico habitual, distinguindo o depósito propriamente dito como uma caixa que contém o líquido, apoiado numa estrutura de suporte*”. No seu alinhamento desenha-se a ponte pedonal sobre o esteiro e sapal de S. Pedro, aberto à Lagoa do Paraíso, que permite a comunicação com a Agra do Crasto. Nesta parte foram inscritas, pelo novo plano desta área, unidades I&D previstas no PGUA (Alves, 2009, p. 102) e acrescentadas “*funções que não encaixavam no Plano revisto. Estas funções de apoio social e de lazer da*

³³ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/53233%20> 14FEV23

³⁴ Destinada ao abastecimento da água do campus

população académica são implantadas na zona norte do terreno disponível, abraçando o esteiro e recebendo a ponte pedonal também da sua autoria alinhada com o depósito de água”.

A paisagem urbana desta parte da cidade, aberta ao público na sua estrutura e circulação e devidamente enriquecida por diferentes obras de arte, completa o património edificado aveirense. Isaque Pinheiro³⁵ evoca o saber escutar e o silêncio da ria e do seu campus (Est. XVI); por sua vez, Volker Schnüttgen³⁶ (Est. XVII) em enigmático bloco de pedra recorda à população e visitantes a ideia e missão da universidade no aperfeiçoamento e desenvolvimento humano dos que a frequentam.

O conjunto de obras expostas que fazem parte da coleção de Arte publica – *“esculturas e murais que embelezam a paisagem circundante e tornam a arte fisicamente acessível a quem passa”* (UA, GaleRia)³⁷ - e as que se encontram no interior e de alguns edifícios - Reitoria, Dep. Ambiente e Ordenamento, Dep. Geociências - enriquecem o repositório de arte contemporânea que embeleza o campus (Cf. Notícias – UA, 2018)³⁸. Destacamos, à entrada do edifício reitoral o *“Grande Enlace”*, de Manuel Patinha³⁹ (Est. XVIII) evoca a complexidade das decisões e questões que alimentam a vida interna e externa do Campus, dos seus órgãos de

³⁵ Materiais: mármore; Dimensões: 120x220x180cm; Colocação no Campus no ano 2010. https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=188 10SET22

³⁶ Materiais; mármore; Dimensões: 230x190x120cm; Colocação no Campus no ano 2010. https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1887 5OUT22

³⁷ UA – GaleRia - https://blogs.ua.pt/galeria/?page_id=1874 22FEV23

³⁸ UA – Notícias: Cultura e Desporto https://blogs.ua.pt/galeria/?page_id=1874 22FEV23

³⁹ Materiais: Aço e Vidro Espelhado; Local: átrio de entrada do edifício da Reitoria. https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1886 22FEV23

governo e da vida da comunidade académica. Neste exemplo cabe a palavra de ordem: “Ala arriba” intuída na mensagem transmitida pelo mural de Zé Augusto (DAO) de um “aluvião” trazido das brumas atlânticas de uma, qualquer póvoa litoral, que introduz o caloiro recém-chegado na vida escolar dos seus colegas de curso e da academia (Est. XIX).

Neste contexto outras dimensões da vida são evocadas em obras de arte⁴⁰:

- Biblioteca Calandra (Manuel Patinha)⁴¹
- Compl. Peagógico “Un Sueño Soñado en la Escalera” (Paco Pestana)⁴²
- Restaurante (Craсто) “Os Anjos também têm asas” (Paulo Neves)⁴³
- Dep. C. Sociais P.T. Título desconhecido (Milu Sardinha)⁴⁴
- Geociências Título desconhecido (Francisco Laranjo)⁴⁵

À sua dimensão o “campus-cidade” da UA compõem-se de sítios e de lugares de eleição, de pequenos povoados habitados por tribos de diversa natureza, com interesses comuns e dissemelhantes, convidados a contemplar, em momentos de lazer e de maior tensão, as manifestações artísticas de um legado que deve ser continuado (Queirós, 2022, p. 33) “*com confiança no futuro*”. A reabilitação e intervenções em curso (op. cit.) assim o exigem e distinguem por forma a valorizar o sistema claustral e acolhedor do campus, aberto à cidade e ao exterior, aos ventos e brisas da ria, à inovação e mudança presente na vida de qualquer organização social.

⁴⁰ Ver: UA - https://blogs.ua.pt/galeria/?page_id=1874 22FEV23

⁴¹ Materiais: aço galvanizado

⁴² Materiais: madeira

⁴³ Materiais: madeira

⁴⁴ Materiais: barro (materiais e produtos cerâmicos)

⁴⁵ Materiais: barro (materiais e produtos cerâmicos)

Contrariamente ao padrão linear e geométrico inicialmente previsto a distribuição dos demais edifícios no Campus acompanha o modelo tradicional de dispersão geográfica ordenada dos campos e dos caminhos de outrora que atravessaram esta parte da povoação na sua ligação à ria e marinhas, aos esteiros e juncais que garantiram a subsistência dos marnotos e agricultores residentes nesta parte da antiga vila de Aveiro e cidade, elevada a esta categoria pelo monarca, D. José, em 11 de abril de 1759.

Fundidas em metal ou talhadas em pedra, isoladas ou em local mais frequentado, as obras de arte públicas e urbanas do Campus relembram à população circulante o concurso de várias áreas do saber na formação académica e as diversas funções da academia, nomeadamente a educação (Durkheim, 2013), ensinadas nos programas de formação de professores iniciados com a introdução do “modelo integrado” defendido pelo antigo Vice-Reitor João Evangelista Loureiro. No seu início este modelo assentou na formação científica de base, em disciplinas de natureza psicopedagógica e na “prática pedagógica” integrada realizada nas escolas da região.

Juntamente com outros modelos estabelecidos nas Universidades clássicas, a UA e as demais universidades novas que adotaram este modelo de formação distinguiram-se pela matriz destes cursos, pela integração e socialização, legitimação do conhecimento e capacitação profissional, seleção e mudança social, desenvolvida pelos seus diplomados. Evocando este tipo de formação e a ligação

às escolas do meio, o “Painel Timor”⁴⁶(Est. XXIII), exposto na escadaria do edifício do CIFOP, amarra a visualização externa dos azulejos criados nas escolas da área de Aveiro aos problemas sociais do nosso tempo ligados à independência de Timor, à formação de professores e às realizações de amizade e de cooperação desenvolvidas entre a UA e este país membro da CPLP.

Longe de se constituir um assunto à parte da análise tradicional do habitat humano importa cada vez mais à geografia e, sobretudo à geografia das cidades e à geografia cultural, a criação artística urbana no seu simbolismo e distribuição na paisagem, na sua articulação com o espaço vivido e o espaço social destas concentrações humanas (Claval, 1995 e 2003) e a valorização de novas áreas do saber na compreensão e solução para inúmeros problemas sociais e humanos.

A ação do homem sobre a paisagem não se limita ao arranjo da terra, à introdução de novas plantas e plantações, ao arranjo dos campos e das áreas florestais, à abertura de caminhos e vias de circulação, ao seu ordenamento, alargamento de espaços construídos e verdes, ao desenvolvimento de atividades e animação humana. O edificado segue as regras específicas do planeamento e do urbanismo na sua distribuição, volume, materiais de construção e fachada, replicando padrões arquitetónicos antigos, renovando a fâcias dos novos edifícios e construções, valorizando o espaço público e urbano com obras que promovam o seu embelezamento e

⁴⁶ Painel de Timor – crianças das escolas do pré-primário e 1º ciclo da região de Aveiro. Materiais: azulejos e tintas para azulejo
https://blogs.ua.pt/galeria/?attachment_id=1879 10SET22

valorização. No caso presente a morfologia estabelecida nos planos da universidade contempla a exposição de obras de arte no espaço público que enriquece o cenário edificado, tornando acessíveis ao grande público o trabalho de arquitetos e de artistas que melhor contribuem para a compreensão dos laços sociais evidentes nas paisagens humanizadas.

Longe de se aprofundar uma análise neste contexto importa relevar o entendimento das autoridades académicas em promover, através da exposição permanente destas obras, novos domínios de saber que fortalecem a ideia e o sentir do conhecimento promovido pelos seus criadores e artistas na divulgação do seu trabalho e mensagem à comunidade (Grésillon, 2008) académica e à cidade que a acolhe.

Tal como acontece com a urbe aveirense o aumento das funções do campus urbano de Santiago levou à expansão do seu perímetro anexando lugares à sua volta, dando origem a arrabaldes, articulados com a cidade-mãe nas suas funções e mobilidade. Assim aconteceu aquando da integração do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro na Universidade, no ano 2000 e, posteriormente, com a criação da “Fábrica Centro de Ciência Viva de Aveiro”⁴⁷, em Junho de 2004 – resultante de uma parceria entre a Universidade de Aveiro e a Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica. Esta unidade integra a Rede Nacional de Centros Ciência Viva, tendo aproveitado as instalações da antiga “Companhia Aveirense de Moagens”, símbolo da

⁴⁷ Fábrica: centro ciência viva <https://www.ua.pt/pt/fabrica/page/22057> 7SET22

industrialização aveirense (Est. XXI). A antiga unidade fabril foi construída no início do século XX, em 1904 (Rodrigues, 2004), quando

“Uma equipa de técnicos estrangeiros instala a máquina a vapor e demais equipamentos, no início de 1904. A imprensa dá conta do curso dos trabalhos, considerando ‘audaciosa e perigosa’ a iniciativa, ‘atendendo à crise que presentemente atravessam as fábricas de moagem’; (...). Em Junho desse mesmo ano, prestes a iniciar a produção, a empresa anuncia a ‘moagem de milho e trigo, à qual se adicionará o fabrico de massas alimentícias, descasque de arroz e serração de madeiras”.

Aproveitando a energia a vapor e mais tarde a energia elétrica, a “Companhia Aveirense de Moagens” é constituída em 1920 funcionando até à segunda metade de Novecentos. Na sua apresentação a Fábrica de Ciência Viva regista: *“com o tempo, evoluiu para uma “fábrica de conhecimento”. A Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro está aberta ao público desde 2004 (...). A sua grande missão é a divulgação da ciência e a promoção de uma cultura científica e tecnológica, transversal a toda a sociedade”.*

Acerca da escola de ensino superior politécnico, ISCA-UA, a sua história remonta ao ano de 1965/66

“com a criação da Escola Média de Comércio de Aveiro, escola particular destinada a formar contabilistas. Os seus alunos tinham que realizar exames no Instituto Comercial do Porto que, no ano letivo de 1970/71, foi autorizado a criar a secção de Aveiro (...). Em 1973, nasce o Instituto Comercial de Aveiro, com a autonomização da secção de

*Aveiro face ao Instituto Comercial do Porto. Em 1975, esta escola de Contabilidade passa a conferir o grau de bacharel*⁴⁸.

Nos anos seguintes, em 1976, o Decreto-Lei 327/76 cria o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro, que por força do Decreto-Lei nº 530/99 foi integrado na Universidade de Aveiro.

Em lugar próximo do campus de Santiago, na Agra do Crasto, localiza-se a Escola Superior de Saúde, diferenciada das demais pelo domínio de formação, localização nos terrenos do Crasto e acessos. Tal deve-se à necessidade expansão do campo universitário para sul em terrenos considerados como zona de expansão desde a elaboração do primeiro plano urbanístico para a Universidade de Aveiro, obrigando à ocupação deste território através da construção da “Ponte pedonal” que atravessa o esteiro de S. Pedro (Est. XXII). O desenho desta obra foi traçado de modo a que *“transpusesse delicadamente o braço da ria, tornando o percurso mais curto na perpendicular à encosta poente, aresta central da Agra do Crasto”* (Toussaint, 2000, p. 49).

Na articulação com o campus limítrofe, *“formalmente independente do ‘campus’ inicial, ainda que assente numa malha regular, destinado em princípio à expansão da área social”* (Portas, 2000, p. 31) abre-se, na sua utilização (loc. cit.), a *“atividades laboratoriais e de investigação aplicada, cujo volume e ritmo de crescimento não dependem apenas da vontade da Reitoria e dos Departamentos, mas do contexto económico ou produtivo regional”*.

⁴⁸ Aveiromag: <https://www.aveiromag.pt/2021/10/20/isca-ua-assinala-esta-sexta-feira-o-seu-50o-aniversario/> 6SET22



Fig. 7 - Agra do Crasto

Fonte: UA – Legenda

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 30 – ESSUA (Escola Superior de Saúde) | B – Residências de Estudantes |
| Departamento de Ciências Médicas | M – Complexo: Refeitórios do Crasto |
| Centro de Saúde Universitário | N – Casa do Estudante – sede da AAUA |
| 41 – Sintético da UA | L – Ponte Pedonal |

Decorrido algum tempo, Toussaint (2002, p. 52) assinala que no processo de construção deste Campus, “*pode-se reconhecer que a vontade em querer ter uma orientação clara determinou as fases posteriores às primeiras intervenções*”. Contudo, a relação entre plano e o desenho “*foi bastante pacífica, já que quem promove um promove o outro, dando indicações claras aos autores dos projectos*”. Donde (loc. cit.): “*Os autores dos planos têm aqui o privilégio de ver cumpridas as suas intenções, apesar da possibilidade de haver posições críticas negativas após a experiência de alguns anos*”.

Este constitui um compromisso e um sinal de unidade para o futuro, de cooperação com legado urbano edificado e os interesses da autarquia em relação ao aproveitamento das áreas anexas ainda

disponíveis. Tal confere a maior atualidade à reflexão de Adams (Adams et alii, 1972, p. 554) que a propósito da implantação de Universidades nos EUA, longe dos grandes centros urbanos, “*from the major central places of a nation’s urban hierarchy*”, escrevem (loc. cit.):

“our prognosis is that the spatial arrangements of people and their activities will become even more scattered at local scales as more eficiente space adjusting techniques enable private, business, and governement decision-makers to weight amenity even more heavily in locational equations than they do now”.

Em qualquer país a carta desta distribuição estará sempre ligada não só a aspetos de natureza económica, mas também ao poder de decisão política, às estratégias do poder local, à ação dos seus atores, aos interesses da população e aos que por razões de diferente natureza se acolhem temporariamente às cidades dotadas de equipamentos de ensino expressivos da educação terciária.

Na vertiginosa mudança dos nossos dias as certezas do futuro são difíceis de prever. Acompanhamos por isso o Reitor (Ferreira, 2022 – Editorial), na certeza de que

“Vivemos um momento-chave do desenvolvimento da Universidade de Aveiro. O crescimento e afirmação da internacionalização, da investigação e da cooperação, a transformação nos métodos de ensino, os novos públicos e a transição entre a dimensão local e global estão a mudar a Universidade. Gerir este processo e preparar a Universidade para o futuro e para as próximas gerações é o principal desafio que temos pela frente.”

Neste processo serão tomadas novas e importantes decisões sobre a expansão de novas áreas de saber e do correspondente alargamento de espaços para albergar alunos e investigadores, equipamentos e funções. No contexto atual o alargamento das principais funções da UA é inevitável conduzindo a alterações da paisagem urbana na mesma linha de procedimentos das que foram traçadas e concretizadas desde os finais dos anos oitenta e cujos traços de originalidade, qualidade e arte num processo de “*avaliação crítica*” (Toussaint, 2000, p. 52) induzida pela diversidade da população e dos interesses que dominam a vida do campus.

A prosseguir o mesmo rumo será então altura de repensar a memória e os contextos do passado, as circunstâncias e as conjeturas do momento, a sustentabilidade ambiental, económica e social (Ferreira, 2021)⁴⁹, assente em diferentes pilares: “*uma formação interdisciplinar, envolve as regiões, as empresas e a sociedade, e cruza o ensino e a investigação, na procura de soluções para tornar as cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis*”. Tal dará continuidade à harmonia de uma ruralidade latente nas margens da ria, às formas diversas e “*sentidos múltiplos*” (Ledrut, 1984, p. 103) de uma antiga mancha agrícola identificada pelos seus quintais e caminhos, culturas e explorações, representações sociais e pertenças, símbolos de um passado pouco distante que guindou a região agrícola em torno da laguna de Aveiro, numa das mais importantes e produtivas regiões agrícolas e leiteiras do país, alavancando outras atividades de natureza industrial e serviços.

⁴⁹ Ferreira, Paulo (2021). – O nosso compromisso.

<https://www.ua.pt/pt/campusmaissustentavel/o-nosso-compromisso> 17OUT22

Retomando os escritos de Raul Brandão (1923, p. 89) é esta memória e proximidade da Ria, “(...) talvez o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema”, onde (loc. cit.), “o ar tem nervos. A luz hesita e cisma e esta atmosfera comunica distinção aos homens e às mulheres, e até às coisas, mais finas na claridade carinhosa, delicada e sensível que as rodeia. (...)”. Escritas num passado já distante estas memórias permanecem ativas na mente de muitos dos que aproveitando as horas de laser e descanso passeiam pelas bordas do ‘campus-cidade’ da UA (Est. XXIII), admirando patrimónios distintos da mesma paisagem humanizada: a laguna, com a sua variedade de elementos trabalhados pelo homem e o campus, edificado pelos artistas no exercício da sua liberdade e criação inspirada nas margens onde (loc. cit.): “A aqui a luz estremece antes de pousar...

Contrariando os tempos idos de primaveras e de estios radiosos, Saramago (1995, p. 121) descreve na sua viagem por Aveiro a presença de “*bruma húmida*” sobre o mar que faz o sol esconder-se antes da hora marcada: “*Bruma foi ela que na manhã seguinte todo o céu estava forrado de cinzento, a atmosfera fria e crespa*”. Contudo, recorda (loc. cit.):

“É aqui altura de alinhar as sabidas reflexões sobre a instabilidade do tempo e da fortuna, logo se consolando com a mesma sucessão dos dias que não consente que todos sejam maus. Ainda ontem, por exemplo, se viu como cuida o céu dos seus viajantes preferidos. A ria, vista sob a luz do Sol, foi um presente real. É bom que o viajante não vá com a ideia de que tudo são rosas”.

Uma descrição pertinente que encontra justificação em Girão (1941, p. 148), nos traços do rio que a alimenta: o rio Vouga: “*Não há por certo rio português que em menor extensão apresente fases mais diversas da evolução do seu ciclo vital e maior variedade de características hidrográficas, para não falar da originalidade do acidente litoral que assinala a sua foz. A ria de Aveiro*”.



3. SISTEMA DE FUNÇÕES CENTRAIS

A elaboração de um estudo pioneiro da ciência geográfica elaborado por Gaspar (1972 - Prefácio) no sentido de *“atingir conclusões significativas e generalizadas, do ponto de vista dos mecanismos geográficos-desenvolvimento dos fenómenos à superfície da terra”* – caso da cidade de Évora - inspira esta síntese orientada para a análise do *“sistema de funções centrais”* localizadas no ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro, destinadas à população académica, aspirando a quase duas dezenas de milhares entre estudantes e bolseiros, docentes e funcionários, visitantes. Na sua apresentação, regista a UA⁵⁰: *“existem 65 edifícios construídos no campus; a área do Campus é equivalente a 92 campos de futebol; existem 15 blocos de residências situadas no campus; o Campus tem 2 bibliotecas com 250000 títulos disponíveis”*.

Para além destas referências a diversidade de equipamentos académicos e de investigação, sociais e culturais, desportivos e de lazer, sugerem um exame deste conjunto polifuncional, distinto dos demais que integram o sistema urbano. O território que os acolhe distingue-se dos outros loteamentos da cidade pelas suas funções académicas, científicas e culturais, associadas à construção e difusão do conhecimento científico em diferentes áreas do saber. Recorde-se, no entanto que apesar da sua identidade, as funções aí representadas devem ser apreciadas na sua articulação com as funções da cidade e do território adjacente (Bailly e Beguin, 1996,

⁵⁰ UA – Campus da UA <https://www.ua.pt/pt/ua/page/431> 15SET22

p. 119) o que reforça o recurso à teoria dos lugares centrais neste tipo de análise.

De forma breve recordamos que os diferentes postulados em que assenta a análise da distribuição do povoamento urbano, dos centros principais e de outros de menor dimensão, bem como as relações entre a população e estes aglomerados na procura de bens e de serviços, permitem o traçado de uma área alargada - designada por área de influência -, que integra territórios e escalas, bens e níveis de procura de diferente natureza estabelecidos ao longo do tempo. Entre os percussores deste tipo de análise, Von Thunen, em estudo pioneiro *“Der Isolierte Staat (...)”* (1826) utilizou o método abstrato e dedutivo sobre a economia do solo, organizado a partir de uma cidade, baseado no *“Estado isolado”*, com forma circular (Waibel, 1948, p. 4) *“no interior de uma impenetrável floresta que o separa do resto do mundo”*. Para além desta cortina de vegetação, o “estado isolado” é circundado pelo território exterior onde se pratica a agricultura intensiva, por pastagens, terras em pousio e em regime de rotação de culturas, que justificam formas distintas da utilização do solo e do valor dos produtos agrícolas no mercado localizada no centro desse conjunto.

Pela sua natureza a cidade fornece ao campo em redor os seus bens industriais e serviços, os bens agrícolas e silvícolas numa relação que (op. cit., p. 4) pressupõe:

“- O valor de troca destes últimos produtos é determinado pelo preço que é pago por eles na cidade. (...)”

- O preço que na cidade se paga inclui as tarifas de transporte e aumenta com a distância da zona urbana. Assim, como o aumento

da distância da cidade, a produção agrícola deve ser a que - de acordo com seu valor - exige menores tarifas de transporte e, além disso, a que não se deteriora com facilidade e não precisa ser consumida ainda fresca.”

O pensamento de Von Thunen foi aprofundado por Christaller (1933) e Losch (1940), entre outros, estruturando a “teoria dos lugares centrais” baseado no seguinte princípio (Gaspar, 1972, p. 18): “*em condições físicas e humanas absolutamente homogêneas, este princípio do mercado leva a um padrão hexagonal de distribuição dos lugares centrais (l.c.).*” Segundo Gaspar (op. cit., p. 19),

“Ambos os autores consideram que partindo de um território ideal com densidades uniformes, sem barreiras físicas ou humanas e com acessos iguais em qualquer sítio, se chega a uma organização dos sítios de manufatura, ou dos lugares que oferecem bem centrais, com base triangular e com áreas de mercado hexagonais”.

Completa esta referência o estudo de Beaujeu-Garnier (1969, p. 711) que em complemento da sua vasta bibliografia sobre geografia urbana, escreve: “*la division hexagonale hierarchisée de l’espace entre les influences des différentes villes, considérées comme centres de services de tailles et de possibilités diverses*”. Assenta em princípios de natureza económica, administrativa e transporte, dando origem a uma ocupação do solo e paisagem geográfico-económica, específica em relação à agricultura e à indústria. Não estando em causa a delimitação desse espaço hexagonal ou de outra forma, mas sim a natureza dos bens ou serviços oferecidos pelo lugar

central construído em torno do núcleo central do campus da UA, importa-nos a análise das “*unidades funcionais*” (*u.f.*) que no seu conjunto estabelecem a unidade de cada uma das três funções universitárias – formação, investigação, cooperação – e da sua relevância na construção e vida do ‘campus-cidade’ da UA.

Nesta oportunidade estamos perante um tipo de análise local que segue os princípios e conceitos da análise regional e da geografia urbana, centrados nas relações cidade-região, agora transpostas para os exemplos de atração de população estudantil (recrutamento de alunos), da oferta e disponibilidade de serviços especializados, tais como os Serviços de Ação Social (Est. XXIV) e outros necessários a empresas, laboratórios e serviços de natureza investigativa, ao contributo ao desenvolvimento socioeconómico e humano dos diplomados e transferência do conhecimento a outras regiões do território.

Nesta oportunidade importa recordar Lopes (1995, p. 18) quando afirmou que “*o desenvolvimento tem que ver com as pessoas e estas localizam-se, como se localizam quaisquer outros recursos, como se localizam as actividades*”. Este processo impõe, também (op. cit. p. 19), “*condições de ordem qualitativa – de equilíbrio, de harmonia, de justiça social – (...) e exige ainda, numa perspetiva temporal, que a utilização dos recursos garanta permanência e estabilidade (...)*”.

Estas são questões que importa atender na análise das funções universitárias que garantem a “*centralidade*” – ora entendida como “*o centro geométrico de um espaço*” (Polèse e Shearmur, 2005, p. 45), do ‘campus-cidade’ junto da população estudantil através da oferta de cursos académicos e de outras funções que sustentam a

procura de alunos pela UA e que reforçam a importância da cidade na região, a “*importância relativa de um lugar em relação à região que o envolve*” (Gaspar, 1972, p. 52), a hierarquia dos bens e serviços disponíveis no centro urbano, a projeção da própria urbe no país e além-fronteiras.

Importa estar atento à leitura ora proposta da centralidade do ‘campus-cidade’ da UA não repousando numa leitura estática desta relação, mas sim considerando novas dimensões de análise - e atualização constante do inventário funcional do campus - que não só a do custo-benefício imediato, mas sim a introdução de novos aspetos relacionados com a “*imagem mental*” do sistema universitário nas suas diferentes dimensões: humana e pedagógica, relacional e científica, inovadora e permanente, assertiva e ao longo da vida. As atitudes e os comportamentos dos consumidores, neste caso a população académica, estruturada ao longo do tempo, traduz-se em múltiplas centralidades (Bailly e Béguin, 1996), construídas no âmbito da formação do capital humano, das parcerias e serviços prestados, das representações sociais como imagens de uma realidade cultural e científica (op. cit., p. 26), das experiências e perceções construídas em torno do campus, dos bens e serviços, das funções e dos atores responsáveis por essas atividades. Não esquecer que estas têm um significado económico, ligado à minimização de custos e um significado social e cultural associado aos fenómenos de reprodução social.

Cada canto do campus permite conjugar duas dimensões distintas de análise: o real e o imaginário, que demonstram (op. cit. p. 29) “*qu’au-delà des apparences existent des liens subtils et complexes*

qui unissent les hommes à leurs milieux de vie”, demonstrado por cada uma das “cohortes” geracionais de alunos que anualmente engrossam as fileiras dos que entram ou dos que celebram em conjunto a condição de finalista nas celebrações alusivas à entrega dos diplomas. Estas considerações permitem realçar a especificidade material e simbólica deste lugar central (*l.c.*) e do sistema de funções que o anima num espaço físico delimitado pelo campus de Santiago e sua extensão à Agra do Crasto, bem como na sua interação com os *campi* politécnicos de Águeda e de Oliveira de Azeméis⁵¹.

Tendo presente a experiência vivida no decurso da epidemia COVID-19, o recurso ao ensino à distância e o alargamento da rede a novos centros levanta uma nova questão não contemplada nesta análise: a “*acentralidade*” (Fache, 2008, p. 158) do campus universitário e dos seus efeitos sobre a centralidade estratégica que tem vindo a ser construída. Ainda em fase de expansão e de abertura a novos domínios do conhecimento, as novas tecnologias darão o seu contributo à sua consolidação, continuando a valorizar esta comunidade académica e científica que faz acontecer a vida, diariamente, neste campus.

À semelhança de outras questões em aberto alimentadas por desafios futuros, esta será uma questão em aberto que os vindouros saberão acompanhar. Daí que, à semelhança do que assinala Gaspar (1972, p. 15), procuramos “*encontrar a ordem, por mais aparente que seja o caos*” servindo-nos de ensinamentos carreados na teoria dos lugares centrais neste concentrado humano onde se processam

⁵¹ ESAN e ESTGA

funções de serviços e construção do conhecimento associados à vida diária. Uma análise desta natureza constitui uma preocupação antiga de geógrafos e economistas, de planeadores e urbanistas que procuram descrever, na leitura dos fenómenos particulares, escalas, tempos e contextos conducentes (Chorley, Hagget, 1975, p. 4) à “*estruturação simplificada da realidade que apresenta supostamente características ou relações sob a forma generalizada*” ou seja, teorias e modelos de diferente natureza: geográficos, sociológicos, desenvolvimento económico, localização industrial, atividade agrícola.

Entre nós, o estudo de Gaspar (1972, p. 19) “*fornece uma série de princípios seguros para explicar a distribuição e a localização dos l.c.*” num espaço alargado que o autor definiu como sendo “*a área de influência de Évora*”. Servindo de inspiração e modelo a “*informação seletiva*” (Chorley e Hagget, 1975, p. 4) recolhida no nosso exemplo sobre uma parcela do território urbano afeto ao uso da UA, vai no sentido de observar “*algo da intimidade das coisas*” (loc. cit.), do seu equipamento e funções, que se presta a analogias futuras sobre a sua evolução ou com outros *campi* universitários da mesma natureza, dotados de sistemas de “funções centrais” estruturadas e articulados com o espaço urbano da cidade-mãe. Esta é uma tarefa em aberto a ser preenchida pela nova geração de geógrafos, planeadores e urbanistas interessados nas questões regionais e sociais abertas pela relação entre a universidade, o território e a sociedade que acolhe.

Apesar da sua juventude o ‘campus-cidade’ da UA, com uma função especializada universitária, vai transmitir aos que já por lá

passaram e aos vindouros, indicações sobre a história e a geografia do espaço natural e dos contextos sociais e políticos que acompanharam a sua evolução até ao presente e no futuro. Contrariamente a outros locais o seu crescimento não aconteceu de forma espontânea, mas regulada, pelo que a explicação geográfica sobre os padrões de distribuição dos bens centrais foi antecipada nos planos de desenvolvimento da instituição.

Tratando-se de um espaço homogéneo vamos atender às funções centrais dominantes e às unidades funcionais situadas nesta “cidadela de conhecimento” na sua unidade e complementaridade que sustenta a vida académica e diária da sua população. A seriação das funções centrais (*f.c.*) e dos serviços representados pelas unidades funcionais (*u.f.*) localizadas no campus-cidade da Universidade de Aveiro, exige uma referência prévia sobre a ideia e a evolução próxima de universidade em Portugal e na Europa, que serviu de inspiração ao desenho dos projetos de urbanismo interno, na sua estrutura e relação com a malha urbana da cidade. O próprio coordenador da revisão do plano inicial da UA, Nuno Portas (2000, p. 25) exemplificou o propósito da “*resposta às cidades universitárias de traçado monumental que os regimes autoritários, ou simplesmente académicos, tinham começado a construir (Coimbra, Lisboa, Madrid, Roma, Brasília, Moscovo...)*”, afirmando (*loc. cit.*):

“a verdade é que uns e outros se diferenciavam mais no feitio ou no estilo do que na essência: tratava-se de concentrar os grandes contentores (de aulas) em grandes espaços nos limites das cidades (...). Em ambos os modelos, o conjunto isolava-se da

aglomeração e cada edifício pretendia-se auto-suficiente, das faculdades ao grande anfiteatro, à biblioteca, à cantina”.

Na década anterior ao da criação das “universidades novas”, a reflexão produzida em Portugal depois da divulgação dos resultados do Projeto Regional do Mediterrâneo (1963 e 1964) lançou as bases para o planeamento escolar em larga escala e para uma reflexão sobre a universidade portuguesa. Serve de exemplo o conjunto de artigos publicados na revista *Análise Social*, em 1968⁵², onde consta uma reflexão comum de Nuno Portas e de J. P. Martins Barata (Portas e Barata, 1968, VI, pp. 493 e ss) sobre os problemas da inserção das universidades no espaço urbano, onde é defendida a “*integração do conjunto universitário concentrado na cidade*”, indissolúvel (op. cit., p. 500) “*do conceito de polo de desenvolvimento, ou pelo menos de um projeto de desenvolvimento económico, social, cultural e urbano que se poderia designar de ‘polo de desenvolvimento e fator de democratização urbana’*”. Mais ainda (loc. cit.), como um serviço propulsor “*de uma sociedade terciária, de um polo urbano moderno, sob a condição de não surgir isolada, de se estabelecer relação entre a Universidade, como centro de produção e de estudo dos problemas duma região, e as forças de trabalho dessa mesma região*”.

A ideia de Universidade que subjaz a estas reflexões vai a par do que outros universitários defenderam neste volume da *Análise Social* (Vol VI, 1968, 22-23-24) relacionada com o ensino e a formação, garantindo não só um certo nível de instrução (Ralha,

⁵² *Análise Social* (1968), nºs 20-21 e 22-23-24. Lisboa: Instituto de Estudos Sociais

1968.VI, 22-23-24, p. 101) “*mas, principalmente, para se obter uma disciplina intelectual e o conhecimento! dos métodos científicos*”. Observa o mesmo autor que (op. cit. p. 99): “*As Universidades de Faculdades, como as que temos em Portugal, são as que menos se adequam às necessidades do desenvolvimento socio-económico e cultural*”. Donde, reconhece o autor (op. cit., p. 115): “*Às Universidades compete ainda realizar a investigação fundamental, sem descurar a que se apresente como mais pertinente ao desenvolvimento económico. (...)*”. Outros universitários o fizeram. De Orlando Ribeiro (1970, p. 182), transcrevemos o seguinte: “*a Universidade e a investigação são necessariamente criadoras de riqueza. Constituem, quando bem orientadas, aquilo a que os economistas chamam um investimento reprodutivo.*”

No contexto do regime político então vigente os desafios de uma reforma universitária expressos na Lei nº 5/73 – Base XIII - de alargar a rede de estabelecimentos do ensino superior: Universidades, Institutos Politécnicos, Escolas Normais Superiores e outros estabelecimentos equiparados, aliam-se aos fins da mesma:

- *“Desenvolver o espírito científico, crítico e criador e proporcionar uma preparação cultural, científica e técnica que permita a inserção na vida profissional;*
- *Continuar a formação integral dos indivíduos, pela promoção de estudos em domínios do conhecimento diferentes do correspondente ao curso escolhido de modo a ampliar a sua cultura e a integrá-los melhor na sociedade;*

- *Suscitar um permanente desejo de aperfeiçoamento cultural e profissional e facultar a sua concretização mediante formas adequadas de educação permanente;*
- *Incentivar o gosto pela investigação nos diversos ramos do saber, visando o desenvolvimento da ciência e a criação e difusão da cultura;*
- *Estimular o interesse pelos assuntos nacionais e regionais e o estudo dos problemas da comunidade;*
- *Contribuir para a compreensão mútua entre os povos”.*

Estes foram os objetivos estabelecidos antes da publicação do Decreto-Lei nº 402/73 de 11 de agosto que contemplou a criação do “*sistema binário*” no ensino superior e a criação da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade do Minho em Braga, da Universidade de Aveiro, do Instituto Universitário de Évora e dos Institutos Politécnicos da Covilhã, Vila Real, Faro, Leiria, Setúbal e Tomar, alguns dos quais só posteriormente foram instalados.

O exemplo da ‘Universidade necessária’ defendida pelo primeiro Reitor da UA (Gil, 1976, p. 4),

“numa perspetiva englobante, de presente e futuro; ativa e crítica criativamente implicada, em ponderado balanço, tanto com problemas teóricos como com problemas práticos (...); crescentemente relacionada, sem prejuízo daquele compromisso, com o mundo do saber livre e com instituições congéneres noutras sociedades”,

defende as funções primárias da UA: educação e investigação. Neste contexto as funções desta entidade são asseguradas, em primeiro lugar, pela criação de “*unidades estruturais*” de natureza

pedagógica, científica, de apoio, além de outras que vieram a contemplar a importante função de extensão cultural (op. cit., p. 9) e de cooperação, desenvolvida por uma “*malha de unidades estruturais funcionais (ou operantes)*” e “*uma malha de unidades estruturais físicas (ou logísticas)*” de base departamental. Estes intentos foram sucessivamente cumpridos através de cursos e departamentos, laboratórios de investigação e serviços associados ao desempenho das várias unidades orgânicas satisfazendo as necessidades da população académica e abrindo algumas delas à sociedade no seu conjunto.

Alargando o mais possível a análise deste “*ecossistema*” (Morin, 1984) e das suas manifestações e “*interações intersistémicas*” com os demais sistemas sociais e sociedade local, as referências à evolução deste campus e da sua organização universitária acompanha o ciclo recente de enorme procura social da população escolar e o conjunto de transformações sociais e políticas, económicas e culturais que têm ocorrido em Portugal, noutros países europeus e no mundo. Estes processos estão relacionados com a “modernidade” e a “globalização” da vida social e os desafios do ensino universitário em contribuir para o desenvolvimento regional e local, promotor de dinâmicas e de novas práticas sociais relacionadas com o mundo do trabalho, o desenvolvimento humano, a coesão social e bem-estar e o entendimento da sociedade.

A este respeito e referindo-se à “*ciência global*”, Nazaré (2008, p. 4), ao tempo Reitora da UA, defendeu ser fundamental que “as

universidades permaneçam como uma fonte de reflexão independente e que desempenhem um papel como consciência crítica da sociedade. Só assim será possível garantir que o seu contributo não se confina ao imediato, mas permite expandir continuamente a base de conhecimento, projetar futuros e estimular o debate na sociedade, bases necessárias para o desenvolvimento de uma verdadeira sociedade do conhecimento.”

A vetusta “organização social”, herdeira dos Estudos Gerais, passou a acolher solicitações de diferente natureza, sobretudo ao nível da cooperação e extensão universitária associada à democratização do conhecimento, que obrigam a uma atividade constante de repensar a sua ação e missão, os seus cursos e perfis de formação, os domínios e linhas de investigação de interesse para a sua população e sociedade. Respondendo a estes desígnios o traçado do campus e o seu alargamento com a integração de novos serviços e funções acomodam-se em torno de três domínios fundamentais: educação/formação, investigação e cooperação universidade/sociedade, em unidades de base departamental, interdepartamental e gerais, de apoio à comunidade académica ou já abertos à população da cidade-mãe do campus de Santiago. Procuramos demonstrá-lo através do levantamento das unidades funcionais (*u.f.*) aqui existentes.

De acordo com o assinalado ajustamos esta análise ao enunciado da teoria dos lugares centrais (*l.c.*) de Christaller (1933) sobre a distribuição espacial de bens e serviços, a sua hierarquia por lugares e traçado de áreas de influência, da “*Sub-Town*” (Gaspar,

1972, p. 25 – cit: Carter, 1966) representada pelo ‘campus-cidade’ da UA. A universidade no seu todo é um importante “*bem-central*” (Gaspar, 1972, p. 50) que constitui “*um ponto central que ocupa uma posição central em relação ao mercado que serve*”, o todo nacional.

A sua articulação com a malha edificada permite que esta análise funcional possa vir a ser integrada no conjunto urbano, situação que não cabe no âmbito deste apontamento, mas, sim, o de considerarmos, apenas, o espaço físico e humano inserido no seu plano de ordenamento e construção. Seguindo o pensamento o mesmo autor (op. cit., p. 17), “*assim como os bens centrais afins tendem a agrupar-se em f.c.⁵³, estas também se reúnem em lugares, dando origem a uma hierarquia*”, só comparável com outros exemplos de *campi* de outras universidades ou em construção. Tal acontece com os bens centrais (serviços) orientados para a população académica disponibilizados pelos departamentos e laboratórios relacionados com a formação, a investigação e a cooperação sediados neste lugar central (*l.c.*).

Tomamos fundamentalmente em consideração os bens ou serviços destinados ao conjunto da população académica, que fazem parte da estrutura orgânica da UA, separando-os dos Serviços e unidades executivas de “*apoio às funções e atividades da Universidade e seus órgãos (...) unidade instrumental comum a que corresponde uma gestão unificada e articulada com as demais*

⁵³ f. c. – funções centrais

unidades e estruturas e respetivos órgãos” (Art. 45º) já descritos em trabalho anterior (Arroteia, 2020).

Tendo presente a evolução da Universidade portuguesa e da UA desde a sua criação e instalação em 1973, esta funcionou em regime de transição, nos termos da Portaria nº 328/82, de 27 de março até à homologação dos Estatutos aprovados pelo Despacho Normativo nº 52/89, de 1 de junho, elaborado ao abrigo da Lei nº 108/88, de 24 de setembro – *“Lei da Autonomia das Universidades”*. Desde os finais da década de oitenta até aos nossos dias a instituição cresceu em espaço físico, população, unidades orgânicas e outras, alterando a sua natureza jurídica – *“fundação pública com regime de direito privado”* (Decreto-Lei nº 97/2009, de 27 de abril) e ampliando a missão de acordo com a alteração dos Estatutos em 2009, 2012 e, finalmente, através do Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicado no Diário da República n.º 80/2017, 1º Suplemento, Série II de 2017-04-24.

As atribuições referidas no Art. 2º-1 deste último despacho normativo privilegiam um conjunto “funções centrais”, garantidas por diferentes unidades funcionais (*u.f.*), em torno dos principais objetivos desta organização:

- Ensino e formação,
- Investigação científica, transferência de tecnologia e valorização do conhecimento,
- Cooperação com a sociedade: prestação de serviços, produção e difusão do conhecimento e da cultura, promoção de iniciativas culturais e ações de apoio à difusão da cultura humanística, artística, científica e tecnológica.

Os princípios de análise espacial em geografia humana estabelecidos na teoria dos lugares centrais de Walter Christaller (1933), conjugados com o texto dos Estatutos (2017), em particular no que se refere à estrutura orgânica da UA, balizam esta análise relacionada com a constelação de “funções centrais” da Universidade desempenhadas pelas estruturas consideradas no Art. 8º dos Estatutos de 2017 e noutras, atinentes ao desempenho e missão da universidade.

Embora não referidas são múltiplas as iniciativas conduzidas por essas unidades desenvolvidas no campus e fora dele, que têm permitido divulgar e consolidar a matriz identificadora da UA, dos seus cursos, atividades e oportunidades de cooperação com a sociedade. Neste processo o contributo dessa organização universitária tem sido relevante e servido de exemplo a outras instituições de natureza binária, constituindo-se um *elo* de melhoria e desenvolvimento do sistema de ensino superior português. A sua abertura à construção de redes de conhecimento, as ações de empreendedorismo, inovação, qualidade e excelência, valorização da dimensão ética e responsável da sua comunidade, são preocupações que revela no seu quotidiano. As informações numéricas que serviram de base a esta análise estão disponibilizadas na página *web* da UA⁵⁴ ampliando, desta forma, a informação institucional e circulante sobre a mesma.

Procuramos nesta parte atender às três primeiras funções da UA para cumprimento da missão que o Estado e a sociedade lhe

⁵⁴ UA - <https://www.ua.pt/pt/universidade>

conferem, expressa na Constituição da República Portuguesa (Art. 74º da CRP) e na Lei de Bases do Sistema Educativo Português no que respeita ao ensino superior (Art. 11º da Lei nº 46/86, de 14 de outubro).

Ensino e formação

O âmbito e objetivos do ensino superior estabelecidos no Art. 11º da Lei de Bases do Sistema Educativo Português – Lei nº 46/86, de 14 de outubro – alterado pela Lei nº 49/2005, de 30 de agosto – confirma a orientação do ensino universitário e politécnico, orientando a sua ação para o desenvolvimento humano dos alunos, ensino e investigação, formação ao longo da vida, compreensão dos problemas do mundo de hoje e relação com a comunidade. Para tanto o Estado – Art. 12º-6 – compromete-se a *“criar as condições que garantam aos cidadãos a possibilidade de frequentar o ensino superior, de forma a impedir os efeitos discriminatórios decorrentes das desigualdades económicas e regionais ou de desvantagens sociais prévias (...)”*, de promover a investigação científica (Art. 18º-5) e de incentivar *“a colaboração entre as entidades públicas, privadas e cooperativas no sentido de fomentar o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da cultura, tendo particularmente em vista os interesses da coletividade”*.

Na sua configuração atual a UA obedece também aos requisitos estabelecidos no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior – RJIES (Lei nº 62/2007, de 10 de setembro), Art. 2º - Missão, que estabelece como objetivo primeiro *“a qualificação de*

alto nível dos portugueses, a produção e difusão do conhecimento, bem como a formação cultural, artística, tecnológica e científica dos seus estudantes, num quadro de referência internacional.” Com obrigação, também, na valorização “*da atividade dos seus investigadores, docentes e funcionários*” cabe-lhe, ainda “*a formação intelectual e profissional dos seus estudantes*”, promover a mobilidade da sua população, “*participar, isoladamente ou através das suas unidades orgânicas, em atividades de ligação à sociedade*”, bem como “*contribuir para a compreensão pública das humanidades, das artes, da ciência e da tecnologia*”.

A enumeração das atribuições da Universidade descritas nos Estatutos (Art. 2º do Despacho normativo nº 1-C/2007) e da sua estrutura orgânica (Art. 8º) permite aprofundar este tipo de análise funcional elaborada a partir da consulta da legislação em vigor sobre a UA e das fontes internas disponibilizadas através da *web*. Seguindo a estrutura matricial, os departamentos são unidades orgânicas de ensino e investigação da UA, correspondentes a uma ou mais áreas científicas que contribuem para o exercício da missão da universidade em três grandes domínios de ação: ensino, investigação, relação com a sociedade/cooperação, assente no desenvolvimento humano, transferência do conhecimento, dinamização de atividades científicas, tecnológicas, culturais, pedagógicas e outras. De acordo com o assinalado:

- As “*unidades orgânicas de ensino e investigação* (Art. 8º - Estatutos), constituídas pelos departamentos e escolas, exercem funções centrais (*f.c.*) especializadas, que convergem na oferta de

cursos de diferente grau, investigação, cooperação com a sociedade, internacionalização;

- Cada uma destas unidades, isoladamente ou através da oferta de equipamento especializado na sua área de conhecimento e ação, representa uma unidade funcional (*u.f.*) do sistema.

| | | |
|--|---|-------------------------------------|
| <i>Departamentos.</i> ⁵⁵ | | 16 <i>u.f.</i> ⁵⁶ |
| Ambiente e Ordenamento | 1 | |
| Biologia | 1 | |
| Ciências Médicas | 1 | |
| Ciências Sociais, Políticas, Território | 1 | |
| Comunicação e Arte | 1 | |
| Economia, Gestão, Eng. Indust. | 1 | |
| Educação, Psicologia | 1 | |
| Eletr, Telecom, Informática | 1 | |
| Eng. Materiais, Cerâmica | 1 | |
| Engenharia Civil | 1 | |
| Engenharia Mecânica | 1 | |
| Física | 1 | |
| Geociências | 1 | |
| Línguas, Culturas | 1 | |
| Matemática | 1 | |
| Química | 1 | |
| <i>Escolas Politécnicas</i> ⁵⁷ : | | 2 |
| Escola Superior de Saúde de Aveiro | 1 | |
| Inst. Sup. Contabilidade e Administração | 1 | |

Quadro II. UA: Departamentos e Escolas

Neles incluem-se equipamentos laboratoriais, de investigação e ensino bem como equipamentos especializados em funções hierarquizadas da UA, como sejam o herbário da Biologia e a

⁵⁵ UA - <https://www.ua.pt/pt/departamentos-escolas> 1 &

<https://www.ua.pt/pt/xperimenta/os-nossos-departamentos-e-escolas> 16SET22

⁵⁶ u.f. – Unidades funcionais: “*Cada unidade de uma função central*” (Gaspar, 1972, p. 52)

⁵⁷ Fazem ainda parte do ‘sistema binário’- UA: Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia de Produção Aveiro – Norte (Oliveira de Azeméis) e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda.

estação meteorológica da Física. O mesmo acontece com equipamentos laboratoriais específicos para a formação de 3º ciclo e a trabalhos para o exterior. Nesta função básica de ensino e investigação incluem-se 18 unidades orgânicas (16 Departamentos e 2 Escolas Politécnicas)⁵⁸ relacionadas com a funções de ensino e formação, a que se associam as unidades de investigação aí sediadas.

A formação ao nível do 2ºciclo de Bolonha articula-se com a investigação desenvolvida por essas unidades, completando com o aprofundamento de temas escolhidos a matriz teórica das unidades curriculares que fazem parte dos planos de estudo. No seu conjunto estas unidades oferecem cursos ao nível de Licenciatura (1º ciclo) e de pós-graduação (2º e 3º ciclos) articulados com as unidades de investigação. Mais ainda, através de iniciativas de diferente natureza contribuem para a formação “ao longo da vida” dos seus diplomados e da população em geral.

Nesta sequência os Estatutos da UA - Art. 8º- 4 consideram “*Unidades transversais de ensino e ou de ensino e investigação*”, representadas na Escola Doutoral da UA⁵⁹. A “*EDUA tem por missão coordenar as atividades de terceiro ciclo, a nível interno e externo, e é responsável pelo desenvolvimento de novos cursos inovadores e pela admissão dos candidatos*”. Os ciclos de estudos, de 6-8 semestres “*a que correspondem respetivamente 180 e 240 unidades ECTS*”⁶⁰, estão englobados em seis áreas de conhecimento: Artes e Humanidades, Ciências da Engenharia e

⁵⁸ UA - <https://www.ua.pt/pt/pesquisa/l/?q=> & <https://www.ua.pt/pt/estudar> 16SET22

⁵⁹ EDUA - <https://www.ua.pt/pt/escola-doutoral> 19SET22

⁶⁰ UA - <https://www.ua.pt/pt/cursos/g/9> 19SET22

Tecnologias, Ciências e Tecnologias da Saúde, Ciências Económicas e Sociais, Ciências Exatas e Naturais, Educação e em mais de meia centena de áreas científicas. Como unidade transversal de ensino e investigação a EDUA representa 1 *f.c.* apoiada pelo respetivo gabinete de apoio à investigação.

| <i>Unidade</i> | <i>2 u.f.</i> |
|---|---------------|
| Escola Doutoral (EDUA) | 1 |
| GAI - Gab. Apoio à Investigação ⁶¹ | 1 |

Quadro III – Unidade transversal de Ensino e Investigação

Criada em 2011, a EDUA⁶², “Nascida para o futuro” (UA, 2012), “*cujo nascimento tem o propósito de coordenar todas as atividades ao nível do terceiro ciclo de estudos promovendo, para isso, as condições adequadas ao desenvolvimento de programas doutorais de excelência na UA*”. No presente esta unidade tem como missão (UA)⁶³ “*coordenar as atividades de terceiro ciclo, a nível interno e externo, e é responsável pelo desenvolvimento de novos cursos inovadores e pela admissão dos candidatos*”. A oferta e a procura de programas doutorais – 3º Ciclo de Bolonha – constitui um domínio de eleição que permite não só o recrutamento de mais alunos fora da região de Aveiro, como o desenvolvimento de parcerias com outras entidades de ensino superior reforçando, desta forma, as redes institucionalizadas entre escolas localizadas em contextos geográficos e culturais de natureza distinta.

⁶¹ UA - <https://www.ua.pt/pt/apoio-investigacao> 14SET22

⁶² UA. Linhas – Revista da Universidade de Aveiro, nº 17

⁶³ UA – Escola Doutoral <https://www.ua.pt/pt/escola-doutoral> 20SET22

No seu crescimento e evolução a Escola Doutoral tem vindo a dar o seu contributo para a formação de recursos humanos e desenvolvimento de novos programas, núcleos e escolas doutorais, no sentido de valorizar o conhecimento e a inovação, que promovam soluções eficazes aos problemas dos nossos dias.

Investigação

De acordo com o estipulado na Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei nº 46/86, de 14 de outubro (com as atualizações de 1997, 2005 e 2009) – a investigação científica - Art. 18º da LBSE -, constitui um pilar do ensino superior, cabendo ao Estado “*assegurar as condições materiais e culturais*” desta atividade.

| Unidades de Investigação ⁶⁴ | 16 u.f. |
|---|----------------|
| CESAM (Ambiente, Mar) | 1 |
| CIPES (Políticas de Ensino Superior) | 1 |
| CIDTFF (Did.&Tecn. Formação Formadores) | 1 |
| CIDMA (Desenv. Matemática, Aplicações) | 1 |
| DigiMedia (Inv. Média, Digitais, Interação) | 1 |
| CINTESIS (Tecn e Serv.Saúde) | 1 |
| CLLC (Línguas, Literaturas, Culturas) | 1 |
| TEMA (Tecn. Mecânica, Automação) | 1 |
| GEOBIOTEC (Geob, Geotecn, Geo-enge.) | 1 |
| IBIMED (Inst. Biom. Aveiro) | 1 |
| IEETA (Eng. Eletr, Inform) | 1 |
| INET-Md (Etnom. – CE Música e Dança) | 1 |
| ID+ (Design, Média e Cultura) | 1 |
| GOVCOPP (Govern. Compet. Pol. Públicas) | 1 |
| IT (Instituto Telecomunicações) | 1 |
| <i>Pólos de outras Unidades</i> | |
| WJCR (WilliamJames) | 1 |

Quadro IV - Centros de investigação

⁶⁴ UA - <https://www.ua.pt/pt/unidades-investigacao> 14SET22

Também o Art. 2º do RJIES e os Estatutos (Art. 8º-5) estabelece que: “*Unidades básicas e ou transversais de investigação são as unidades e centros de investigação e os laboratórios associados*”, com a sua missão, estrutura, equipamentos e gestão própria. Estas unidades, muitas delas de natureza interdisciplinar, podem incluir diferentes grupos de investigação, laboratórios, atividades e projetos desenvolvidos com financiamentos diversificados na sua origem e domínios científicos.

Em tempo o ex-Reitor, M. Assunção (UA-Linhas, 2017) defendeu: “*Precisamos de todas as disciplinas. Sem alguma delas não só a humanidade ficaria mais pobre, mas também quedaria o conhecimento científico amputado de saberes fundamentais para a resolução de muitos problemas que temos que enfrentar.*” A avaliação destas entidades cabe à FCT⁶⁵ distinguindo-as, na avaliação de 2018: sete com a classificação de *Excelente* e treze, com *Muito Bom*. Cada uma delas é considerada como unidade funcional singular.

| Laboratórios associados⁶⁶ | 5 u.f. |
|---|---------------|
| CESAM (Ambiente, Mar) | 1 |
| CICECO (Materiais de Aveiro) | 1 |
| I3N-FSCOSD (Nanoest, Nanomod, Nanof) | 1 |
| REQUIMTE (QuimVerde-Tecn, Proces.limpos) | 1 |
| RISCO (Riscos, Sustent, Const) | 1 |

Quadro V. Laboratórios associados

Por sua vez o estatuto de Laboratório Associado é reconhecido “*nos termos do Decreto-Lei n.º 63/2019, instituições de I&D, ou*

⁶⁵ UA - <https://www.ua.pt/pt/unidades-investigacao> 19SET22

⁶⁶ UA - <https://www.ua.pt/pt/fis/page/21451> 14SET22

consórcios de instituições de I&D, associadas, de forma especial, à prossecução de determinados objetivos de política científica e tecnológica nacional". Esta condição é atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)⁶⁷ mediante regras de concurso, aberto periodicamente, tendo em conta:

“a) O mérito das atividades desenvolvidas;

b) Os objetivos específicos da política científica e tecnológica a prosseguir pela instituição, incluindo a forma de os alcançar e os prazos a observar;

c) A capacidade da instituição para a prossecução, de forma estável, competente e eficaz, dos objetivos específicos de política científica e tecnológica nacional;

d) A capacidade da instituição para reunir a massa crítica adequada à sua missão e para garantir o desenvolvimento e a promoção de carreiras científicas ou técnicas próprias através de contratos de trabalho por tempo indeterminado”.

Como se lê no Plano de Atividades e Orçamento (UA, 2022, pp. 28-29), a internacionalização e a interdisciplinaridade são decisivas para os resultados obtidos quer a nível do número de Unidades de Investigação (UI) que têm obtido o estatuto de Laboratório Associado, bem como no

“(…) financiamento de projetos de investigação em programas competitivos em colaboração com a indústria, coordenados pela Reitoria, e os resultados já obtidos para as candidaturas

⁶⁷ FCT -

https://www.fct.pt/apoios/unidades/docs/Regulamento_Lab_Assoc_FCT.pdf
19SET22

submetidas às agendas mobilizadoras do PRR com a participação de várias UI da UA, provam o aumento da inter- e transdisciplinaridade que tem vindo a ocorrer.”

Mais ainda (Ferreira, 2022 - Editorial)⁶⁸, apesar do momento ser de particular incerteza, *“particularmente desfavorável à prospetiva”* afirma o Reitor noutra local (op. cit., p. 30) que *“A interdisciplinaridade é um tema perfeitamente interiorizado e assumido na comunidade académica”*. Esta situação acompanha a mudança social e a evolução dos sistemas mundiais de saúde e bem-estar das populações, desenvolvimento económico, mercado energético, instabilidade bélica e política entre diferentes nações requerem, por parte da UA, o desenvolvimento de um programa de ação (Ferreira, 2022-Editorial) orientado *“para a sustentabilidade da Universidade de Aveiro, considerando as suas dimensões social, financeira e ambiental”*, alicerçada nos pilares da investigação e da cooperação, na qualidade e dimensão competitiva dos projetos, nas equipas e nos suportes institucionais para a sua ação.

A estrutura orgânica definida nos Estatutos (Art. 8-6º) prevê a existência de *“Serviços e outras unidades executivas”* entendidas como *“estruturas de apoio às funções da Universidade”* representadas no campus por diversas funções centrais e com número variável de unidades funcionais. Sendo a formação, o ensino e a cooperação com a sociedade as primeiras funções exercidas por esta organização social, a criação destes serviços cabe no âmbito do estabelecido no RJIES (Art. 13º), da existência de *“unidades*

⁶⁸ UA (2022). Linhas – Revista da Universidade de Aveiro, junho

orgânicas autónomas”. É o caso da Biblioteca e das suas unidades funcionais distribuídas no campus principal da Aveiro - e nas instalações da ESAN e da ESTGA – que integram os Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia (SBIDM – UA).

| | |
|---|---------------|
| <i>Bibliotecas</i> ⁶⁹ | 4 u.f. |
| Biblioteca Central | 1 |
| Mediateca (CIFOP) | 1 |
| Biblioteca do ISACA-UA | 1 |
| Sala de Estudo – Complexo Pedag, Cient. e Tecn. | 1 |

Quadro VI - Bibliotecas

Sociedade e vida académica

De acordo com os Estatutos (Art. 8º-7) são ainda considerados outros serviços como sejam “*centros, unidades, laboratórios e o ou outras unidades de regime específico*” associadas ou não aos departamentos e escolas da UA e/ou a outras entidades de natureza jurídica diferenciada. Estas unidades fortalecem a terceira missão da UA, a cooperação com a sociedade. Com foi assinalado as demais estão ligadas à formação, à investigação, outras a trabalhos diversos de consultoria e produtividade, organização e logística, ensino e formação especializada e ao longo da vida, transferência de conhecimento que alimentam um número alargado de serviços acessíveis aos cidadãos e à comunidade científica nacional e internacional.

⁶⁹ UA - <http://opac.ua.pt/> 14SET22

“A rede de bibliotecas da Universidade de Aveiro tem por missão servir a comunidade académica, respondendo às necessidades de estudo, ensino e investigação” <https://diretorio.bad.pt/?dir-item=bibliotecas-da-universidade-de-aveiro> 18SET22.

| | | |
|---|---|---------------|
| Formação | | 8 u.f. |
| Herbário ⁷⁰ | 1 | |
| Instituto Confúcio de Aveiro ⁷¹ | 1 | |
| Unidade Integrada de Formação Continuada | 1 | |
| UATEC – Unidade de Transf. de Tecn. da UA | 1 | |
| Centro de Estudos de Jazz | 1 | |
| Jardim da Ciência | 1 | |
| Estação Meteorológica (DF ⁷² + DAO) | 1 | |
| Sala SALT – Esp. Aprendiz/Ensino Ativos (DEP) | 1 | |
| Investigação⁷³ | | 7 |
| Estação Meteorológica (EMA 702) – Inst. Meteor. | 1 | |
| ECOMARE ⁷⁴ - CEPAM ⁷⁵ | 1 | |
| - CPRAM ⁷⁶ | 1 | |
| ECORR ⁷⁷ | 1 | |
| CICFANO ⁷⁸ | 1 | |
| Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico | 1 | |
| Complexo de Laboratórios Tecnológicos | 1 | |
| Integração profissional | | 1 |
| Gabinete de Estágio e Saídas Profissionais - GESP ⁷⁹ | 1 | |
| Cultura e Tempos livres⁸⁰ | | 3 |
| Núcleo Museológico (SBIDM) | 1 | |
| Marinha de Santiago da Fonte | 1 | |
| Marinha da Casqueira | 1 | |

Quadro VII – Unidades de apoio às funções académicas

⁷⁰ Faz parte deste Departamento o Herbário (Edifício 26)

⁷¹ UA - <https://www.ua.pt/en/iconfucio> 14SET22 - Missão principal de “*apoiar e promover o ensino da língua e da cultura chinesa em Portugal e em particular na região de Aveiro*”

⁷² http://torre.fis.ua.pt/data_stations.asp 16SET22

⁷³ UA – Investigação <https://www.ua.pt/pt/investigacao> 19SET22

⁷⁴ ECOMARE – UA: Laboratório para a inovação e sustentabilidade dos recursos biológicos marinhos da UA (Porto de Pesca de Aveiro)

⁷⁵ CEPAM – Centro de Extensão e de Pesquisa em Aquacultura e Mar

⁷⁶ CPRAM – Centro de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos

⁷⁷ ECOCRR – Edifício das Comunicações Ópticas, Comunicação Radio e Robótica

⁷⁸ UA - Complexo Interd. de Ciências Físicas Aplic. à Nanotec. e à Oceanog.

⁷⁹ UA – gesp <https://www.ua.pt/en/gesp> 23SET22

⁸⁰ UA – Cultura e tempos livres <https://www.ua.pt/pt/cultura-tempo-livre> 17SET22

A construção de uma nova sociedade baseada no conhecimento e informação tem vindo a exigir a criação de novos domínios que reforcem a ligação da UA com a região e a sociedade, as escolas e as empresas, os serviços do Poder Central e entidades e autarquias ligadas ao Poder Local. Esta é uma matéria que compete ao Reitor que para o efeito dispõe de um órgão consultivo, o Conselho para a Cooperação⁸¹, que tem como competência “*promover a reflexão e contribuir para a definição de políticas em matéria de cooperação entre a Universidade e a envolvente social.*”

| Cooperação com a Sociedade (Art. 9º-4)⁸² - Interface | 9 u.f. |
|--|---------------|
| UNAVE - Assoc. p/ FormProf.Inv UA | 1 |
| GrupUNAVE - Inovação e Serviços, Lda | 1 |
| IDAD (Inst. do Ambiente e Desenvolvimento | 1 |
| UACOOPERA | 1 |
| FÁBRICA Centro de Ciência Viva | 1 |
| LCA - Laboratório Central de Análises | 1 |
| CONTINUACentro p/Aprendiz. ao longo da vida | 1 |
| UATEC - Unid.Transferência Tecnolog.UA | 1 |
| UA Incubator - Incubadora de empresas - PCI ⁸³ | 1 |

Quadro VIII - Interface

Inscrevem-se no Art. 9º dos Estatutos as “*unidades instrumentais coadjuvantes*” do sistema funcional da UA que contemplam as designadas “unidades de interface”. São destinadas à cooperação entre a UA e outras entidades na valorização do conhecimento, divulgação de resultados científicos e promoção da

⁸¹ UA – Organização da UA <https://www.ua.pt/pt/conselho-cooperacao> 20SET22

⁸² UA – Cooperação c/ sociedade <https://www.ua.pt/pt/cooperacao> 19SET22
Integra também este grupo o Laboratório Industrial da Qualidade, sediado na ESTG-Agueda

⁸³ Instalado no PCI. Creative Science Park Aveiro Region
<https://www.ua.pt/pt/incubator/sobre> 20SET22

“Terceira Missão” (UA)⁸⁴ na sua ligação à sociedade. Neste domínio (UA – Notícias)⁸⁵ “*A Universidade de Aveiro (UA) criou dez Áreas de Cooperação com a sociedade*”, estruturas que “*visam reforçar a ligação desta ao exterior, disponibilizando o conhecimento e tecnologia desenvolvidos para responder a desafios e problemas das empresas, autarquias e outras entidades externas*”. O seu propósito é (UA – cooperar)⁸⁶, “*dar a conhecer as capacidades de investigação, desenvolvimento tecnológico e inovação da UA e também compreender melhor as necessidades reais das empresas, com vista ao estabelecimento de parcerias, através da dinamização de projetos conjuntos ou de prestações de serviços*”, nas áreas de:

- Artes e Culturas,
- Agroalimentar,
- Educação,
- Energia e Ambiente,
- Floresta,
- Mar,
- Produtos e Processos Industriais,
- Saúde,
- Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrónica,
- Territórios, Desenvolvimento e Habitat.

Como unidades de interface são uma porta aberta para inúmeras possibilidades de cooperação com as escolas e as empresas, as entidades públicas e privadas, permitindo um conhecimento mais preciso das suas necessidades e o desenvolvimento de sinergias em

⁸⁴ UA - Unidades de interface <https://www.ua.pt/pt/unidades-interface> 20SET22

⁸⁵ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/67486> 23SET22

⁸⁶ UA – Cooperar 23SET22

prol da aplicação do conhecimento gerado na UA e da sua aplicação corrente. No quadro das diversas unidades existentes, a investigação aplicada e promotora do desenvolvimento económico, social e humano, assume formas distintas consoante a unidade em referência e a equipa que a suporta, toda ela inserida no universo desta organização universitária através das unidades já existentes ou da sua participação em *“laboratórios colaborativos”* (CoLAB).

Estas unidades são associações privadas sem fins lucrativos (FCT)⁸⁷, de empresas, unidades de investigação, instituições de ensino superior ou de outras entidades com objetivo, entre outros, de *“criar, direta e indiretamente, emprego qualificado e emprego científico (i.e., de doutorados em atividade de I&D) em Portugal através da definição e implementação de agendas de investigação e de inovação orientadas para a criação de valor económico e social, incluindo processos de internacionalização da capacidade científica e tecnológica nacional, em área(s) de intervenção relevantes e a realização de atividades de I&D (...)”*.

A UA participa em diferentes laboratórios desta natureza nos domínios de biotecnologia azul, inovação na indústria alimentar, economia circular, gestão integrada da floresta e do fogo, investigação e inovação em bio refinarias, pobreza e exclusão social, desenvolvimento de tecnologias e produtos verdes do oceano de interesse para o *“bem comum e a comunidade internacional”* (Linhas, 38 – Introdução).

⁸⁷ FCT - <https://www.fct.pt/apoios/CoLAB/docs/RegulamentoColab.pdf>
18OUT22

| | | |
|---|---|-------------|
| Serviços de natureza pública ⁸⁸ | | u.f. |
| Reitoria | | 1 |
| Reitoria ⁸⁹ | 1 | |
| Administração | | 6 |
| Administração UA (c/ gab. apoio) | 1 | |
| Serviços de Gestão Académica | 1 | |
| Serv. de Gestão de Rec. Hum. // S. Finan. | 2 | |
| Serv.de Gestão Técnica | 1 | |
| Serviços de Comun., Imagem e Rel. Púb. | 1 | |
| Serviços de Ação Social | | 21 |
| SAS – Administração | 1 | |
| Unidades alimentares - SAS | 5 | |
| Craсто | 2 | |
| Santiago | 3 | |
| Bares – SAS | 4 | |
| Educação e Psicologia | 1 | |
| ISCA-UA | 1 | |
| Ambiente e Ordenamento | 1 | |
| Campi-Bar (Craсто) – SUA | 1 | |
| Espaço marmita – SAS | 1 | |
| Outros bares | 3 | |
| Bar do CUA | 1 | |
| Bar da Mecânica | 1 | |
| Bar do IEETA | 1 | |
| Alojamento - SAS | 3 | |
| Complexo Residencial de Santiago | 1 | |
| Complexo Residencial do Craсто | 1 | |
| Resid. de Doc., Func., Estud. Pós-Grad. | 1 | |
| Instalações desportivas - SAS ⁹⁰ | 4 | |
| Pavilhão Aristides Hall | 1 | |
| Pista de atletismo | 1 | |
| Relvado sintético do Craсто | 1 | |
| Ginásio Dep. Educação/Psicologia | 1 | |
| Nave Desportiva Multi-Usos (em projeto) | | |

Quadro IX - Serviços de natureza pública

⁸⁸ UA - Súmula dos serviços <https://www.ua.pt/pt/pesquisa/1/?q= 19SET22>

⁸⁹ Na sua organização interna a Reitoria dispõe de diversos serviços de apoio, nomeadamente o Gabinete de Ex-Reitores

⁹⁰ UA-SAS <https://www.ua.pt/pt/sas/page/11623> 17SET22

As respostas à sociedade constituem exigências dos estatutos desta universidade (Despacho normativo nº1-C/2017, Art. 2º-f), no que se referem à *“transferência de tecnologia e a valorização do conhecimento científico e tecnológico, designadamente dos resultados de investigação e desenvolvimento, criados no meio académico e científico (...)”* reconhecendo-se e fomentando-se (Art. 50º-5) *“a ligação com a sociedade e o mundo produtivo, se assegure em qualquer caso que os interesses privados envolvidos não prevaleçam sobre os interesses e fins públicos da Universidade (...)”*.

Para além das salas de aula, laboratórios, salas de informática afetas ao ensino, a ação destas unidades exige coordenação e colaboração de diferentes serviços que se situam no campus e que servem a comunidade académica aí sediada, nomeadamente os de natureza pública especializada da Reitoria (c/ gabinete e núcleos de apoio ao Reitor e à sua equipa), Administração (c/ Gabinete de apoio direto ao Administrador)⁹¹ e os Serviços de Ação Social. Apontam-se, por fim, as unidades funcionais destinadas à comunidade académica: estudantes, docentes, funcionários e colaboradores que procuram servir e integrar os membros da comunidade no seu dia-a-dia através de serviços vários inseridos no campus, geridos pela UA, pelos SAS e por outras entidades, em regime de aluguer do espaço.

Num campus com vida própria e frequentado por jovens e adultos de todas as idades, as atividades físicas de recreação prosseguem um

⁹¹ UA – Administração <https://www.ua.pt/pt/administracao-servicos> 27MAR23

conjunto de princípios basilares (SAS)⁹² “*dos quais fazem parte a integração, cooperação e igualdade entre todos os elementos da nossa comunidade*”, função que para o Pró-Reitor para esta área⁹³, deve “*desenvolver um conjunto de competências transversais, além das salas de aula, bibliotecas e laboratórios, que contribuam para uma melhor preparação e integração dos estudantes nos seus percursos pós-universitários e na Sociedade (...).*”

| | | |
|-----------------------------------|---|----------------|
| Outros serviços de apoio | | 15 u.f. |
| Serv Tecn.Inf. Com.-Helpdesk | 1 | |
| Livraria | 1 | |
| Balcão CTT | 1 | |
| Caixa multibanco | 1 | |
| Loja AAUAV | 1 | |
| Parafarmácia | 1 | |
| Centro de cópias | 1 | |
| Jardim Infantil | 1 | |
| ATL | 1 | |
| Centro de Saúde Universitário | 1 | |
| Gabinete Médico – Saude GRI | 1 | |
| Espaço da bicicleta | 1 | |
| Espaço viver a UA (Lounge) | 1 | |
| Estudo 24 | 1 | |
| UA Intercultural | 1 | |
| Cafetarias⁹⁴ | | 7 |
| Casa do Estudante – Crasto | 1 | |
| Bar Depart. Mecânica | 1 | |
| Bar Dep.Econ/Gest/Eng.Ind/Turismo | 1 | |
| Bar DECA | 1 | |
| Bar do CUA | 1 | |
| Bar da Mecânica | 1 | |
| Bar do IEETA | 1 | |

Quadro X - Apoio à comunidade académica

⁹² SAS – Atividades desportivas de recreação
<https://www.ua.pt/pt/sas/page/26983> 20SET22

⁹³ UA – Modelo para o desporto na UA (2021) – Senos Matias
<https://www.ua.pt/pt/noticias/12/69258> 20OUT22

⁹⁴ Arrendamento: UA – CREPAT <https://www.ua.pt/pt/crepat/page/22612>
 17SET22

O reconhecimento de que o “*desporto favorece o desenvolvimento global dos cidadãos, fomenta competências sociais e um conjunto de valores importantes para a dimensão humana, além de contribuir para o bem-estar e uma vida saudável dos praticantes*” (loc. cit.) justifica a gestão dos equipamentos pelos Serviços de Ação Social abertas à prática de diversas modalidades, incluindo a atletas com deficiência e a entidades particulares.

| | | |
|--|----|---------------|
| Estudantes | | 8 u.f. |
| AAUA – Associação Académica da UA | 1 | |
| AAUA – Desporto (Núcleos desportivos) | 1 | |
| AAUA – Cultura (Núcleos culturais) | 1 | |
| GrETUA - Grupo Exper. Teatro UA | 1 | |
| Provedoria Estudante | 1 | |
| Linha da Universidade de Aveiro – LUA | 1 | |
| Estágios e inserção profissional | 1 | |
| Gabinete do Antigo Aluno (Rede Alumni) | 1 | |
| Funcionários | | 1 |
| Associação de Funcionários da UA - AFUAV | | |
| Sociedade | | 20 |
| Espaços p/ eventos (Salas, Audit, outros) ^{95,96} | 19 | |
| Edifício da Reitoria | 5 | |
| ISCA-UA | 1 | |
| DAO | 1 | |
| Dep. Engenharia Mecânica | 1 | |
| Dep. Geociências | 1 | |
| Dep. Educação/Psicologia | 2 | |
| Comp. Pedag, Cient.Tecn. – Anfiteatros | 3 | |
| Laboratórios Informática | 1 | |
| Hall | 1 | |
| Dep. Econ/Gent/Eng. Indust/Turismo | 1 | |
| Sala de Exposições Helène de Beauvoir | 1 | |
| Anfiteatro Livraria | 1 | |
| CLAIM – Cto. Local Apoio Integr. Migrantes | 1 | |

Quadro XI - Outros serviços

⁹⁵ UA – Espaços <https://www.ua.pt/file/62605> 17SET22

⁹⁶ UA – Espaços <https://www.ua.pt/pt/scirp/page/26803> 17SET22

Este é o leque variado de “funções centrais” associado à missão e serviços disponíveis no ‘campus-cidade’ da UA destinadas à população de estudantes e professores, funcionários e investigadores, bolseiros e também aos visitantes que dão vida a este espaço urbano na sua ligação com a cidade e a ria, as empresas e os serviços da região, o porto e o mar, os parceiros mais próximos e os mais distantes. No centro destas entidades desenvolve-se uma vasta rede universitária, de parcerias, acordos e prestação de serviços, animadas por antigos alunos – *Embaixadores Alumni UA*⁹⁷ - e outras entidades da qual a UA faz parte destacando-se pelo seu desempenho e participação em relevantes consórcios de investigação, programas de mobilidade, cooperação externa internacional em áreas de relevante interesse científico e financiamentos elevados.

No seu conjunto, mais de uma centena e meia de unidades funcionais que alimentam a vida no campus – separado, embora, pelo esteiro de S. Pedro – são reforçadas pela densificação do espaço construído, pelo desenvolvimento de novas áreas científicas e criação de funções responsáveis pelo alargamento da área de influência urbana e do seu campus, pelo reforço da sua centralidade e da capacidade de atração/difusão do conhecimento. A este respeito continuam oportunas as reflexões do antigo Reitor, M. Assunção (2017, p. 32) que em tempo admitiu a relevância nas próximas décadas, este desafio: *“como é que nos devemos organizar para podermos ser mais relevantes nestas frentes que envolvem tudo,*

⁹⁷ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/16/72761> 16OUT22

desde a educação, a criação de conhecimento e a respetiva transferência para a sociedade, o ajudar a pensar os grandes problemas sociais”.

| | | |
|--|----|--------------------|
| <i>Educação/Formação</i> | | <i>u.f.</i> |
| Departamentos | 16 | 20 |
| Escolas politécnicas | 2 | |
| Escola Doutoral | 2 | |
| <i>Investigação</i> | | |
| U.I. | 16 | 25 |
| Lab. Associados | 5 | |
| Bibliotecas | 4 | |
| <i>Terceira Missão: Cooperação</i> | | 28 |
| Formação | 8 | |
| Investigação | 8 | |
| Integração Profissional | 1 | |
| Cultura e Tempos livres | 3 | |
| Interface | 8 | |
| <i>Serviços de natureza pública</i> | | 28 |
| Reitoria | 1 | |
| Administração | 6 | |
| Serv. Ação Social - Gestão | 1 | |
| SAS - Alimentação | 13 | |
| SAS – Alojamento | 3 | |
| SAS – Desporto | 4 | |
| <i>Apoio à comunidade académica</i> | | 31 |
| Serviços de apoio | 15 | |
| Cafetarias | 7 | |
| Estudantes | 8 | |
| Funcionários | 1 | |
| <i>Sociedade</i> | | 20 |
| Espaços de eventos | 19 | |
| CLAIM | 1 | |
| Total | | 152 |

Quadro XII - Campus-Cidade' da UA - Resumo de *u.f.* ⁹⁸

Ao desafio lançado pelo antigo Reitor, M. Assunção responde nos nossos dias a Vice-Reitora, A. Queirós (Linhas, 2022, p. 33):

⁹⁸ Levantamento em dezembro de 2022

“A UA foi criada num contexto de expansão e renovação do ensino superior em Portugal. Hoje, vivemos um novo ciclo de expansão e renovação. O plano que traçamos para o edificado da UA é ambicioso, e coloca desafios a vários níveis. Exigirá a todos rigor, determinação e resiliência. Mas o caminho da UA nos últimos 50 anos tem sido sempre assim. Cumpre-nos por isso continuar o legado, com confiança no futuro.”

A estas respostas seguem-se novos ensejos e respostas, equipamentos e serviços contribuindo para a densificação do espaço construído, alteração da sua morfologia, alargamento da(s) suas(s) área(s) de influência, pressão sobre a densidade, sustentabilidade e unidade da paisagem geográfica e social ora descrita. Contudo a requalificação do espaço urbano adjacente às margens da ria – através do aproveitamento de novas marinhas e espaços de produção e de lazer – estão a acentuar a harmonia, simbolismo e identidade do campus, da sua população e atividades reforçando a sua centralidade face à cidade e à região que o alberga.

A comunidade académica acolhe mais de dezasseis dezenas de milhares de estudantes, de um milhar e meio de professores, acima de sete centenas de membros do pessoal técnico, administrativo e de gestão e quase meio milhar de investigadores⁹⁹. Residindo na cidade ou na sua região, a renovação anual da população estudantil alimenta os circuitos económicos e geracionais, científicos e culturais que nas margens da laguna de Aveiro vieram a substituir a sociedade do “antigo regime”, dominada pelo moliço e pelo homem “quase

⁹⁹ UA – sobre a ua <https://www.ua.pt/pt/factos-numeros> 23SET22

anfíbio”, pela sociedade de conhecimento e atores formados nesta comunidade.

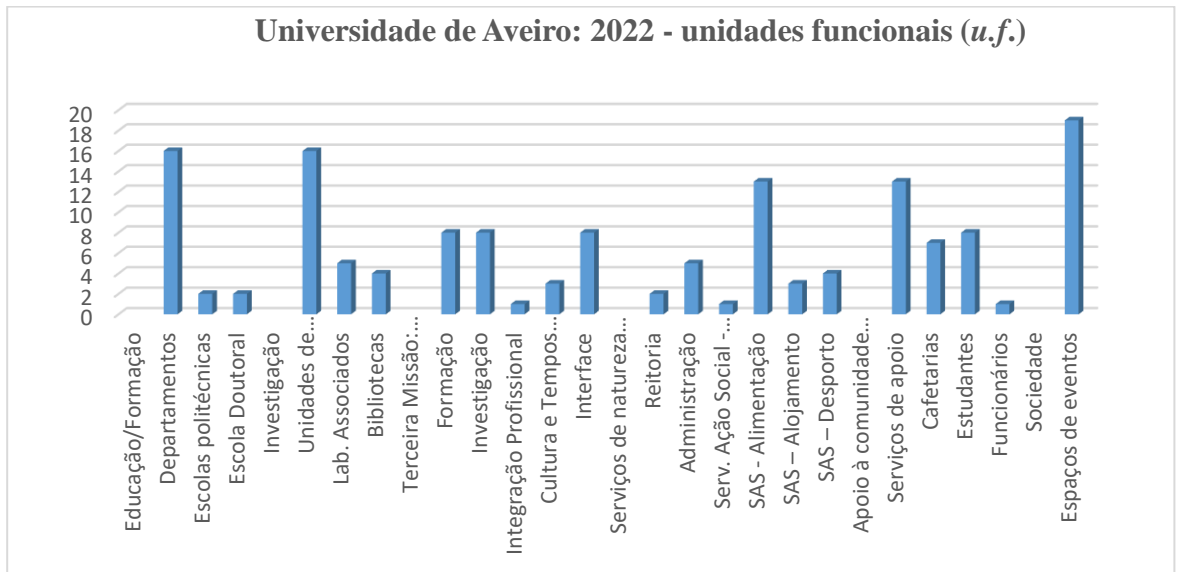


Fig. 8 - UA (2022): unidades funcionais
 Fonte: levantamento próprio

Como espaço humanizado, “*A Universidade será sempre das pessoas*” (Ferreira, 2022, pp. 28 e ss) que constituem em momentos diferentes e vagas sucessivas o universo da UA. A rotação e a interação humana do campus, a frequência e diversificação das atividades e iniciativas fazem-se sentir sobre o sistema urbano e social onde se insere. Tema assaz relevante que continua a ditar à geografia humana um eterno e constante desafio (Claval, 1973, p. 251): “*la quête de principes explicatifs n'est pas inutile et permet de remettre de l'ordre dans le désordre apparent des lieux et des civilisations*”.

Para além das relações geográficas estabelecidas entre o complexo funcional da UA e o sistema social externo, importa igualmente recordar a sua abertura e cooperação com a sociedade

traduzida na existência de diferentes unidades de interface, no modelo de governo assente no regime fundacional aprovado pelo Decreto-Lei n.º 97/2009 – Art. 2º-2¹⁰⁰ e na concretização da sua missão “*que acentua na sua intervenção as dimensões da interacção permanente com a sociedade*”. Para tanto os estatutos da “*fundação pública com regime de direito privado denominada Universidade de Aveiro*”, consagram, como órgãos da UA (Art. 7º): o conselho de curadores, o fiscal único e (loc. cit.) os “*órgãos previstos na lei e especificados nos Estatutos do estabelecimento de ensino*”. A indicação dos membros destes órgãos, salvo os referidos nos Estatutos, cabe ao Governo - ouvida a Universidade – exercendo a sua ação sobre os órgãos de governo: Conselho Geral, Reitor e Conselho de Gestão (UA)¹⁰¹.

Os aspetos anteriormente referidos completam o levantamento sobre o modelo de organização interna da UA a que corresponde, igualmente, uma ideia de universidade plasmada na sua matriz organizacional e estruturação do campus edificado, nas funções específicas que cumpre em diversas áreas da sua missão e na diversidade de unidades funcionais que alberga, em particular departamentos, laboratórios de investigação, serviços de apoio à comunidade académica, nomeadamente os que são especialmente vocacionados para a academia.

Completando a análise anterior importa recordar que este modelo de análise prossegue a metodologia usada em estudos de geografia

¹⁰⁰ Publicado no Diário da República n.º 81, 1ª série, de 27 de abril.

¹⁰¹ UA – sobre a UA. <https://www.ua.pt/pt/organizacao> 28MAR23

locativa circunscrita a um território urbano, ocupado por uma instituição universitária - um espaço da cidade de Aveiro - que acolhe uma população flutuante, em período determinado da sua vida académica e/ou profissional, cujo domicílio está fora do perímetro em estudo. É, contudo, uma unidade territorial, funcional e social, lúdica e científica, paisagística e urbana, geradora de dinâmicas e de fluxos humanos e migratórios que se repercutem na cidade e na região de Aveiro.

A importância da cidade na região, definida por fluxos de intensidade e extensão variável, constitui um dos temas de análise da geografia humana no qual assenta o conhecimento do traçado da área de influência urbana (Gaspar, 1972), das suas dinâmicas locais e regionais, da natureza das suas funções e da distribuição dos equipamentos e das unidades funcionais por setores ou grupos de atividade. No caso do campus da UA os dados que nos podem interessar raramente cabem no âmbito da recolha estatística oficial, que recolhe o conjunto da população escolar por instituições de ensino superior. Segundo as orientações do INE (Divisão administrativa)¹⁰² o campus da UA faz parte da “cidade estatística” de Aveiro entendida como “*unidade territorial que corresponde ao ajustamento do perímetro urbano (...)*”.

Dotada de edifícios e equipamentos próprios, vocacionada para o ensino, investigação e construção/divulgação do conhecimento científico e desenvolvimento humano da população; alimentada por

¹⁰² INE – Divisão administrativa

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_cont_inst&INST=6251013&xlang=pt 20SET22

migrações diárias; acolhendo temporariamente uma população residente noutros locais e com um leque tão diversificado e numeroso de unidades funcionais, este conjunto urbano dificilmente se enquadra nas tipologias estabelecidas das subsecções estatísticas do espaço urbano, semiurbano, rural ou outro. Faz parte de uma tipologia especializada do ordenamento do espaço citadino, de ambientes propícios à vida académica e ao conforto da sua população, de um urbanismo dinâmico baseado na “*sintaxe*” desenhada por Nuno Portas (Prata e Kzure, 2020) que se articula com a cidade mãe.

Nestas circunstâncias à dignidade de funções, paisagem natural, moldura humana, extensão, conhecimento e arte urbana, que identificam o campus da Universidade de Aveiro, podemos juntar novos elementos que nos permitem conhecer a sua capacidade de atração para fora da antiga área administrativa em que foi criada, o distrito de Aveiro. Na atualidade a sua área de influência vai além do antigo distrito abarcando as “*unidades territoriais para fins estatísticos*” – NUTs mais próximas.

Com as reservas inerentes à atração de alunos por outros centros universitários mais antigos, como Coimbra e Porto, ou mesmo pela rede de estabelecimentos de ensino politécnico, as áreas de influência interpenetram-se nesta área centro litoral e centro-norte do país por via da oferta e da acessibilidade da rede de transportes, sobretudo a ferroviária, que permite um intenso movimento de migrações pendulares diárias e semanais. Tal reforça a importância dos equipamentos académicos e das funções centrais exercidas no espaço alargado da Universidade de Aveiro e das suas escolas, com

uma atenção redobrada às dinâmicas internas e externas que possam servir de oportunidades à sua contínua expansão, realização e desenvolvimento humano da vasta comunidade académica que a anima.



4. CENTRALIDADE DE CONHECIMENTO

As notas anteriores sobre o *habitat* e a paisagem do ‘campus-cidade’ da UA apresentam traços dominantes deste lugar central da urbe aveirense onde se localizam as unidades funcionais atinentes à missão universitária e apoio à comunidade académica. Do ponto de vista morfológico corresponde a uma zona urbanizada (UBFC, 2020, p. 13), “*définie par la continuité du bâti (distance entre deux bâtiments) et la taille de la population de la zone*”, que não sendo prioritariamente fixa – salvo os estudantes que habitam nas residências do campus – frequenta diariamente as atividades letivas e dos que ocasionalmente aí se deslocam.

Esta corresponde a uma outra faceta, funcional, ligada à atividade académica e funções da Universidade na sua ligação com a população estudantil e nas relações de trabalho-residência dos seus funcionários. Para além destes, contamos ainda com os visitantes que por razões diversas deslocam-se a esta entidade e, com menos frequência, os que aproveitam momentos de laser para percorrer o Roteiro da Arquitetura Universitária Portuguesa, edificada em Santiago¹⁰³ ou que preferem visitar a marginal da ria, as salinas, os sapais e a toalha de água da laguna, alimentada pela diversidade da sua fauna e flora que integra o património natural e o construído desta área.

A carga humana associada a estes movimentos expressa-se através dos muitos fluxos de transporte e comunicação, diariamente estabelecidos entre a comunidade académica e o meio externo,

¹⁰³ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/61060> 27SET22

realçando a “posição central” ou centralidade da UA em relação à sua “área complementar”: região, todo nacional e outros contextos geográficos de maior dimensão. Na sua dinâmica e ação, a área de influência da UA expressa-se na sua proximidade e acessibilidade física ao campus e funções, no seu relacionamento com outras entidades da mesma natureza ditada por razões de proximidade humana, interesses científicos e estratégicos centrados no conhecimento académico e científico.

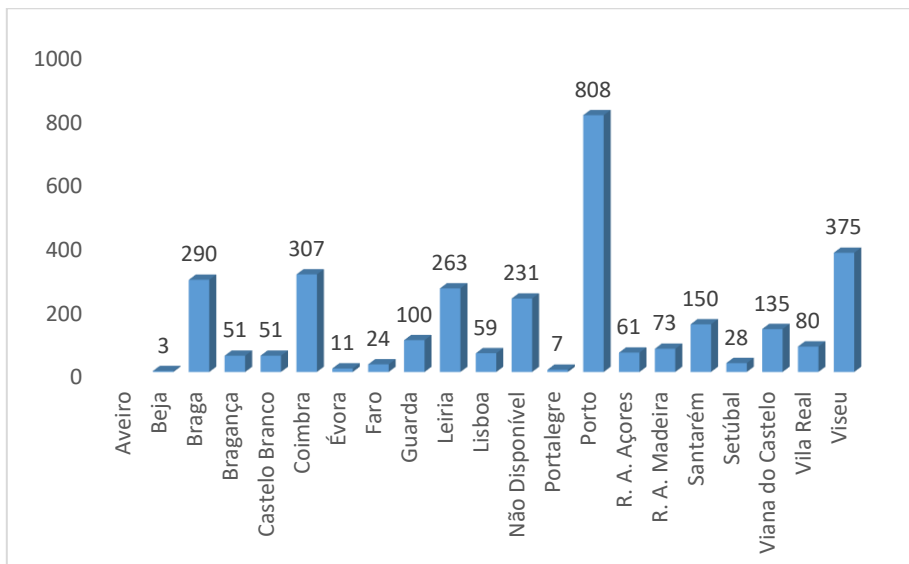


Fig. 9 - Distribuição dos alunos em Licenciatura – 1º ciclo por distrito (2011-12-31)

Nota: Num total de 6867 alunos matriculados em cursos em cursos de Licenciatura, 3760 (35%) eram originários do distrito de Aveiro (não representado na figura anterior)

O campus em si funciona como um território específico, produtor de conhecimento, animado pela circulação de saberes e de cientistas, pela polarização e irradiação de redes de informação que constituem (Castonguay, (2015, p. 232) “*autant de dimensions territoriales de la science*”.

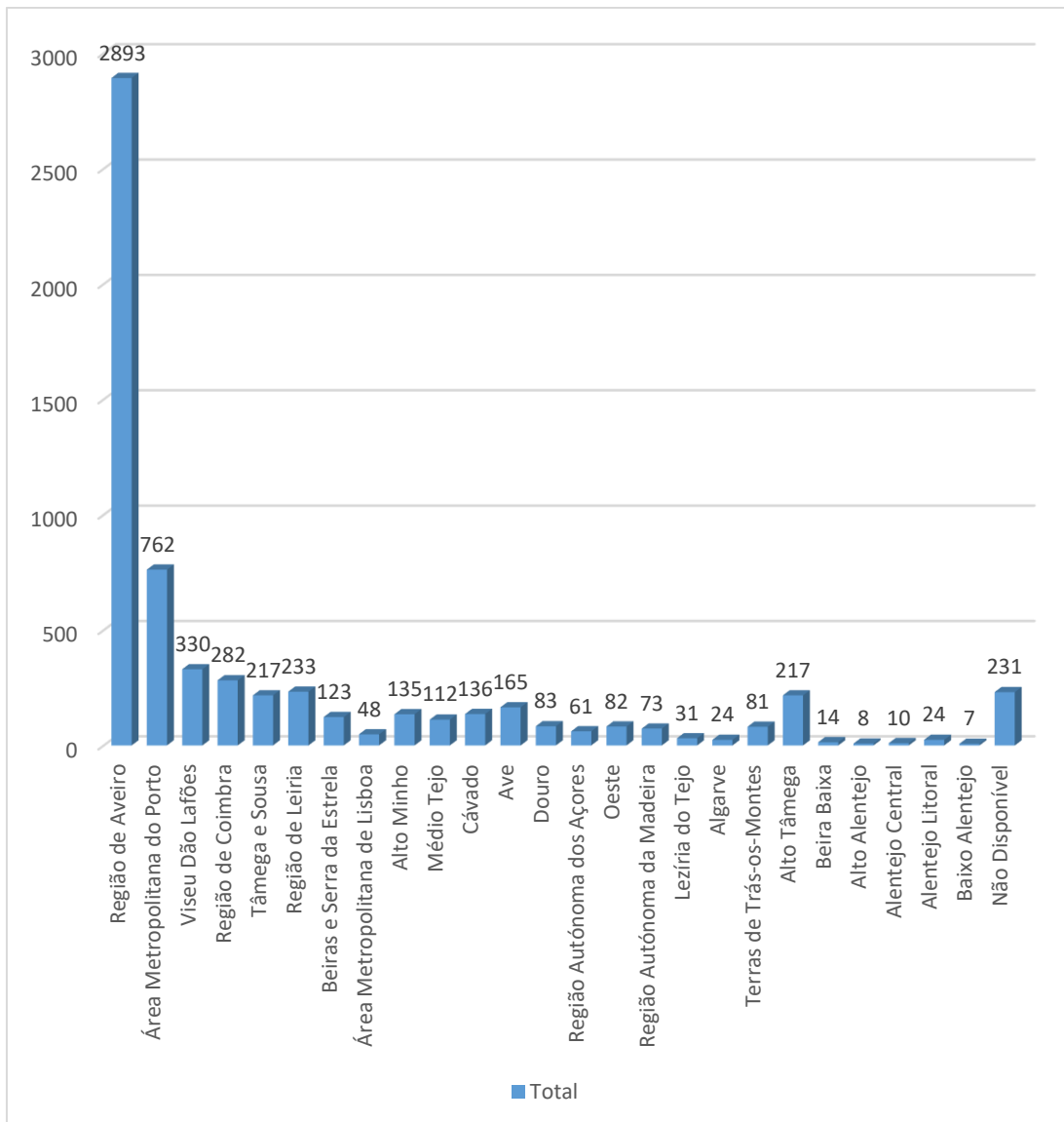


Fig. 10. Alunos matriculados em Licenciaturas: 2011/12 (NUT III)

Nestas circunstâncias a atração deste lugar central exerce-se em diferentes níveis: local, regional, nacional e internacional com a participação em redes de mobilidade, parcerias e projetos desenvolvidos em associação com outras entidades ou por si coordenados (UA, 2019, p. 41), “*prestando especial atenção à Ásia e a América Latina*”. À escala local o campus de Santiago, paredes

meias com o Hospital Infante D. Pedro, são exemplos de polos de atração de emprego e de mobilidade urbana, de transporte e circulação citadina.

Seguindo os ensinamentos de Christaller (1933) os bens e serviços oferecidos à população podem ser expressos no traçado de áreas de influência, como a residência dos alunos em formação e mobilidade ou incluindo outros públicos que aproveitam a oferta de serviços disponibilizados pela UA. A distribuição dos estudantes em licenciatura tem registado uma procura social e atração de alunos oriundos de todos os antigos distritos do país, com particular relevância para o território contíguo a Aveiro, do norte, centro e sul do território, melhor servido por redes de transporte rodoviário e ferroviário.

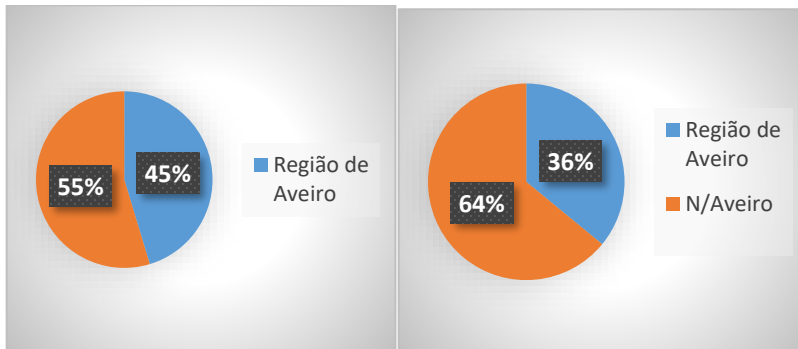


Fig. 11. Origem dos alunos matriculados em Licenciaturas naturais da região de Aveiro: 2011/12 e em 2021/22

Esta situação continua a registar-se em relação à totalidade de alunos inscritos nos cursos de Licenciatura (1º Ciclo) e de Mestrado (2º ciclo e cursos de Mestrados Integrados no início anos de 2011/2012 e em 2021/22. No caso das Licenciaturas a quebra de alunos oriundos da Região de Aveiro no decurso desta última década, apesar de relevante, reduziu-se significativamente: de 45%

na primeira data para 36% no ano letivo anterior. A este respeito reconhece o Reitor (Ferreira, 2023 - Entrevista): “a UA não se considera competitiva com os estudantes que estão perto da porta; vai-se sustentar competitivamente com estudantes de todo o país e de todo o mundo”.

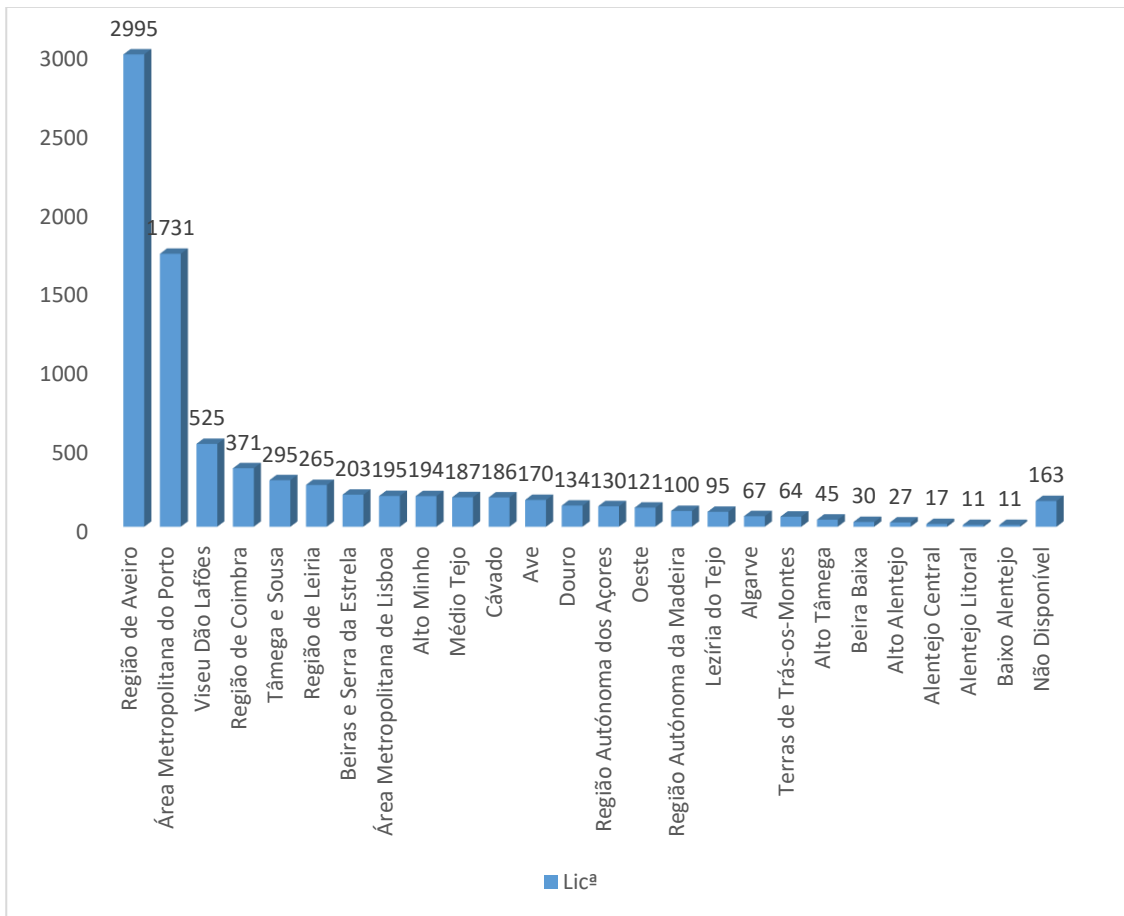


Fig. 12. Alunos matriculados em cursos de Licenciaturas: 2021/22 (NUT III)

Dada a sua situação litoral a UA acolhe um elevado número de alunos não só da sua região, mas ainda de todo o norte e centro litoral: eixo do Cávado à bacia do Lis, com particular destaque para a área metropolitana do Porto, irradiando de Aveiro para centro interior através do eixo do antigo IP5 na sua relação com a cidade

de Viseu e as principais vias que para aí convergem. Na sua configuração geral a ideia de Universidade e funções estão articuladas entre si realçando a centralidade de conhecimento construído na academia em relação aos alunos da região de Aveiro e de fora dela. Tomando como exemplo os cursos de Mestrado (2º Ciclo e Mestrados Integrados), num total de cinco milhares no ano de 2021/22 – dos quais, 3466 em Mestrados do 2º Ciclo e 1533 em Mestrados Integrados – a maior percentagem, de 65%, reside fora da região de Aveiro.

Num total de mais de 16,3 milhares de alunos matriculados nesse ano letivo, 5,7 milhares estão matriculados em estudos de Pós-Graduação e mais de dois milhares são estrangeiros. Destes: 656 eram alunos de Licenciatura; 432 de Mestrados (2º ciclo); 67, de Mestrados Integrados e 1, apenas, em cursos de especialização. Por nacionalidades a maior frequência é a de alunos oriundos dos PALOP, com particular relevância para os de nacionalidade brasileira, num total de quase meio milhão de inscritos nem cursos de Licenciatura e de Mestrado (2º Ciclo e Mestrados Integrados) em 2021/22. Transcrevemos dados de 2021/22:

| | | |
|------------------------------------|---------|------------------------------------|
| - Alunos em cursos de Licenciatura | T: 8332 | 4570 <i>mulh.</i> 3762 <i>hom.</i> |
| - Al. em C. de Mestrado – 2º Ciclo | T: 3550 | 2105 <i>mulh.</i> 1445 <i>hom.</i> |
| - Al. em C. de Mestrado – M. I. | T: 1533 | 460 <i>mulh.</i> 1073 <i>hom.</i> |
| - Concurso Nac. Acesso (Candid.) | 21979 | |
| - Vagas | 2735 | |
| - Alunos colocados | 2739 | |
| - Concurso Pós-Graduação. | | |
| - Candidatos | 6104 | |
| - Vagas | 3231 | |
| - Colocados | 2680 | |

Quadro XIII – Síntese de dados escolares: 2021/22

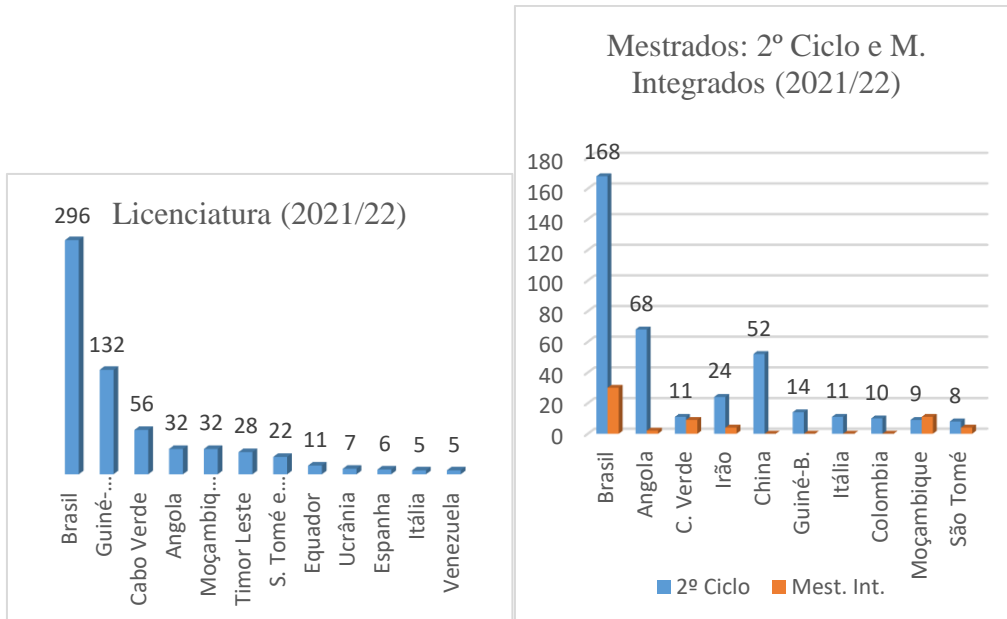


Fig. 13. Alunos internacionais em Licenciaturas e em Mestrados: 2021/22¹⁰⁴

A procura da UA por parte da população estudantil, diversificada nas suas origens geográficas e sociais, o seu aproveitamento interno: 4299 diplomados em 2021/22¹⁰⁵ e a sua atração, assenta numa estratégia definida pelo Reitor (Ferreira, 2023 – Entrevista) com base no alargamento da “*bacia demográfica*” de recrutamento da população académica; na qualidade – “*o nosso objetivo não é crescer em número, é manter a qualidade*” (loc. cit.) e na mudança de atitude ao nível (loc. cit.) “*ao nível da investigação e da inovação pedagógica, a proximidade com os estudantes, a atenção ao desporto, à cultura, a maneira única de acolher os estudantes e de os integrar (...)*” orientada para a população estudantil nacional e internacional oriunda de certos países (loc. cit.), “*em função das*

¹⁰⁴ O autor agradece à Doutora Constança Mendonça (SCIRP) a consulta desta informação

¹⁰⁵ Registo de 2279 abandonos no mesmo ano letivo

possibilidades de crescimento desses mercados e das suas características”: África e América do Sul, China e Irão e PALOPS.

Esta procura faz-se igualmente sentir nos estudantes em Doutoramento com maior procura de estudantes oriundos do Brasil, Irão, Angola, Moçambique e China e de outras nacionalidades – num total de 1977 inscritos em 2021 – repartidos pelos diversos departamentos universitários. Deste montante 65% são de nacionalidade portuguesa e os demais oriundos de quase seis dezenas de países de vários cantos do globo.

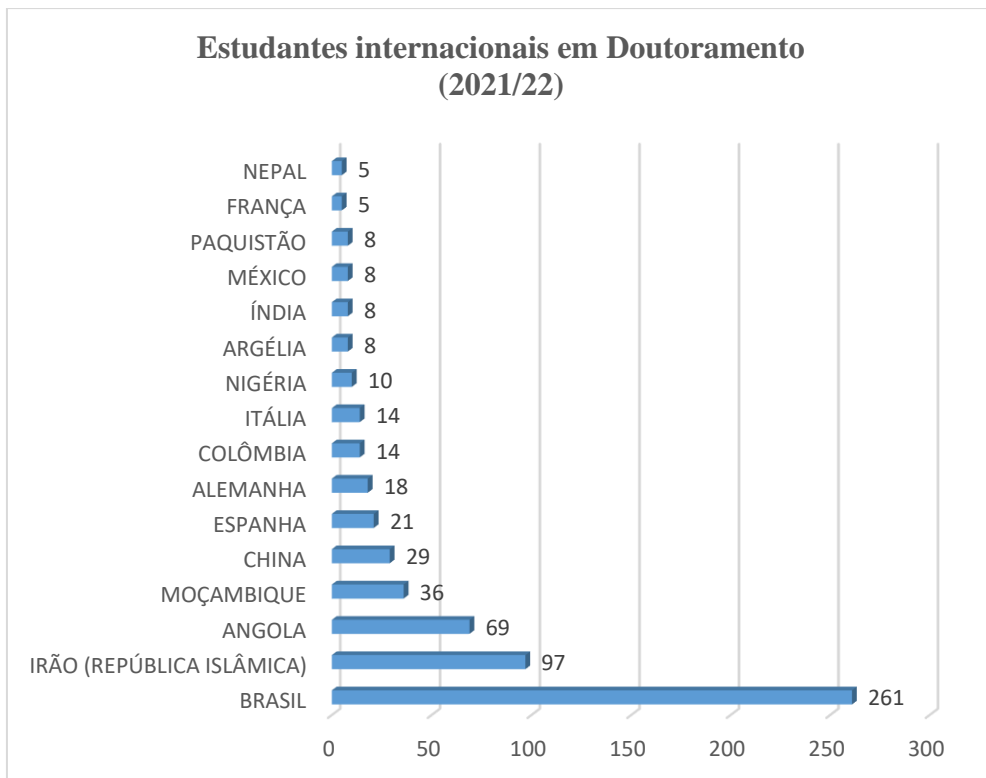


Fig. 14. Origem de estudantes internacionais matriculados em Doutoramento (2021/22)

Mais do que uma análise de tipo contabilístico assente na oferta-procura da UA, em entrevista recente, o Reitor (Ferreira, 2022, p. 39) sublinha o seguinte:

“Ao longo dos dois últimos anos, os estudantes de fora do distrito de Aveiro ultrapassaram em número os estudantes do distrito de Aveiro; e se agrupássemos os estudantes estrangeiros da Universidade de Aveiro num ‘distrito internacional’, esse distrito seria o nosso segundo maior distrito de recrutamento. O maior seria o de Aveiro, o segundo o internacional, o terceiro o distrito do Porto”.

Para tanto têm contribuído diversos fatores, nomeadamente a qualidade do ensino, investigação e cooperação (op. cit., p. 38) que conduzirão à implantação e expansão de novos equipamentos, funções e unidades orgânicas alargando deste modo as áreas de influência existentes e potenciais da UA, assegurando a sua atração e sustentabilidade (op. cit. p. 39): *“Se for atrativa para quem nela estuda e para quem está fora, será sustentável do ponto de vista da renovação de talento – e continuará a ser, como até aqui, uma promessa de futuro”.*

Num processo que envolve a comunidade científica, os decisores e os cidadãos (Research, 2022)¹⁰⁶, o Reitor apela para a participação de todos num projeto coletivo: *“investing in open science is investing in our future”*, processo para o qual contam as pessoas e os equipamentos, a marca e o sucesso da investigação científica (op. cit., p. 7)¹⁰⁷: *“Successful engagement with Open Science requires, therefore, this holistic vision by the institution, working together to deliver a set of goals in a complex and evolving mix of themes and priorities, to which all members can commit”.* Estes procedimentos

¹⁰⁶ Research@ua, 2022, – A word from the Rector – Paulo Jorge Ferreira

¹⁰⁷ Op. cit. - Message from the Vice-Rector – Artur Silva

repercutem-se no ambiente e dinâmica do ‘campus-cidade’ da UA (Alves, 2009, p. 114) que *“mostra ser uma instituição aberta ao mundo exterior a nível tecnológico e de relação com as empresas em cada uma das áreas que engloba.”*

A imagem anterior aplica-se, também, à integração do edificado na malha urbana da cidade e na sua relação com a tessitura já construída, situação reconhecida por este último autor (loc. cit.): *“Se esta abertura era clara a nível institucional, o seu espaço de implantação também a denuncia, tanto pela distribuição dos elementos pelos extensos terrenos, uma constante tentativa de relação urbana com os limites destes e também pelos amplos espaços verdes que proporciona”*, na sua articulação com o parque da cidade, a baixa de Santo António e a coroa de arvoredo circundante às vias de acesso que dão continuidade ao espaço natural da ria.

Estas notas dão maior relevância à diversidade de funções que contribuem para o aumento do número de alunos e alargamento das áreas de recrutamento, da capacidade de atração e da sua referenciação como centro universitário. Neste caso e seguindo o pensamento de Castells (1983) podemos afirmar que *“a centralidade é a combinação, num dado momento, de atividades económicas, funções políticas e administrativas, de práticas sociais, de representações coletivas, que concorrem para o controle e regulação do conjunto da estrutura da cidade”*, neste caso, o ‘campus-cidade’ da UA.

Tratando-se de um centro universitário tem atribuições definidas nos Estatutos (Despacho normativo nº 1-C/2017 – Art. 2º-n), onde

se inclui “*a produção e difusão do conhecimento e da cultura*”. Na sua relação com outros bens o conhecimento pode ser considerado como um “bem económico”, coletivo (Paris e Veltz, 2010, p. 25), intangível, circulante e acessível à população que tem beneficiado (op. cit., p. 24) de “*l’agrégation de ces secteurs stratégiques que sont l’enseignement et la recherche, l’innovation, l’économie numérique, les high-tech, les industries de la création (...)*”. No nosso caso o conhecimento está associado às funções de ensino, investigação, cooperação e à inovação, centradas num campus policêntrico, com expressão territorial que decorre da oferta de um “bem raro”, atrativo, gerador de fluxos de natureza humana, material, financeira, comunicacional e científica, interligados em rede com outros “nós” de redes hierarquizadas e da mesma natureza.

Nestas circunstâncias a centralidade do campus não decorre de uma posição geométrica, central, mas sim de uma rede de acessibilidades físicas, de bens e de serviços, de atores e de funções especializadas, capazes de atrair a população a partir de longas distâncias. A este respeito, Castells (1988, p. 29) entende que, “*toute définitiv de centralité implique une notion de proximité et de distance par rapport à un centre. Qui dit centralité dit hiérarchie*”, onde a inovação-criatividade (op. cit., p. 30) - a par de outros processos que podem contribuir para o seu traçado - “*peut être définie comme la valeur ajoutée à l’interaction dans un espace social*”.

Na sequência do assinalado as diferentes áreas científicas assumem, em torno de cada um dos departamentos, um papel fundamental na construção da hierarquia funcional e no reforço da

procura e da centralidade do ‘campus-cidade’ da UA, na promoção da capacidade de atração de novos alunos e interações, no alargamento da área de influência das suas unidades orgânicas, escolas e serviços, na coalescência de novos serviços e atividades, na participação de novos e de múltiplos universos das suas fronteiras como centro de referência em determinados domínios científicos e atividades. O mar constitui já uma das atrações de futuro.

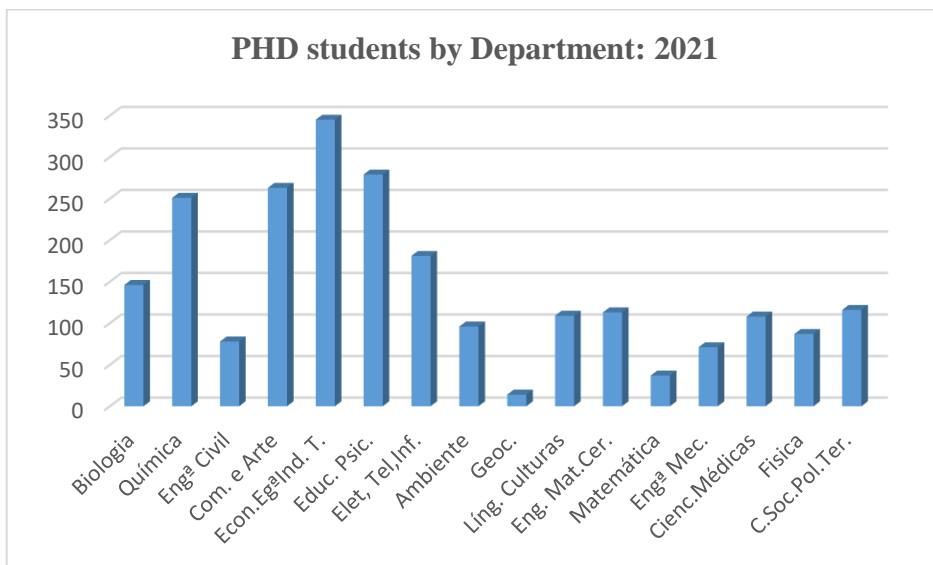


Fig. 15. – PHD students by Department: 2021

Fonte: Research@ua, 2022, p.73

Domínios de referência

Tendo presente a adoção do modelo binário (Lei nº 46/86 – Art. 11º - 1), integrando o ensino universitário e o ensino politécnico no seu universo (Despacho Normativo nº 18-A/2009 – Art. 7º-2), a UA assumiu uma distribuição policêntrica de duas das suas escolas, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA) e a Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia da Produção

Aveiro-Norte (ESAN), em Oliveira de Azeméis. Cada uma destas escolas está igualmente a criar, na sua articulação com a Universidade-mãe e em torno de cada um desses novos lugares (*l.c.*), uma centralidade própria desenhada pela área de influência de residência dos seus alunos, da prestação imediata de serviços a empresas, da especificidade das unidades funcionais de que dispõe, como sucede com o Laboratório Industrial da Qualidade – LIQ¹⁰⁸. Trata-se de uma “*associação técnico-científica, participada por diversas empresas industriais e de serviços, por personalidades singulares e entidades públicas, onde se destaca a Universidade de Aveiro*”. Anexo à ESTG Águeda esta unidade presta serviço no domínio de Ensaios. Metrologia, Energia e Segurança, Inspeção de Equipamentos com uma área de intervenção que ultrapassa os limites do antigo distrito de Aveiro.

Por ocasião da celebração dos vinte anos da sua criação, em 2017, o ex-Reitor, J. Pedrosa (UA-ESTGA, 2017, p. 9) recordou as diligências realizadas em 1990 para a constituição da sua Comissão Instaladora e o Reitor M. Assunção (op. cit., p. 5) reafirmou: “*A ESTGA assumiu-se como pioneira, na vertente politécnica a nível nacional e na própria UA, na concretização de um modelo de aprendizagem baseado em projetos*” assumindo, igualmente (loc. cit.), “*o ensino pós-secundário profissionalizante através dos CET – Cursos de Especialização Tecnológica*” que tem vindo a lecionar em diferentes domínios.

¹⁰⁸ LIQ - <https://liq.pt/> 28SET22

Por sua vez a ESAN, criada em 2004 (Decreto-Lei 217/2004), dedica-se¹⁰⁹

“ao ensino e à investigação, pertencendo ao subsistema de ensino Politécnico. A ESAN promove ainda a transferência para a sociedade do conhecimento e da tecnologia, bem como a dinamização de atividades culturais e humanistas em prol e estreita interação com a comunidade envolvente” sendo, desde então (loc. cit.), *“um parceiro estratégico das empresas, do tecido sócio-económico e da região do EDV”*¹¹⁰.

No contexto nacional o aumento da procura social da educação ao nível do ensino superior garantido pela institucionalização do “sistema binário”, alargamento da rede de estabelecimentos, diversificação da oferta de cursos, além de outras medidas de política científica e educacional, conducentes à democratização do ensino, da ciência e da cooperação com a sociedade, estão presentes no ciclo de vida da UA, no crescimento da sua população e do seu campus. Como sistema aberto esta organização universitária acolhe alunos, propostas de colaboração e sugestões do meio exterior e a este devolve os diplomados, resultados da atividade científica, patentes e colaboração que alicerça um dos pilares do edifício organizacional que suportam as três funções principais do universo UA.

Desde a criação da UA são várias as iniciativas e os contributos ao desenvolvimento local e regional, nacional e além-fronteiras, que alimentam a atividade das unidades orgânicas, dos centros de

¹⁰⁹ UA – ESAN <https://www.ua.pt/pt/esan/page/14275> 28SET22

¹¹⁰ Entre-Douro e Vouga

investigação e dos serviços que suportam a vida académica, científica, cultural e humana que anima este campus. Não se limitando a este espaço urbano, os reflexos da presença universitária na cidade de Aveiro extravasam os limites deste território e manifesta-se em diversos setores da vida urbana.

Nesta sequência a cidade ganhou uma nova vida e centralidade, tornou-se mais atrativa e dinâmica, graças, também, a um conjunto de sinergias que a UA tem sabido aproveitar na sua dinâmica e diálogo com o Poder Central e o Poder Local, com empresas e entidades públicas, com a população em geral. Mais ainda, ao estender a rede de estabelecimentos de ensino politécnico a outras cidades próximas induziu novas formas de utilização e dinamização do espaço citadino e da comunidade de residentes nesse território. Embora recentes são responsáveis pela revitalização da vida urbana que passou a ser alimentada pelo sangue novo que corre nas veias da sua população estudantil.

Em geografia, economia regional, economia urbana e outras ciências sociais, a centralidade urbana manifesta-se através de um conjunto de indicadores e situações diferenciadas que evidenciam o poder dos núcleos urbanos e dos serviços de que dispõem para atrair população residente fora do seu perímetro. No caso dos estabelecimentos de ensino revela-se pelo traçado da área de influência, ou seja, de recrutamento dos seus alunos e capacidade de interação com o território e sociedade envolventes.

Os estabelecimentos comerciais calculam a respetiva área de influência pelo afastamento/proximidade da atração dos seus clientes e os serviços administrativos essencialmente pela área de

jurisdição expressa na lei. No caso da UA e de outros estabelecimentos de ensino superior o traçado da área de influência dos alunos traduz-se na extensão de recrutamento dos seus alunos que tende a alargar-se cada vez mais para fora da região e do todo nacional. Assim o entende o Reitor Paulo Jorge (2023), defendendo a *“competitividade da UA no plano global e não no palco regional”*.

Este tipo de análise podia levar-nos a estudar a cidade nas suas relações com a região estabelecida através da análise de fluxos de mobilidade de acordo com as regras da oferta e da procura o mercado, da utilização e escassez de bens, da hierarquia das funções presentes em cada um desses pontos ou lugares centrais que abastecem com bens centrais o território envolvente. O traçado das áreas de influência urbana pode igualmente ser medido em diversos aspetos e situações através de fluxos de trânsito, de abastecimentos em bens e serviços em seu redor, no recrutamento de alunos para os seus estabelecimentos de ensino, na intensidade das deslocações diárias, periódicas e de carácter excecional ou no tempo gasto para essa deslocação. Como noutra canto citadino a distância a percorrer influencia a procura de clientes às unidades funcionais do mercado, situação explorada pelos SAS-UA na publicitação das unidades de restauração disponíveis no campus e na sua acessibilidade interna (Ver: Anexo).

À medida que a hierarquia das funções urbanas aumenta o traçado das áreas de abastecimento do mercado alarga-se, contribuindo para o aumento da mobilidade da população e, com ela, o acréscimo da procura conduzindo ao aumento de unidades funcionais, de clientes e da própria população. Nestas situações o acréscimo da centralidade

urbana assenta em condições de acessibilidade física, em redes de transporte eficientes, em custos de mobilidade reduzidos que promovam essa circulação. Pensando no caso de uma Universidade à acessibilidade física juntam-se as acessibilidades de natureza económica e cultural dos seus alunos – a primeira, ditada pelas posses financeiras dos candidatos e a segunda, pela herança cultural da família – que pode influenciar a ideia e o projeto de vida dos estudantes durante o seu percurso académico.

No contexto desta análise funcional, a Universidade assemelha-se a um ponto do mercado especializado para onde converge uma população muito diferenciada na sua origem social, económica e cultural; uma população distinta na sua atividade profissional; um conjunto de clientes de outra natureza representadas por empresas e entidades oficiais e particulares que recorrem aos seus serviços e mercado; a um universo de atores que articulam com os seus pares funções de coordenação em órgãos especializados, em *think tanks* permanentes ou temporários. O resultado de toda esta atividade repercute-se nos contributos ao desenvolvimento e nas externalidades do conhecimento promovidas pela Universidade.

O entendimento que a economia atual assenta no conhecimento - e não (Ferreira, 2022) “*pelos armas, mas investindo na cultura, na ciência e nas pessoas*” – constitui a base da “*economia do saber*” aberta a todos os que partilham a ciência nos seus diversos domínios. Perante a escassez de recursos naturais e acessibilidades financeiras, geoestratégicas, políticas e outras, a difusão deste bem, sem limites de acessibilidade no tempo ou lugar para diversos estratos da população com diferentes origens geográficas, socioeconómicas,

culturais, tem contribuído para a democratização do ensino e alargamento da economia do saber, especialmente a partir da utilização das tecnologias de informação e comunicação.

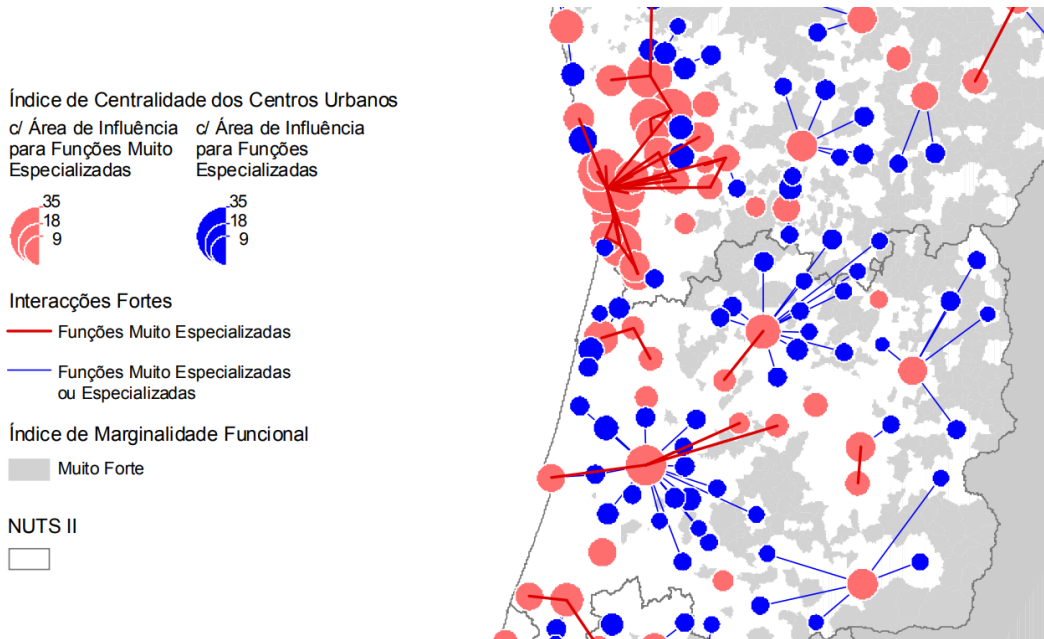


Fig. 16 - Sistema urbano nacional: uma síntese
INE, 2004

Contrariamente ao meio empresarial em que a saída de um colaborador acarreta uma perda significativa de dados internos, nas economias do saber esses conhecimentos, se devidamente partilhados, potenciam-se dando origem a “clusters”, a polos de competitividade, de acesso à informação, a “organizações aprendentes”, à produção de novas experiências, à inovação. Na sua essência as organizações sociais promovem a formação de todos os seus elementos, implementando práticas de melhoria continuada. Na sua missão específica as Universidades, como espaços de produção de saber, de reflexão crítica, de liberdade e de autonomia, partilham muitos dos traços das demais organizações contribuindo para

melhorar a qualidade da sua ação interna e das relações com o exterior. De forma direta ou mais remotamente estes aspetos pesam no reconhecimento de qualquer entidade e no reforço da sua centralidade no mercado.

Como inicialmente já referido a construção da UA beneficiou de um conjunto de “*circunstâncias felizes*” (Portas, 2000, p. 25) que conduziram a resultados finais expressos na edificação do campus e no aproveitamento de esforços comuns relacionados com as decisões políticas tomadas em diversas fases do seu desenvolvimento. Sem querermos recuar demasiado já recordámos a ação governativa na democratização do ensino superior quando da instalação da rede de novos estabelecimentos ao tempo do Ministro da Educação, Veiga Simão e a abertura alcançada depois da revolução de abril com a outorga da autonomia universitária. Neste processo o Conselho de Reitores teve um papel relevante pois conseguiu unir em si a voz concordante dos responsáveis das diferentes academias universitárias na defesa desse mesmo projeto. À abertura do Poder Central, a Autarquia de Aveiro soube compreender a importância da universidade na construção de novas centralidades académicas, urbanas e de interesse público no seu território facultando terrenos para a sua abertura.

Em fase da sua instalação o seu primeiro Reitor¹¹¹ manifestou-se a favor da construção de “*uma nova universidade e não de uma universidade nova*”. Recordando a ação do Professor V. Gil, Renato Araújo (UA, 2013, p. 24) assinala a construção de “*uma*

¹¹¹ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/53803> 24SET22

universidade próxima da lógica das universidades novas inglesas, assente numa estrutura muito participativa, que começava ao nível da base nos departamentos, e com uma capacidade de inovar em áreas que se entendiam serem fundamentais para o desenvolvimento do país". Mais ainda, ao tempo (loc. cit.), *"havia uma dinâmica que tinha em conta esse referencial mas também aquilo que era Portugal e o que era necessário que as universidades ajudassem a fazer para o país crescer"*. Esta é a mensagem deixada pelo primeiro Reitor eleito - na linha do que havia sido defendido pelo responsável a sua primeira comissão instaladora – e que continua a ser seguida no presente como afirma o seu atual Reitor (Ferreira, 2022, p. 38): *"Uma Universidade melhor ajuda o país. Um país melhor ajuda a Universidade"*.

Ao longo deste período de consolidação a comunidade académica pronunciou-se democraticamente sobre as lideranças de topo e das unidades orgânicas, sobre os programas de ação e a criação de novos saberes, sobre os resultados alcançados numa produtividade interna e de afirmação internacional, aderindo ao sistema de apropriação económica do saber universitário por grupos editoriais de renome mundial e ao nivelamento dos contrastes regionais e disparidades sociais e culturais do mundo atual. A equidade e a diversidade, a inclusão e a solidariedade são hoje confrontadas com cenários globais que ameaçam a unidade e o equilíbrio de uma *àgora* universitária aberta à participação e colaboração da sociedade. Contudo, como afirmou o Reitor Paulo Jorge depois do longo

período de confinamento, “*É na adversidade que se revela a força da nossa comunidade.*” (Ferreira, 2020 – Editorial)¹¹².

Além de outras referências estimulantes do caminho já percorrido em prol do desenvolvimento e recursos humanos, da investigação e ciência e da cooperação interpares e com a sociedade, os aspetos já assinalados relativos às funções do campus da UA, assentam na especificidade, identidade e especialização da oferta de bens disponíveis, no contributo da investigação à inovação, no envolvimento da organização universitária em redes singulares e coletivas de formação e mobilidade, de protocolos e cooperação nacional e internacional, do seu reconhecimento como um património cultural e científico identificado em diversos meios internacionais.

Pela sua dimensão, variedade e crescimento não podemos atender ao conjunto de situações que alimentam as muitas conexões estabelecidas entre pessoas, unidades orgânicas, grupos de investigação, projetos, comunicações e estudos que servem de fonte à elaboração de *rankings* diversificados de desempenho da investigação¹¹³, produção científica¹¹⁴, qualidade da investigação¹¹⁵ e da própria universidade (loc. cit.), contemplada em diferentes documentos internacionais. Internamente a preocupação com as atividade de ensino, de investigação e de cooperação - obedecendo aos critérios que integram do Sistema Interno de Garantia da

¹¹² UA (2020). Linhas – Revista da Universidade de Aveiro, 34, dezembro

¹¹³ UA - <https://www.ua.pt/pt/investigacao> 25SET22

¹¹⁴ UA – Investigar <https://www.ua.pt/pt/producao-cientifica> 25SET22

¹¹⁵ UA – Qualidade <https://www.ua.pt/pt/qualidade>

Qualidade (SIGQ-UA)¹¹⁶ com missão de “*sistematizar um conjunto de procedimentos para cada área de missão da instituição, que permitam à UA a gestão e melhoria contínua da qualidade dos seus processos e resultados em alinhamento com a sua política da qualidade e objetivos estratégicos*” – tem vindo a incrementar o desenvolvimento da cultura de qualidade e de boas práticas no seio da comunidade académica.

Estas são algumas das iniciativas que abonam a favor do reconhecimento nacional e internacional desta entidade nos três principais domínios da sua ação:

- Produção e difusão dos conhecimentos,
- Transferência do conhecimento
- Internacionalização.

Por ocasião da atribuição do Doutoramento Honoris Causa ao ex-Presidente da República, o Dr. Jorge Sampaio, em entrevista à revista Linhas (2008), recordou:

“a educação é um dos quatro domínios de atuação da Aliança das Civilizações, juntamente com a juventude, as migrações e os media. A educação é fundamental - não exagero, aliás, se disser que tudo passa pela educação – educação para os direitos humanos, para o diálogo, para o respeito pelo próximo, para uma cultura de paz, mas também para a diversidade cultural, para o gosto dos outros”.

Em trabalho anterior (Arroteia, 2013) identificámos cinco aspetos do contributo ao desenvolvimento da UA no decurso das primeiras

¹¹⁶ UA - <https://www.ua.pt/pt/sigq> 25SET22

quatro décadas de vida: formação de recursos humanos, construção do conhecimento, territorialização da formação e desempenho, partilha do saber e cooperação internacional, participação em redes transnacionais. Mantendo esta seriação outros exemplos há que exemplificam a dinâmica interna e relações desta entidade com outros sistemas sociais e a sociedade no seu conjunto. Estes aspetos são revelados pela procura social da população académica, frequência em cursos de diferentes graus, atividade das unidades de investigação e reconhecimento interpares e internacionalização.

Para o Ex-Reitor, M. Assunção (UA - 2017)¹¹⁷, *“A missão das universidades mais nobre de todas é a de formar cidadãos cosmopolitas, capazes de compreenderem e de se relacionarem com o outro e com as respetivas diferenças”*. Com este desígnio a oferta formativa integrada no Espaço Europeu de Ensino Superior – pós Bolonha – inclui a oferta de três níveis de formação: 1º (45 Licenciaturas), 2º (77 Mestrados + 11 Mestrados integrados) e 3º ciclo de Bolonha (51 Programas Doutorais) – e outras ofertas formativas onde se incluem os Cursos Técnicos Superiores Profissionais – cerca de duas dezenas nas áreas de Artes e Humanidades, Ciências da Engenharia e Tecnologias e Ciências Económicas e Sociais.

Para além destes cursos e procurando responder (UA – Estudar)¹¹⁸ *“à procura dos candidatos que pretendem complementar as suas aprendizagens ou competências e atenta às*

¹¹⁷ UA (2017) – Linhas nº 28 https://issuu.com/revistalinhas/docs/linhas_28 27SET22

¹¹⁸ UA – estudar <https://www.ua.pt/pt/estudar-mais> 23SET22

necessidades do mercado de trabalho, a UA disponibiliza um conjunto de alternativas formativas, que se constituem como outras formas de estudar na UA”, pelo que a oferta formativa inclui ainda:

- Unidades curriculares isoladas,
- Programa START ano zero, destinado “*aos estudantes internacionais o programa START ano zero que visa a preparação para o Concurso Especial de Acesso e Ingresso do Estudante Internacional e para a frequência dos cursos de Licenciaturas na UA*”.

- Programa START exames, com o objetivo de “*preparar os estudantes para os exames exigidos pelo concurso especial de acesso para maiores de 23 anos ou por outras tipologias de candidaturas especiais onde seja exigida a realização de uma prova de acesso local*”,

- Cursos de Nivelamento “*para colmatar eventuais lacunas na área da matemática, decorrentes da não coincidência do ensino pré-universitário do seu país de origem com o ensino em Portugal.*”

Entre a população académica destacam-se, para além de alunos de nacionalidade portuguesa, quase uma centena de outras nacionalidades (em 2020) dos quais cerca de quatro centenas em regime de mobilidade (*incoming*). A participação de estudantes da UA noutras instituições (*outgoing*), foi pouco menos de duas centenas.

O conjunto destas ações consolidam a marca da UA no mercado das ofertas formativas no ensino superior, alargando a sua influência geográfica e social aos alunos de origem nacional e internacional. Esta é reforçada por acordos de cooperação interinstitucional (UA –

internacional)¹¹⁹ na “*Europa, na América do Sul, nos países de expressão portuguesa em África, e, na Ásia, na China e no Sudeste Asiático*”.

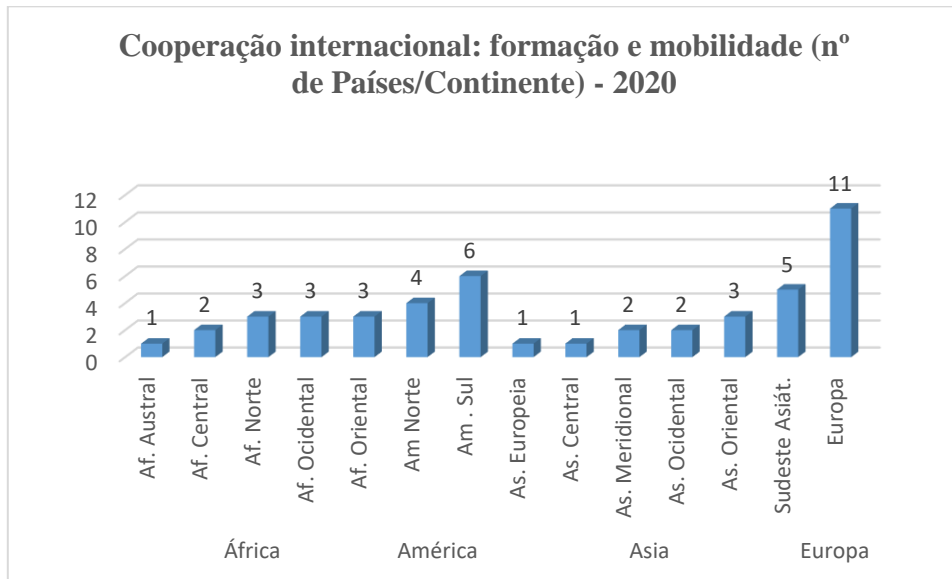


Fig. 17. - Cooperação internacional: formação e mobilidade (nº de Países/Continente) – 2020

Fonte: UA.

O total de universidades parceiras em programas de mobilidades e outros é de quase um milhar de instituições, repartidas por diferentes países e continentes. Estes programas de mobilidade, coordenados a nível central, têm responsáveis departamentais ou por escolas, que asseguram a implementação e acompanhamento dos percursos de mobilidade *incoming* e *outgoing* dos alunos na e fora da UA. Quanto aos projetos em curso os projetos internacionais eram 127 – mais cinco Cátedras convidadas – e os projetos nacionais em curso, 447. Já no domínio da cooperação (2020) o total de

¹¹⁹ UA – internacional <https://www.ua.pt/pt/internacional-cooperacao> 23SET22

contratos ascendia a 256, os projetos de I&D, 78, os pedidos de patentes, 23 e as *spinoffs* ativas, 19¹²⁰.

A publicação, desde 2010, da revista especializada, *Research@ua* (2010)¹²¹, como meio privilegiado de divulgação da investigação, expressa a prioridade que esta entidade lhe concede através da afirmação do seu Reitor (Assunção, 2010)¹²² como “*the main strategic factor as motor of the different components of the university mission*”. Mais ainda: “*The quality of research constitutes, in itself, an intrinsic indicator of the quality of academics and researchers, that is, of the capacity and potential in the institution to produce new knowledge*”.

A evolução dos projetos no decurso desta última década dá conta do aprofundamento destas preocupações em sucessivos mandatos reitorais. Para Ferreira (2022-Message), “*Investing in open science is investing in our future.*” Nesta sequência o acréscimo de linhas de investigação, projetos, equipamentos e pessoas (UA, 2022, p. 11)¹²³ “*has been essential to improve its competitiveness and thus ensure a better future and a greater and more effective contribution to regional development*” e para o acréscimo da internacionalização da atividade científica. Cita-se o exemplo da sua integração na Universidade ECIU – The European Consortium of Innovative Universities¹²⁴, “*a network of 13 universities united since 1997 by a common profile of shared beliefs, interests, and mutual trust.*”

¹²⁰ UA – sobre a UA <https://www.ua.pt/pt/factos-numeros> 25SET22

¹²¹ UA (2010) – *Research@ua*
<https://proa.ua.pt/index.php/researchua/issue/view/483/58> 23SET22

¹²² Assunção, Manuel (2010) – *Research@ua*, 1

¹²³ UA (2022). *Research@ua-report 2021*

¹²⁴ ECIU - <https://www.eciu.org/> 21SET22

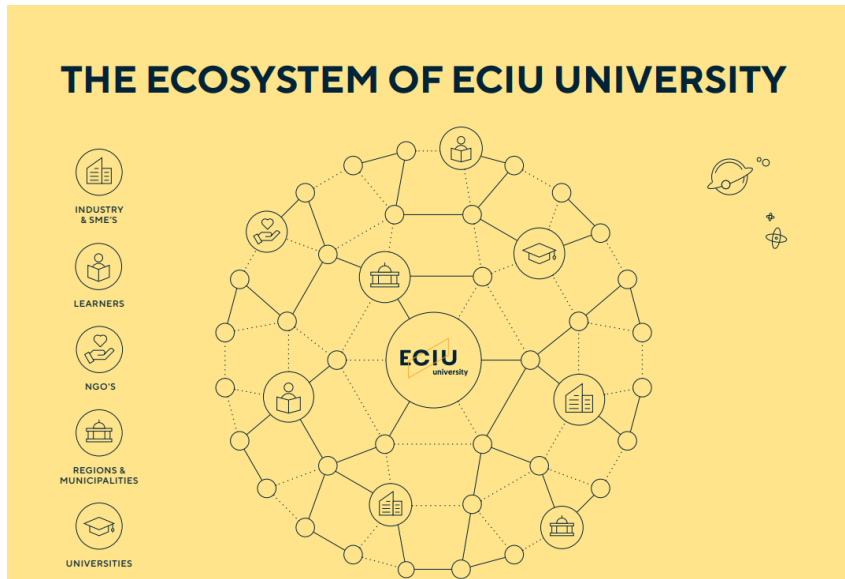


Fig. 18 - The Ecosystem of ECIU University
Fonte: UA

Estes são exemplos significativos da consolidação da UA na sua região e internacionalmente, aprofundando a Visão (ECIU)¹²⁵ de um “*European-wide ecosystem based upon open and inclusive collaboration connecting societal stakeholders, researchers and learners to provide European answers to future societal challenges*”. Recorrendo ao modelo que subjaz a teoria dos lugares centrais, anteriormente assinalada, a matriz sistémica desta entidade tende a identificar-se em muito dos seus aspetos funcionais ao modelo de Christaller (1933) sobretudo no que respeita à organização nodal, à oferta de bens e serviços, à atração dos seus alunos, à integração no mercado em seu redor.

Não obstante as dificuldades registadas no decurso dos três últimos anos de um período da história da humanidade marcado,

¹²⁵ ECIU Vision https://assets-global.website-files.com/562fb917aa38ca2e349b422e/5fa153b1c8e6ad03c125f699_20201195%20ECIU%20-%20Opmaak%20visie%202030%204.pdf 21SET22

como assinala o Reitor, P. Ferreira (2022 – Editorial)¹²⁶ por “*uma emergência de saúde pública inédita*” e também geográfica com a sua difusão a nível mundial, prossegue o momento chave na vida desta organização universitária (loc. cit.): “*O crescimento e afirmação da internacionalização, da investigação e da cooperação, a transformação nos métodos de ensino, os novos públicos e a transição entre a dimensão local e global estão a mudar a Universidade.*”

Convivendo com esta situação a UA confirma, no âmbito de uma análise geográfica de natureza locativa, que a inovação decorrente da sua ação inclui diversas externalidades de conhecimento assentes na sua missão tradicional de investigação e ensino, acrescentada com as mais-valias da cooperação estabelecidas “*em múltiplas redes*” (Assunção, 2012, p. 4), propícias à sua difusão (Hagerstrand, In: Wagner & Mikesel, 1962) e aplicação.

O processo de divulgação do conhecimento, hoje em dia facilitado pela participação da Universidade em diversas redes internacionais - através dos SBIDM¹²⁷, da Reitoria e unidades orgânicas - alarga-se, através de *fóruns* e de outras formas de participação em redes internacionais de cooperação europeias, ibero-americanas, países de língua portuguesa, regiões transfronteiriças e outras¹²⁸.

Transcreve-se a lista de redes em que a UA participa:

¹²⁶ UA – Linhas (2022). Linhas: Revista da Universidade de Aveiro - Editorial

¹²⁷ UA - <https://www.ua.pt/en/sbidm> 25SET22

¹²⁸ UA – cooperação internacional

<https://www.ua.pt/pt/cooperacaointernacional/page/24231> 25SET22

- EUA: European University Association
- ECIU: European Consortium of Innovative Universities
- EUCEN: The European University Continuing Education

Network

- Associação COLUMBUS
- Grupo Tordesillas de Universidades
- AULP: Associação das Universidades de Língua Portuguesa
- AUIP: Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado
- HUMANE: Heads of University Management &

Administration Network Europe

- RIET: Rede Ibérica De Entidades Transfronteiriças de

Cooperação

- EUNIVERCITIES NETWORK
- Campus do Mar
- Fórum de Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões da

Língua Portuguesa

Quadro XIV - U.A. – Redes institucionais - 2022

Fontes da UA¹²⁹ indicam os principais parceiros desta rede que potenciam o sistema nodal de informação, as externalidades (Mille, 2004) e a própria inovação, como fonte do desenvolvimento económico (Schumpeter,1942) garantido pela transferência de conhecimento entre os diversos elementos que fazem parte desta rede e as entidades parceiras que beneficiam do mesmo.

Na sua relação com a urbe aveirense, o campus da UA é uma infraestrutura complexa, com uma função especializada, a universitária e objetivos ambiciosos no que respeito à estruturação da *Ideopolis* (Robert, 2004, p. 6) aveirense, já com meio século de vida e a caminho de muitos mais. Com a sua morfologia, serviços e uma variedade de funções (Kerr, 1963, p. 41), a *polís* de ideias em

¹²⁹ UA - Redes institucionais

<https://www.ua.pt/pt/cooperacaointernacional/page/24231> 8OUT22

desenvolvimento assenta na existência de “multiversos” ligados às atividades de ensino, investigação, cooperação e difusão do conhecimento que na sua “*multiversidade*” estimulam o conhecimento e a inovação, a partir de uma nova centralidade, a UA, à escala urbana, regional e nacional. A coalescência de novos serviços e atividades (op. cit., p. 91) tende a alargar a sua área imediata de influência gerando novas sinergias e reforçando a ação da “*cidade do conhecimento*” em construção, atendendo à realidade que a envolve e alargando a sua participação (op. cit., p. 94).

A criação de um ambiente externo favorável ao seu desenvolvimento carece do envolvimento da comunidade académica e da sociedade civil, aliada a lideranças capazes de incutir o sentido de estabilidade, segurança, continuidade e equidade consideradas por Kerr (op. cit., p. 95) como indispensáveis ao seu desenvolvimento e afirmação. Concluindo as referências a este autor, citamos (op. cit., p. 123): “*The City of Intellect my be viewed in a broader contexto, encopassing all the intelectual resources of a society, and the even broader perspective of the force of intellect as the central force of a society-its soul*”.

Por sua vez, recorrendo aos ensinamentos de Durkheim sobre a “*divisão do trabalho social*” com efeitos não só de natureza económica, mas, também, moral e social, tal conduz a uma maior interdependência e solidariedade entre os indivíduos, a densidade moral (1977.II, p. 36): “*os progressos da divisão do trabalho estão na razão direta da densidade moral ou dinâmica da sociedade*”. Prosseguindo, afirma (op. cit., p. 40): “*Se a sociedade, ao condensar-se, determina o desenvolvimento da divisão do trabalho,*

este, por sua vez, aumenta a condensação da sociedade” que multiplica as “relações intra-sociais”. O incremento destas relações internas e com o exterior conduz a uma “condensação progressiva das sociedades” (op. cit., p. 36), que “são geralmente tanto mais volumosos quanto mais avançadas forem e, por conseguinte, quanto mais dividido estiver o trabalho” (op. cit., p. 40).

Se aplicado às relações espaciais enquadradas pela geografia humana sobre o desenvolvimento nuclearizado a partir de polos de crescimento, a inovação torna-se num processo de desenvolvimento regional (Perroux (1950, 1991) baseado na atração de capital mercadorias e de população, na evolução dos serviços, das redes de transporte, do estabelecimento de relações funcionais com efeitos sobre a economia. Entre muitos autores que prosseguiram estudos nesta área destacam-se ainda: Friedman (1972), Higgins e Savoie (1988) e Lorek (2015) que estudou o caso de um sistema de inovação territorializado (loc. cit.), entendido como *“un ensemble territorialisé dans lequel des relations entre les agents économiques se développent”*. Deste trabalho concluiu (loc. cit): *“Le développement est favorisé par la convergence des actions publiques et privées (...) et, par l'apprentissage permettant de passer des transactions multilatérales, génératrices d'externalités spécifiques à l'innovation”*. Um outro exemplo apresentado por Carrincazeaux, C., Doloreux, D., Shearmur, R. (2016) incide sobre Serviços de Forte Intensidade de Conhecimento (SFIC), *“envisagés dans leurs stratégies d'innovation internes”*.

As condições acima referidas, associadas à divisão do trabalho social, à construção da memória coletiva e ao conhecimento - como

um bem durável e transmissível, como “*um produto de grande consumo e possibilidades infinitas*” (Robert, 2004) - é reforçado pela ideia das novas universidades. No entendimento e contexto em que se situam os trabalhos de Kerr (1963, p. 4), “*the Universities have changed profoundly – and commonly in the direction of social evolution of which they are part*”. Citando outro autor (loc. cit.), acrescenta: “*The university became, in the words of Flexner, ‘an institution consciously devoted to the pursuit of knowledge, the solution of problems, the critical appreciation of achievement and the training of men at a really high level’*”.

Na sua evolução e acompanhando a mudança social que lhe é devida, a universidade alarga o leque de funções e de serviços que as suportam, os espaços que lhe estão atribuídos, acolhe públicos diversos e influências do meio que geram novas respostas e ações. Fazendo parte da urbe, o “*cariz urbano do produto do plano-traçado*” fortalece a noção de “*campus-cidade*” da UA (Brazão, 2018, p. 41), fortalecido pelo traçado dos seus edifícios, o jardim-alameda, a arborização existente e a dinâmica interna da própria organização universitária que acompanha as mudanças dominantes no universo de interpares em que concorre, adequa a sua matriz organizacional e refina o seu poder.

No contexto de crescimento suportado pelos programas de ação das candidaturas de base democrática às suas unidades orgânicas, a comunidade académica reage alargando a sua esfera de ação em domínios científicos e espaços geográficos vitais para a sua sobrevivência. O ‘campus-cidade’, fortalecido pela ação dos *campi* estruturados em torno das primeiras escolas de natureza politécnica,

reforça a presença de “clusters” de académicos, cientistas e alunos numa cidade ideal (Kerr, 1964, p. 93) – a *Ideopolis*¹³⁰ – com extensão a outros *campi* (i.e. *multi-university*) e a possibilidade de junção e de subtração de unidades orgânicas “*with little effect on the whole or even little notice taken or any blood spilled.*” (op. cit., p. 20) sem que este procedimento ponha em causa a funcionalidade do organismo.

Através de um percurso já descrito em trabalhos anteriores (Arroteia, 2013 e 2020) a Universidade de Aveiro tem vindo a afirmar-se como uma “*Universidade moderna*” (Hutchins, 1936), “*pós-moderna*” (Smith e Webster, 1997), escolhendo (UA, 2022)¹³¹:

“uma estrutura matricial, que integra os subsistemas de ensino universitário e politécnico, e se traduz na permanente interação entre unidades, serviços e demais estruturas, privilegiando a interdisciplinaridade e a flexibilidade, a organização e a gestão por atividades e objetivos e a abertura à sociedade com estreita ligação ao meio empresarial envolvente”.

Comprometidas com estes princípios as estruturas académicas e organizacionais prosseguem um propósito comum, “*a vision of the end*” (Kerr, 1964, pp. 31-32): “*if it is to have a ‘vision’, the presidente must identify it*”. Embora partilhando com a administração outros deveres tais como “*a special responsibility for the discussion, clarification, definition and proclamation of this*

¹³⁰ “City of Intellect” (Kerr, 1964, p. 94)

¹³¹ UA – Organização da Universidade e Aveiro
<https://www.ua.pt/pt/organizacao> 28JUL22

end”, o ‘leader’ é sempre um mediador entre grupos, culturas, ambientes, públicos e interesses, que se avolumam com a diferenciação de escolas e de extensões territoriais, de órgãos e de proveitos internos, do mercado e da sociedade. As relações de poder são animadas por diferentes atores internos e externos cuja influência faz-se sentir nos órgãos de gestão, em domínios e patamares distintos, nos departamentos, escolas e serviços do edifício organizacional (Donovan, 2016).

Como noutras organizações sociais o crescimento tem sido acompanhado de uma maior complexidade exigindo uma visão mais profunda da sua renovada missão, de consistência na liderança firmada no poder e na moderação entre os interesses emergentes e instalados, na responsabilidade e participação dos diferentes grupos, na avaliação da complexidade de novas situações internas e externas e na expectativa de ultrapassar os desafios que acompanham a mudança social do nosso tempo.

Convergências

Reportar alguns dos aspetos do desenvolvimento da ideia e missão de universidade durante a sua evolução transposta na paisagem urbana e funções do campus de Santiago, nas decisões de gestão universitária, no compromisso com a sociedade, entra no propósito deste ensaio. Partindo da diversidade e pluridisciplinaridade dos *campi* urbanos (Arroteia, 2022), em particular do campus edificado de Santiago, a ideia de

‘multiversidade’ tem vindo a incrementar-se através da ligação da formação superior e da investigação partilhada com empresas, serviços e indústria, com o poder local e o poder central, com entidades externas e internacionais constituindo um fator estratégico relevante da economia regional e do desenvolvimento da UA que aponta caminhos futuros. Na sua essência a ideia de universidade moderna – “*the Multiversity*” - apresentada pelo antigo presidente da Universidade de Califórnia, Clark Kerr (1964), como “*constelações do saber reagrupadas para brilharem no firmamento universitário e criar assim a ‘Ideopolis’, ‘cidade do intelecto’*” (Robert, 2004) pressupõe que estas unidades estejam convenientemente reunidas e estruturadas nos seus objetivos e ação, nas suas práticas e resultados.

Tendo presente a evolução da universidade até meados do século passado, aquele autor (Kerr, 1964, p. 1) toma como referência a antiga comunidade medieva de mestres e de estudantes classificando, à data, a maior parte das universidades americanas como “*universos multiformes*”, “*a whole series of communities and activities held together by a common name, a common governing board, and related purposes*”. O seu contributo assenta na defesa de uma nova ideia de universidade (op. cit., p. 2), como “*a new type of institution in the world (...) not really private and it is not really public; it is neither entirely of the world nor entirely apart from it. It is unique*”, distinta dos modelos defendidos até então pelo Cardeal Newman (1852) - “*A University may be considered with reference either to its Students or to its Studies*” - e das Universidades de

Berlim e de Oxford (op. cit., p. 5): “*The Universities where becoming too many things*”.

Distinta dos modelos dominantes em épocas diferentes e noutros contextos geográficos, Kerr (op. cit., p. 6) defende uma “*really modern university – the multiversity*”, a qual (Frédéric, 2004) “*permite a coexistência de diferentes componentes. Evoca a pluridisciplinaridade da universidade que tende para uma instituição de equilíbrio instável, oscilando entre o ensino tradicional de tipo clássico e o ensino com fins industriais*”. Uma entidade constituída por dois corpos distintos: estudantes e professores, dum lado e administração, do outro.

A defesa de uma nova ideia de Universidade fundamenta-se em exemplos da evolução da própria instituição (op. cit., p. 29-41), assinalando que (op. cit., p. 41), “*The ‘Idea of University’ was a village with its priests. The ‘Idea of a Modern University’ was a town – a one-industry town – with its intelectual oligarchy. The ‘Idea of a Multiversity’ is a city of infinite variety*” (...). Variedade que contempla diferentes origens sociais da população e vida própria, cultura e identidade distintas, público e interesses diversos, corpos profissionais e alunos diferenciados que contrariamente às universidades medievais - onde alunos e mestres tinham interesses comuns - “*in the multiversity, they are quiet varied, even conflicting*” (op. cit., p. 19).

No seu conjunto os habitantes desta cidadela, fortalecida pela multiplicidade de comunidades, grupos sociais e culturas, distingue-se do conceito de “*Universidade das Pessoas*” defendida pelo seu atual Reitor (Ferreira, 2018):

"A universidade somos nós. É em torno das pessoas que gira toda a atividade das universidades, é nas pessoas que reside o conhecimento e é às pessoas (estudantes, bolseiros, investigadores, funcionários docentes e pessoal técnico, administrativo e de gestão) que a UA deve a sua existência e sucesso".

Nesta apresentação a ideia de universidade é mais humana e inclusiva, favorável à criação e difusão do conhecimento, assente em valores e princípios éticos e humanos que consolidam a missão e a visão da UA no presente e no seu futuro.

O exemplo desta convergência de atenções na construção de uma nova universidade assenta no desempenho anterior e no conjunto de funções que tem vindo a consolidar: formação, investigação, cooperação, juntamente com as que decorrem da internacionalização das suas atividades e construção de ambientes favoráveis ao desenvolvimento humano da sua população¹³² num recanto urbano enquadrado por traços físicos e humanos bem distintos. A paisagem (Brandão, 1923, p. 95), *"longe azul desmaiado, perto azul como tinta"* funde-se com o tijolo deste campus e enquadra-se numa larga moldura geográfica onde se inserem a laguna e a urbe, os canais e as vielas, o salgado e as lojas, o cagaréu e o forasteiro, o ceboleiro e o estudante, num diálogo que o 'campus-cidade' veio melhorar:

- Com a construção de uma nova paisagem urbana enriquecida com obras de diversos arquitetos portugueses, edificadas em torno da praça central e do claustro desenhado pelo Arquiteto Nuno Portas.

¹³² UA – Missão <https://www.ua.pt/pt/sobre-nos> 20OUT22

A multiversidade arquitetónica dos diferentes projetos e autores ilustra, cada uma à sua maneira, uma ideia de universidade unida no traçado comum do “projeto de chão” e na cobertura dominante com materiais cerâmicos específicos do território aveirense; um “campus-cidade” construído a partir do “plano-traçado”, de cariz urbano, delineado por Nuno Portas (Brazão, 2018, p. 41).

- Com um novo modelo organizacional universitário alcançado com o processo de diferenciação da UA, de base departamental, em escolas de natureza politécnica e numa matriz fundacional. De acordo com a matriz organizacional a convivência entre o ensino superior universitário e o ensino superior politécnico, “*com igual dignidade e paralelismo de tratamento*” entre os dois subsistemas, “*no pleno respeito pelas respetivas diversidades e especificidades*” (Despacho normativo nº 18-A/2009) promove a união desta população através do usufruto de equipamentos escolares e sociais de utilização comum;

- Através da coalescência de novos equipamentos (Kerr, 1964, p. 91) implantados dentro e fora de Santiago no decurso das últimas décadas, como o PCI, a ESTGA e a ESAN, são exemplos de novas integrações associadas aos *campi* já construídos. Nesta situação o Parque de Ciência e Inovação serve como elemento estruturante da “*estratégia de desenvolvimento regional definida no Plano Territorial de Desenvolvimento para a Região de Aveiro*” (Esteves, 2010), integra os onze municípios da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro. Na sua relação com a UA esta entidade pode desempenhar uma função de charneira no diálogo entre as partes componentes da CIRA e os municípios vizinhos na prossecução de

uma estratégia comum de crescimento da Região (loc. cit.) e do “*dinamismo e empreendedorismo do seu tecido empresarial, tirando proveito da nova e relevante competência que vai ser o PCI*”.

O presente da UA releva de um esforço comum que conseguiu ultrapassar o limiar da sua grandeza física e humana e projetar-se num futuro que os seus dirigentes e colaboradores anseiam, consistente e sustentado. Faz por isso sentido relembrar Kerr (1964, p. 108) quando referiu: “*The great universities of the future will be those which have adjusted rapidly and effectively*”. Atitude que exige uma “*reflexão estimulante*” (Morin, 2000)¹³³ sobre a “*problematização do futuro*” e o futuro das universidades, num mundo complexo em que o mesmo autor (Morin, 2007)¹³⁴ considera: “*L’ennemi de la complexité, ce n’est pas la simplicité, c’est la mutilation.*”

A complexidade e ausência de referenciais que apontem para um futuro mais distante dificulta grandes congeminações. Constatamos, no presente, que a construção e afirmação do conhecimento em diversos domínios do saber exige formação e metodologia adequada, investigação e reflexão crítica, partilha e empenhamento de equipas suportadas por lideranças, projetos, equipamentos e financiamentos compatíveis com os custos das tarefas de docência e investigação. Os pontos de convergência são por isso necessários para garantir a sua afirmação dentro e fora das organizações

¹³³ Miroir – Université de Toulouse-le-Mirail (2000) <https://blogs.univ-tlse2.fr/miroir/2021/05/16/conf-edgar-morin-la-sociologie-peut-elle-prevoir/>. 28SET22

¹³⁴ Le Monde.fr <https://www.lemonde.fr/blog/fredericjoignot/2007/12/17/edgar-morin-universite-mexicaine-reportage-philosophique/> 28SET22

universitárias de modo a permitir, além da concorrência salutar entre elas, o estabelecimento de sinergias que reforcem ações comuns nos domínios da formação, investigação, cooperação internacional, do pensar a sociedade como um todo e das particularidades que encerra nos diferentes subsistemas que a representam.

No caso da UA esta articulação tem sido alcançada entre a formação inicial e graduada, a diversidade em torno de unidades de ensino e investigação consistentes, lideranças e públicos cativados pela qualidade, imagem e condições oferecidas pela universidade. Neste palco de atuação inscrevem-se exemplos relacionados com a natureza dos cursos, a investigação e a cooperação interinstitucional de base regional, completada por exemplos significativos de memória da investigação na sua relação com a sociedade. Destacamos os aspetos seguintes:

➤ - A dimensão formativa da UA expressa na oferta de cursos de 1º, 2º e 3º Ciclos de Bolonha – natureza universitária – e na frequência de alunos responde à missão fundamental desta entidade (UA)¹³⁵ em “*criar, partilhar e aplicar conhecimento, envolvendo toda a comunidade através do ensino, da investigação e da cooperação com o meio envolvente, com vista a fazer uma clara diferença para os indivíduos e a sociedade*”. Nesta ação surgem articuladas a aprendizagem inovadora e ao longo da vida, a investigação influente e a cooperação com a sociedade, a que se juntam a internacionalização e o ambiente académico acolhedor (loc. cit.) garantido por seis áreas de conhecimento: Artes e

¹³⁵ UA – Missão <https://www.ua.pt/pt/sobre-nos> 5OUT22

Humanidades, Ciências da Engenharia e Tecnologias, Ciências e Tecnologias da Saúde, Ciências Económicas e Sociais, Ciências Exatas e Naturais, Educação.

O caminho percorrido até esta afirmação fica assinalado por circunstâncias favoráveis e muitas outras, adversas; por iniciativas e ações prosseguindo um rumo comum; pelo envolvimento da comunidade académica, onde os alunos (Araújo, 1992), “*como agentes da transformação qualitativa da produção, a imagem do ensino universitário que se quer atento ao mercado inovador e ‘per cause’ estimulador das capacidades humanas e profissionais*”, desempenharam um papel preponderante. Este contributo, alargado aos demais corpos da estrutura universitária, tem contribuído para a oferta de novas valências formativas e maior implantação da UA na sua região e no país.

De momento, a oferta de 60 cursos do 1º ciclo de Bolonha (Licenciaturas) é completada com a lecionação de 96 cursos de 2º Ciclo (Mestrado) e de 52 Programas Doutorais (3º Ciclo)¹³⁶, distribuídos por 39 áreas científicas. A dimensão da oferta e a procura por parte da população escolar tem conduzido à procura de parcerias com outras organizações de ensino superior e laboratórios de investigação nacionais e estrangeiras, ao ensino em língua estrangeira (Inglês) bem como à colaboração com docentes de outras entidades relacionadas com as áreas científicas, num processo coordenado internamente pela Escola Doctoral. Dada a natureza de certas áreas científicas, a oferta de 13 dos Programas Doutorais

¹³⁶ UA – Programas Doutorais https://www.ua.pt/pt/cursos/g/9_5OUR22

conta com a participação de outras Universidades (UP¹³⁷, UNL¹³⁸, UC¹³⁹, UBI¹⁴⁰, UTAD¹⁴¹, UM¹⁴²), Institutos Politécnicos (IPLeiria, IPPorto) ou já de Universidade estrangeiras (U. Vigo, U. Santiago de Compostela, U. Oviedo) o que realça o interesse comum destas formas de cooperação.

Complementarmente aos programas assinalados importa acentuar a complementaridade dos mesmos em relação a outros acordos de mobilidade internacional, o que amplia a capacidade de irradiação dos estudantes da UA na Europa e noutros continentes¹⁴³. É o caso das ofertas seguintes:

- ERASMUS - Objetivos: *“Fomentar a cooperação entre IES e a coesão entre as regiões. Reforçar a atratividade de Europa como destino para a realização de estudos superiores. Contribuir para o diálogo entre povos.”* Regiões: Europa/Mundo,

- Programa Fulbright - Objetivos: *“O Programa Fulbright visa melhorar as relações interculturais, a diplomacia cultural e a competência intercultural entre o povo dos Estados Unidos e outros países.”* Regiões: Estados Unidos de América e os países parceiros no mundo,

- Programas SANTANDER - Objetivos: *“Programa de apoio à mobilidade nacional (estágios) e internacional (estudos)”*. Regiões:

¹³⁷ Universidade do Porto

¹³⁸ Universidade Nova de Lisboa

¹³⁹ Universidade de Coimbra

¹⁴⁰ Universidade da Beira Interior

¹⁴¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

¹⁴² Universidade do Minho

¹⁴³ UA – Cooperação internacional – Programas

<https://www.ua.pt/pt/cooperacaointernacional/page/25091> 8OUT22

Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México, Perú, Portugal, Porto Rico e Uruguai,

- ASEM DUO Fellowship Program - Objetivos: *“Promover a cooperação entre Ásia e Europa através da mobilidade internacional de estudantes”*. Regiões: Europa, Índia, Singapura, Coreia e Tailândia Linhas de ação: Mobilidade individual de estudantes”,

- Programas de Bolsas China Three Gorges - Objetivos: *“Fomentar a cooperação entre Portugal e PR China através da concessão de bolsas a estudantes portugueses para realizar o Mestrado na PR China, pela China Three Gorges Corporation.”* Regiões: Portugal, PR China.

➤ - A articulação entre as três principais funções da UA assenta na cooperação entre diversas unidades orgânicas, responsáveis por algumas das ofertas acima referenciadas e pelo envolvimento de outras entidades em parcerias de cooperação estratégica para certos setores de atividade. O exemplo mais antigo diz respeito à afiliação da UA ao Instituto de Telecomunicações (IT)¹⁴⁴, associação privada sem fins lucrativos, de utilidade pública (loc. cit.), *“fundada em 1962, e Laboratório Associado ao Estado desde 2001”* que exerce a sua atividade no domínio das telecomunicações, com um polo na UA, outro na Universidade de Coimbra-Polo II (FCTUC) e o terceiro em Lisboa no Instituto Superior Técnico. A sua distribuição no território nacional, com delegações e laboratório externo, integra as seguintes entidades: · Instituto Superior Técnico (IST); ·

¹⁴⁴ IT - <https://it.pt/docs/About%20IT%20-%20PT%202015> 25SET22

Universidade de Aveiro (UA); · Universidade de Coimbra (UC); · Portugal Telecom Inovação, S.A. (PTIn); Nokia Solutions Networks (NSN); Universidade da Beira Interior (UBI); · Universidade do Porto (UP); · ISCTE/IUL-Instituto Universitário de Lisboa; · Instituto Politécnico de Leiria (IPL).

- Seguindo as preocupações da Comissão Instaladora da UA em criar uma área pioneira sobre Ciências do Ambiente, foi criado o IDAD¹⁴⁵ - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento da UA - *“associação científica e técnica, sem fins lucrativos, que atua ao nível do apoio integrado às necessidades AMBIENTAIS do mundo das EMPRESAS e das ORGANIZAÇÕES”*. Visa a *“aplicação de conhecimentos nas áreas do ambiente e do desenvolvimento sustentável, agente essencial no desenvolvimento regional e nacional”*. Tem como associados, além da Reitoria da UA e de três dos seus departamentos – DF, DG e DAO – as seguintes entidades externas: Administração do Porto de Aveiro S.A.; Administração Regional de Saúde da Região Centro I.P.; Associação Industrial do Distrito de Aveiro; Associação Empresarial de Portugal; Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro; Turismo Centro de Portugal.

- Como exemplo das atividades ligadas ao mar, o ECOMARE – Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos da Universidade de Aveiro -, sediado no Porto de Pesca Costeira do Porto de Aveiro, reparte a sua intervenção nas áreas de aquacultura e de reabilitação de animais marinhos, dando

¹⁴⁵ IDAD - <https://www.ua.pt/pt/idad/page/9171> 4OUT22

um valioso contributo às atividades económicas do mar na zona costeira protegida. Na sua relação com as entidades locais, a UA é membro associado da “Comunidade Portuária de Aveiro” daí decorrendo a sua participação, através do Laboratório Associado da UA na concretização de um projeto conjunto: UA, Município de Ílhavo e administração do Porto de Aveiro para criação do centro de resgate e reabilitação, aproveitando as infraestruturas existentes, a sua ligação à ria e ao mar e “*apreciação dos bens e serviços dos ecossistemas*”¹⁴⁶. De momento tem um protocolo assinado entre a UA e o Oceanário de Lisboa

*“na área das ciências marinhas aplicadas à reabilitação, saúde e ecologia de animais marinhos a desenvolver pelo Centro de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (CPRAM), unidade integrante do ECOMARE-Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos, sob responsabilidade da UA”*¹⁴⁷.

➤ - O alargamento da intervenção da UA em projetos de formação e ação, de natureza científica e com incidência regional acolhe, no momento presente, os sinais de uma mudança operada já pela ação continuada desta entidade ao longo das cinco décadas de vida: democratização do ensino superior, desenvolvimento humano, transferência de conhecimento, parcerias com entidades públicas e privadas. Assim o reconhece o plano estratégico (UA, 2019, p. 18):

¹⁴⁶ Ecomare (2019).

https://ec.europa.eu/regional_policy/pt/projects/portugal/ecomare-saving-and-protecting-marine-life-in-portugals-ria-de-aveiro-lagoon 4OUT22

¹⁴⁷ CESAM - <http://www.cesam.ua.pt/?menu=1310&language=pt&tabela=post> 4OUT22

“uma universidade pode contribuir mais efetivamente para a ligação com o sector empresarial se esse sector já apresentar um grau significativo de desenvolvimento. Esta condição verifica-se de forma geral na Região de Aveiro e de forma muito acentuada em certos sectores, abrindo uma oportunidade estratégica para a UA e para a região. O grau de desenvolvimento já existente facilita à UA a qualificação e a interação com a região de forma a enriquecê-la e a crescer com ela”.

Um exemplo desta herança é realçado numa das mais recentes iniciativas de cooperação, o Parque de Ciência e Inovação – PCI.CSP-AR¹⁴⁸, de que a UA é parceira¹⁴⁹. O PCI assume-se como *“(…) promotor estratégico e operacional da inovação, do conhecimento e do empreendedorismo da Região de Aveiro, através da instalação, o desenvolvimento, a promoção e a gestão de um Parque de Ciência e Tecnologia e da prestação dos serviços de apoio necessários à sua atividade, contribuindo para o reforço da competitividade, a fixação de recursos humanos qualificados, a produção e investigação científica, tecnológica, educativa e cultural da Região”.*

Inaugurado em 2018, esta entidade aloja a UA Incubator (UA - 2018) – entendida como

“espaço de acolhimento, dinamização e apoio à incubação de ideias inovadoras e promissoras, com base em projetos de reconhecida elevada qualidade, assim como ‘startups’ de índole tecnológica e de elevado potencial de crescimento, num ambiente

¹⁴⁸ UA – Cooperar <https://www.ua.pt/pt/impacto-regiao>

¹⁴⁹ UA – Notícias (2018) <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/53748> 21SET22

físico que proporciona o surgimento de oportunidades de negócio, de partilha de experiências e de participação em redes de cooperação”.

A cooperação como expressão do conhecimento científico construído na UA abrange domínios tão diversos como as Artes e Culturas, a Educação ou a Saúde; a Energia do Ambiente, a Agroalimentar, a Floresta e o Mar; os Produtos e Processos industriais, as Tecnologias de Informação, comunicação e Eletrónica, Os Territórios, Desenvolvimento e Habitat. Para todos eles a universidade dá a conhecer (UA)¹⁵⁰ as suas “*capacidades de investigação, desenvolvimento tecnológico e inovação (...) e também compreender melhor as necessidades reais das empresas, com vista ao estabelecimento de parcerias, através da dinamização de projetos conjuntos ou de prestações de serviços*”, através da já referida unidade UACOOPERA¹⁵¹ em diferentes modalidades: projetos de co-promoção, prestação de serviços, estágios e “*licenciamento de conhecimento*”.

De acordo com o documento anteriormente assinalado (UA-Cooperar),

“O conhecimento científico e tecnologias desenvolvidas na academia pode, ainda, ser transferido para as empresas através de licenciamento ou mesmo cedência dos direitos de exploração comercial da propriedade intelectual, com o objetivo de

¹⁵⁰ UA – Cooperar <https://www.ua.pt/pt/areas-cooperacao> 6OUT22

¹⁵¹ UA – Balcão da Cooperação <https://www.ua.pt/pt/balcao-cooperacao> 6OUT22

aumentar a competitividade das empresas, através de inovações ao nível dos produtos ou processos”

com recurso a ofertas tecnológicas relativas a *“tecnologias desenvolvidas na UA quer a patentes detidas pela instituição” em mais de três dezenas”* que ultrapassam mais de três dezenas de *“perfis tecnológicos”*¹⁵². Este esforço, apoiado pelas unidades orgânicas e Reitoria acolhe as recomendações do Conselho de Cooperação (UA)¹⁵³, *“órgão consultivo de apoio ao Reitor, que tem como competência promover a reflexão e contribuir para a definição de políticas em matéria de cooperação entre a Universidade e a envolvente social.”* As ações neste domínio estão traduzidas em mais de duas centenas e meia de contratos em curso, em 78 projetos de I&D, em mais de duas dezenas de pedidos de patentes e 19 *spinoffs*¹⁵⁴ ativas.

➤ - Para além dos exemplos referidos e desejando ampliar uma nova área de formação, investigação e ligação à sociedade, a UA tem vindo a desenvolver esforços na consolidação da área da saúde e das ciências médicas envolvendo as unidades hospitalares da região. O desenvolvimento do acordo *“Mais Conhecimento Melhor Saúde em Aveiro”* (UA, 2019, p. 20)¹⁵⁵, assinado em 2016 entre a Universidade, o Centro Hospitalar do Baixo Vouga (CHBV), a Câmara Municipal de Aveiro, a Administração Regional de Saúde do Centro e a Universidade Nova de Lisboa, visa justamente

¹⁵² UA – Perfis tecnológicos <https://www.ua.pt/pt/perfis-tecnologicos> 6OUT22

¹⁵³ UA – Conselho de Cooperação <https://www.ua.pt/pt/conselho-cooperacao> 6OUT22

¹⁵⁴ UA – Cooperação <https://www.ua.pt/pt/cooperacao> 6OUT22

¹⁵⁵ Cf: Memorando de entendimento *“Mais Conhecimento Melhor Saúde em Aveiro – Press-Release (13OUT2016)*

“valorizar e qualificar o CHBV, através da formação, da investigação conjunta com as universidades signatárias, da atração de médicos e outros profissionais, visando tornar o Hospital Infante D. Pedro um Hospital Escola”.

Reconhece este protocolo que a criação de mecanismos de interface *“entre as ciências médicas, biomédicas, engenharia e ciências básicas para a valorização do conhecimento da investigação clínica e fundamental”* é fundamental para a prossecução dos objetivos que permitam retomar o projeto de formação médica nesta universidade, o desenvolvimento e ampliação do Hospital Infante D. Pedro e dos domínios de investigação médica que promovam o desenvolvimento da área da saúde de forma integrada, a mobilização de recursos adequados e o bem-estar e a saúde das populações residentes nesta região.

Nesta sequência a criação do Centro Académico Clínico Egas Moniz (CACEMHA), em 2021¹⁵⁶, surge como um consórcio de diversas entidades:

- Centro Hospitalar do Baixo Vouga,
- Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga,
- Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho,
- Agrupamentos de centros de saúde (ACES) Baixo Vouga e do Baixo Mondego, da Administração Regional de Saúde do Centro, os ACES de Entre Douro e Vouga I — Feira/Arouca, de Entre Douro e Vouga II — Aveiro Norte, do Grande Porto VII — Gaia e do Grande Porto VIII — Espinho/Gaia,
- Administração Regional de Saúde do Norte, I. P.,
- UA, onde tem a sede no campus da UA assumindo ainda a presidência do Centro.

¹⁵⁶ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/69837> 14OUT22

De acordo com a Portaria nº 60/2021, de 16 de março, o Centro Académico Clínico das Beiras, serve

“O desenvolvimento e a qualificação contínua das unidades prestadoras de cuidados de saúde, a boa gestão das respostas aos doentes, a produção de conhecimento em saúde pelas instituições de ensino superior e outras instituições do sistema científico e tecnológico, a inovação em saúde e a economia da saúde são desafios significativos das sociedades contemporâneas”

cabendo-lhe, nomeadamente, a concretização de um conjunto de objetivos (Art. 7º-1) relacionados com:

“a) O desenvolvimento da dimensão académica e da qualificação nas múltiplas áreas das ciências biomédicas, médicas, engenharia biomédica, saúde pública, políticas públicas em saúde, economia e gestão da saúde, ciências da saúde e saúde das populações, envolvendo os profissionais hospitalares e dos cuidados de saúde primários;

b) A modernização e qualificação da educação nas áreas da saúde referidas na alínea anterior, em toda a dimensão graduada e pós-graduada e de educação continuada, que se traduza na prestação de melhores cuidados de saúde diferenciados e primários;

c) O desenvolvimento de programas de formação nas áreas da saúde referidas na alínea a);

d) A racionalização e maximização dos meios financeiros, humanos e tecnológicos afetos ao EMHA;

- e) *O aproveitamento efetivo de sinergias nas várias áreas de atuação e a potenciação da partilha de recursos humanos altamente diferenciados;*
- f) *O reforço da cooperação internacional para a investigação e a formação avançada nas áreas de atuação do EMHA;*
- g) *A introdução de programas inovadores e parcerias estratégicas que possibilitem avanços qualitativos na participação da comunidade e contribuam para a obtenção de financiamentos externos;*
- h) *O estabelecimento do foco da atividade na promoção e monitorização dos resultados em saúde centrados no doente e no cidadão.”*

Este documento dá ainda relevo (Art. 8º) à promoção e desenvolvimento de ‘laboratórios colaborativos’ (CoLAB), que

“estimulem o envolvimento sistemático de estudantes, investigadores, profissionais de gestão em saúde, médicos, enfermeiros e profissionais da área das tecnologias da saúde em atividades de investigação, desenvolvimento e inovação, promovendo novas práticas no ensino e estimulando o emprego qualificado e científico para a prática da investigação clínica e de translação, assim como para ensaios clínicos e outras atividades de inovação biomédica”.

Mais um exemplo da oportuna reflexão deixada pelo Ministro, V. Simão (2014, p. 14-15): *“há que substituir “esferas rígidas de competências” por “espaços de cooperação” entre a universidade, a empresa em sentido lato, e as instituições autónomas públicas e privadas, dado que muitas delas produzem conhecimento (...) desde*

que se defina uma base ética e de responsabilidade social” que permita (loc. cit.), “contribuir para que os cidadãos portugueses vivam uma vida digna de ser vivida como já nos dizia Marcuse”.

Os aspetos ora referidos concretizam o “movimento de ideias” e de ações desenvolvidas pela academia no sentido de alargar a sua intervenção a diversos domínios científicos, complementares do desenvolvimento humano, científico e cultural da população e da sociedade portuguesa. Atestam, ainda, como desde a sua criação a UA tem sabido responder a estes desafios, afirmando-se nas suas relações com a região e o todo nacional reconhecendo essa ação desde 1988, quando da celebração do 15º aniversário da sua criação, com a atribuição do título honorífico de Doutor *Honoris Causa* a: Fernando Lopes Graça (Músico), D. Manuel de Almeida Trindade (Bispo de Aveiro), Doutor Mário Corino de Andrade (Univ. do Porto: Medicina), Doutor José Veiga Simão (Ex-Ministro), Doutor António Ferrer Correia (Univ. de Coimbra: Direito); Doutor Manuel Rodrigues Lapa (Literatura).

À data o Reitor, R. Araújo recordou:

“Já em 76 tínhamos implantado a política de ligação Universidade-indústria, com a criação de uma associação; participamos em um cem número de iniciativas no âmbito da CEE que só são possíveis pela dedicação do pouco pessoal que existe na UA, vamos criando cursos novos em permanente diálogo com a sociedade, os quais, vemos com prazer, serem adoptados por Universidades Clássicas e Novas (...)”.

Com este desígnio UA tem respondido com iniciativas diversificadas marcadas pela forte interação com as entidades

públicas e privadas da sua área de influência (UA)¹⁵⁷, *“na formação e investigação orientada para a economia regional e para as necessidades sociais, foi promovida através de uma abordagem inovadora e transversal às várias áreas científicas.”*

Sem desmerecer a relevância das demais unidades envolvidas em processo de cooperação com a sociedade, estes exemplos orientam o rumo desta comunidade académica desenvolvida e firmada com a participação e empenho de todos os que nela têm trabalhado. Contudo, tal como escreveu o Ex-Reitor J. Pedrosa (2004, p. 8), isso obriga a um esforço contínuo de levantamento dos desafios e de oportunidades para o ensino superior, revisitando periodicamente *“a ideia e as missões do ensino superior”*, organizando de forma diferente a Universidade (loc. cit.) *“para que à diversidade de destinatários e interessados pelo ensino se responda com variadas, respeitadas, reconhecidas e sólidas vias de educação superior”*. Se esta constitui uma afirmação oportuna no início da atual centúria, que dizer no presente assinalado pelos efeitos de pandemias ainda não dizimadas, de conflitos internacionais alargados, de ameaças geoestratégicas intercontinentais e de crises afiliadas à sustentabilidade do planeta e da própria humanidade?

Concluindo este apontamento reiteramos a ideia de que o futuro exige a participação dos que nela ora trabalham, sem esquecer os já deram o seu contributo para a consolidação da UA ao longo destas cinco décadas de vida. Assim o defendeu o Reitor M. Assunção

¹⁵⁷ UA – Cooperar – Impacto na região <https://www.ua.pt/pt/impacto-regiao>
8OUT22

(2013)¹⁵⁸ em sessão de homenagem aos funcionários da UA: *“Uma vez integrante da nossa equipa, membro da UA para sempre”*. Prosseguindo o mesmo rumo, este será mais um pilar desta *“Universidade das pessoas”* assente numa visão de projeto e na sua evolução, permitindo *“criar e transmitir conhecimento para transformar vidas, comunidades e a sociedade em geral, promovendo a formação para a cidadania, no respeito pela liberdade, igualdade e dignidade da pessoa humana”* defendida pelo Reitor, Paulo Ferreira (UA, 2019, p. 10).



¹⁵⁸ UA – Notícias <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/34452> 9OUT22

EPÍLOGO

No termo deste apontamento reconhecemos como muito mais haveria que dizer sobre a herdeira recente da antiga e medieva “*universitas magistrorum et scholarium*” construída em torno da corporação de mestres e alunos da sua cidade natal. Ao longo da sua evolução secular a universidade prosseguiu um modelo único de governação e ensino, contrariado pelos efeitos do século das Luzes e das reformas introduzidas nas universidades europeias, nomeadamente em Portugal.

Do seu assento cardinalício John Henry Newman (1968) defendeu, em tempos, que “*Une université ne doit pas s'occuper seulement de science, ni seulement de lettres, ni seulement de théologie, ni seulement de connaissances abstraites ou expérimentales, morales ou pratiques, métaphysiques ou historiques, mais de tout savoir (...)*”. O corte com os princípios da universidade medieval foi uma rutura significativa na evolução do pensamento científico, nos métodos de ensino e na evolução da comunidade académica, com os seus direitos e deveres permitida pela mudança social do nosso tempo.

A democratização do ensino e da sociedade gerou novas ideias de universidade, conferindo-lhes novas missões para além das que tradicionalmente oferecia: ensino; ensino e investigação; ensino, investigação, cooperação com a sociedade. Nestes novo confronto entre modelos distintos de governação e organização administrativa

e acadêmica, de unidades orgânicas e complementares, de novas funções o ensino superior contribuiu para a criação de uma nova sociedade baseada no conhecimento, partilhado e alargado por mecanismos próprios de difusão interna e externa a novos públicos, indivíduos e empresas, serviços públicos e entidades privadas que direta ou indiretamente beneficiam da democratização do conhecimento e da ação desenvolvida pela universidade dos nossos dias.

Assinala Castonguay (2015, p. 232) que *“Les lieux de production de la connaissance, la circulation des savoirs et des scientifiques dans l’espace, ainsi que l’activité cartographique constituent autant de dimensions territoriales de la science”*, o que exige o cumprimento de diversos requisitos legais, normas éticas e diálogo com os muitos parceiros envolvidos nas atividades científicas. Com áreas de influências cada vez mais alargadas, as universidades procuram engrossar a sua dimensão nacional e além-fronteiras construindo novas centralidades de conhecimento, interligadas em rede com parceiros diferenciados e resultados avalizados em processos de avaliação e escrutínio internacionais.

Seguindo os estudos de Kerr (1963) parece-nos oportuno subscrever uma reflexão do Conselho Nacional de Deontologia e Ética Universitária (Argélia, 2019, p. 4):

“(…) Devant la croissance, la diversification, la multiplication et la complexification des besoins de la société, l’université moderne s’est transformée en multiversité pour pouvoir satisfaire la demande des citoyens et des institutions publiques et privées

au lieu de se cantonner dans les rôles de recherche pure et de la formation des élites estudiantines.”

Os múltiplos desafios e as respostas síncronas e assíncronas, multiformes, multidimensionais e em rede facilitam a difusão, apropriação e democratização do conhecimento em condições que ultrapassam os escritos da teoria de Hagerstrand (1968) sobre a difusão da inovação como processo territorial. As virtudes deste modelo ficam exemplificadas no “projeto urbano” de Portas consubstanciado no ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro e nos processos de difusão de conhecimento que garantem a este centro nodal uma centralidade externa - e também e interna (Est. XXV) - com dimensão nacional e internacional.

Como em tempo defendeu P. Wolff (1992, p. 128), que esta mantenha a sua vocação coletiva e não venha a transformar-se num agregado de indivíduos! Mais ainda, que possa estar atenta à mudança social, económica e geopolítica que atravessamos, de “*reconstruir o mundo novo*” (Moreira, 2015, p. 10), porque “*o Cisne Negro da viragem do Milénio anarquizou o velho e exige a identificação, salvaguarda, fortalecimento e estratégia inovadora das instituições que guardam o poder do verbo, que faremos sobreviver para organizar o caos*”. Esta missão cabe às universidades.

No termo deste apontamento sobre o campus físico e de conhecimento na sua centralidade, multiversidade e convergências, realçamos, nas suas diferentes conceções e tradições, o conhecimento que tem contribuído para a construção deste património coletivo e bem comum da humanidade:

- Recordamos os muitos constrangimentos que em momentos mais difíceis por razões de implantação e dificuldades orçamentais e que, mesmo assim, mantiveram a procura de alunos e oferta de cursos, o desenvolvimento das suas atividades de investigação e de serviços à comunidade, a sua afirmação pública e reconhecimento nacional e internacional que têm garantido a sobrevivência desta organização formal: missão reconhecida, visão realista do meio e das suas necessidades, valores consentâneos com a sociedade onde se insere, orientações estratégicas adequadas, objetivos e resultados favoráveis, indicadores de sucesso e instrumentos de gestão confirmados;

- Saudamos os que ajudaram a “*construir no presente e antecipar o futuro*” (Pedrosa, 2010), que deram corpo a esta academia de universos múltiplos reunidos através da conjugação de interesses individuais e coletivos e de sinergias institucionais que aprofundam a vivência e o sentir da *Theoria, Poiesis e Praxis* constantemente renovada (UA):

- “*Theoria: Criar conhecimento, expandir o acesso ao saber em benefício das pessoas e da sociedade, através da investigação, do ensino e da cooperação*

- *Poiesis: assumir um projeto de formação global do indivíduo*

- *Praxis: ser ator na construção de um espaço europeu de investigação e educação, e de um modelo de desenvolvimento regional assente na inovação e no conhecimento científico e tecnológico*”.

É com o contributo de todos que as comunidades se fortalecem e que a ciência, tal como a arte (Ribeiro, 1970, p. 48) se evidencia

como instrumento de progresso e educação, “*uma força do Humanismo dos nossos dias, um apelo constante à objetividade, à compreensão tolerante e ao juízo equânime*”. Mais ainda (loc. cit.), “*um ornamento do espírito humano, uma flor da civilização*”.

Os resultados confirmam a validade desta reflexão no cenário geográfico marcado pela dinâmica da ria, de uma cidade em crescimento e de um modelo de ensino superior que visa assegurar o seu desenvolvimento e atração dentro e fora dos horizontes da Europa através do recrutamento de “*estudantes internacionais direcionada para certos mercados e em função das possibilidades de crescimento e das suas características*” (Ferreira, 2003, p. 5). No presente estão representadas cerca de uma centena de nacionalidades de estudantes nos *campi* da UA, com mais de quatro centenas de alunos em mobilidade (*incoming*) e duas centenas em mobilidade (*outgoing*).

À sua maneira a UA tem vindo a contribuir para a mudança no modo de vida e nas estruturas económicas e sociais dando igualmente origem a alterações geográficas significativas relacionadas com a mobilidade da população, alteração das estruturas demográficas, do padrão de distribuição dos habitantes, da urbanização desta antiga cidade comercial e de serviços, de renovação do tecido industrial. No que respeita à população da urbe uma afirmação de D. António Marcelino, 2005, p. 4), condiz com a realidade presente “*o prestígio da Universidade e o calor humano da Cidade casam bem entre si, a favor dos jovens que vieram a Aveiro qualificar-se para a vida*”. Dos que cá vieram, dos que

atualmente aqui residem e dos que, no futuro, optarem por esta cidade e comunidade urbana.

Ajusta-se ao momento presente a descrição referenciada. Contudo importa continuar a pensar “*a cidade para o cidadão*” e “*planear para as pessoas*” (Roseta, 2006)¹⁵⁹ tentando conciliar as soluções a uma dinâmica experienciada à escala urbana que evite erros do passado e abra as portas a um campus-cidade aberto ao futuro em consonância com os demais equipamentos sociais urbanos que se venham a instalar na sua periferia. Na sua articulação com o conjunto urbano importa continuar a assegurar a sustentabilidade futura destes equipamentos à escala local e regional e ao desenvolvimento (Roseta, op. cit.) prosseguindo o “*paradigma cívico, que incorpora a necessidade absoluta da participação de todos os interessados e desenvolve mecanismos de informação, pedagogia e participação genuínos e alargados*”, com qualidade e visão prospetiva.

Neste contexto importa manter os ambientes urbanos de grande qualidade (Assunção, 2000, p. 7)¹⁶⁰ que assegurem a continuidade do campus sustentável e exemplar – “*um lugar de criação e de usufruto*” - preconizado pelo antigo Reitor, Assunção (loc. cit.), na sua unidade e articulação com a urbe que o acolhe nas suas diferentes geografias e dimensões, projetos de regeneração e de crescimento, revitalização e de fazer a cidade como um enorme

¹⁵⁹ Roseta, Helena (2006). “A cidade para o cidadão. O planeamento de pormenor em questão”. In: *Arquitectos*, XIV, 159, abril (Tema do encontro realizado em 2006 na Torre do Tombo – Lisboa)

¹⁶⁰ Assunção, Manuel (2000). Mensagem do Reitor. In. Arroteia, Portas e Toussaint, 2000, pp. 6-7

espaço público e função central das políticas de desenvolvimento local e regional. Estamos a construir a cidade para este século. Tal exige a alocação de espaços alargados para a sua expansão e equipamentos, acessibilidade e mobilidade acrescida da sua população que prossigam a ideia de espaço-cidade que hoje domina o campus de Santiago no seu prolongamento à Agra do Crasto.

A designada “Cidade de Portas”¹⁶¹, que o autor gosta de visitar (Est. XXVI), traduz (UA, 1998)¹⁶² “*a mediação entre um mundo confinado à Universidade e a prática incentivadora do quotidiano*” num espaço desenhado (loc. cit.) “*para suscitar dinâmicas de emancipação dos cidadãos, conferindo-lhes poder e protagonismo*” num campus de eleição. Nesta sequência não se deve atrofiar o que está em evolução e dar azo a que se produzam novos territórios urbanos para a reconstrução de equipamentos sociais e de saúde, que garantam à cidade (Coelho, 2018, p. 2037) a “*intimidade e recolhimento que alguns lugares públicos suscitam*”. Em suma, a construção de uma “*cidade para todos*”, com ambição, qualidade e sustentabilidade, benéfica para o futuro de Aveiro e centralidade da sua região.

Tomando como referência o cenário de outros países, a modernização e democratização registada em terras ribeirinhas e na cidade de Aveiro depois da criação da UA, são responsáveis por uma verdadeira “*revolução tranquila*”, traduzida numa profunda mudança cultural no plano das ideologias coletivas, da moral e das

¹⁶¹ RTP – A Cidade de Portas (7 de dezembro de 2022)

<https://www.rtp.pt/play/p11004/e657925/a-cidade-de-portas> 11FEV22

¹⁶² Honoris Causa: Nuno Rodrigo Martins Portas

<https://www.ua.pt/pt/ua/page/4938> 11FEV23

condutas individuais e sociais (Rocher, 1968), contribuindo para estruturar uma nova urbe, transformando-a num centro de atração cívica para estudantes, pessoas, capitais e negócios. Esta é a imagem recente associada a uma nova etapa de crescimento, requalificação e valorização do espaço urbano e regional centrada na ação do ‘campus-cidade’ da Universidade de Aveiro e com a colaboração ativa de entidades públicas, empresas e dos cidadãos. No seu conjunto, esta ação coletiva dará mais força à razão da força imanente à dinâmica da novel intuição universitária, sediada e alimentada pelo salgado da ria e porte das suas gentes, que independentemente da sua origem geográfica e social, escolheram acolher-se neste recanto da antiga Ibéria húmida: Aveiro¹⁶³.

Espelho de água
E gaivotas a esvoaçar.
Canais esbatidos,
Moliceiros,
Velhas salinas,
Cidade antiga,
Uma terra virada para o mar.
Distante mar que te deu vida...
Homens, mulheres do teu seio
Que partiram,
Outros que ficaram,
Embalados pela brisa,
E neblinas constantes
De uma ria,
De uma terra sem par.



¹⁶³ Aveiro, 11 de fevereiro de 2023

BIBLIOGRAFIA

Abler, Ronald, Adams, John & Gould, Peter (1972). Spatial organization: The Geographer's view of the world. Lonond: Prentice-Hall International

Alves, Vasco Joel Monteiro Dias (2009). Preto no Branco: experiências inerentes à prática profissional. Coimbra: Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitectura da FCTUC

Araújo, J. Renato (1992). Mensagem do Reitor (26 e 27 de novembro)

Arroiteia, Jorge Carvalho (2020.b). Universidade de Aveiro: evocando cinco décadas da sua evolução. Cadernos de Cultura: História & Património de Aveiro. Aveiro: Câmara Municipal, pp. 56-71

Arroiteia, Jorge Carvalho (2020). Universidade de Aveiro (1973-2020): preto de memória. Aveiro: Ed. de autor (ISBN: 978-989-99779-4-5) <https://ria.ua.pt/handle/10773/36318> 16FEV23

Arroiteia, Jorge Carvalho (2015). Município de Aveiro: Vademecum geográfico. Aveiro. Ed. de autor (ISBN: 978-989-20-5652-4)

<https://estudosgeraismr.files.wordpress.com/2015/04/2015-municc3adpio-de-aveiro-vademecum-geogrc3a1fico.pdf> 11FEV23

Arroiteia, Jorge Carvalho (2013). A Universidade de Aveiro e os seus contextos (1973-2013). Aveiro: Universidade de Aveiro

Arroiteia, Jorge Carvalho (1998). Aveiro: aspetos geográficos e do desenvolvimento urbano. Aveiro: Universidade de Aveiro

Arroiteia, Jorge; Portas, Nuno e Toussaint, Michel (2000). Universidade de Aveiro. Arquitectura e urbanismo. Lisboa, White & Blue (Fotos de R. Morais de Sousa), pp. 25-32 (2º Edição: 2014)

Assunção, Manuel (2017) – Editorial /&/ Entrevista com.... Linhas-Revista da Universidade de Aveiro-Editorial, nº 28/dezembro, pp. 28-33

Assunção, Manuel (2012). Editorial. Linhas – Revista da UA, nº 17, pp. 4-5

Auzelle, Robert (1964). Plano Diretor da Cidade de Aveiro. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.

Bailly, Antoine e Beguin, Hubert (1996). Paris: Armand Colin (1ª Ed. 1982)

Beaujeu-Garnier, Jacqueline (1969). Les villes et la 'fonction centre'. *Annales de géographie*, 430, pp. 710-713 (Compte rendu) https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1969_num_78_430_15964 15SET22

Boumaza N. (1995). L'université, la montagne et la géographie. *Revue de Géographie Alpine*, vol. 83, No.4, pp. 9-14

Brandão, Raul (1923). Os pescadores. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand <https://purl.pt/14695> 17OUT22

Brazão, Carlos Alberto S. (2018). A metodologia de Nuno Portas. Um percurso entre arquitetura e política. Lisboa: Instituto Superior Técnico (Dissertação de Mestrado - Policopiada)

CMA – PDM (2019). Revisão – Plano Diretor Municipal Aveiro – Estudos de caracterização: acessibilidade e Transportes (Relatório 4 / novembro2019) https://www.cm-aveiro.pt/cmaveiro/uploads/document/file/10610/4_estcaraterizaca_oacessibilidadetransportes_201911.pdf 30SET22

Carrincazeaux, C., Doloreux, D., Shearmur, R. (2016). Une analyse régionale comparative de la géographie de l'innovation : le cas des Sfic en France et au Canada. *Revue d'Économie Régionale & Urbaine* 2016/5 (décembre), pp. 1043 à 1074 <https://www.cairn.info/revue-d-economie-regionale-et-urbaine-2016-5-page-1043.htm?contenu=auteurs> 28SET22

Carter, Harold (1966). *The Towns of Wales: A Study in Urban Geography*. Cardiff University Press

Casson, Hugh, Sir (1965). "Vie enseignement et loisirs: Le problème des nouvelles universités anglaises". *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.º 123, Groupe Expansion, Boulogne, France, décembre 1965 – janvier 1966, pp. 74 e 75

Castells, Manuel (1988). Innovation technologique et centralité urbaine. In. *Cahiers de recherche sociologique*, 6, nº 2, pp. 27-36

Castells, Manuel (1983). *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Castonguay, Stéphane (2015). Territoires et sciences. In: Prud'homme, J., Doray, P. e Bouchard, F. – dir. (2015). *Sciences, technologies et sociétés de A à Z*. Montréal: Presses de l'Universitaire de Montréal, pp. 232-234

Christaller, W. (1933). Die Zentralen Orte in Suddeutschland. Jena. (Tradução: Central Places in Southern Germany - 1966). Englewood Cliffs

Claval, Paul (2003). Géographie culturelle. Une nouvelle approche des sociétés et des milieux. Paris: Armand Colin

Claval, Paul (1995). La Géographie Culturel. Paris: Ed. Nathan

Claval, Paul (1973). Chronique de Géographie économique VIII. La théorie des lieux centraux revisitée. In: Revue Géographique de l'Est, tome 13, n°1-2, janvier-juin 1973. pp. 225-251
https://www.persee.fr/doc/rgest_0035-3213_1973_num_13_1_1252 20SET22

Chorley, Richard e Haggett, Peter (1975). Modelos sócio-económicos em Geografia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora/Editora da Universidade de São Paulo

CNDEU – Université et société (Education culture et développement en Algérie. Bilan et perspectives du système éducatif, Marinoor – Enag, Algérie, 2000, tome 2, pp.596 et ss)
https://services.mesrs.dz/EthiqueDeontologie/Universite_et_societe.pdf 30SET22

Coelho, Rodrigo (2018). “Arquitectura, infra-estrutura, paisagem: construir a urbanidade na ‘cidade sem forma’”. In: PNUM2018: A Produção do Território: Formas, Processos, Desígnios (Actas do Congresso) <https://pnum.arq.up.pt/> 14FEV2023

Derruau, Max (1967). Précis de Géographie Humaine. Paris: Armand Colin

https://fac.umc.edu.dz/fst/pdf/cours/topo/Bouldjmar_analyse_de_lespace%2002.pdf 8SET22

Dionísio, Sant’Anna (1984). Aveiro. Guia de Portugal. III Vol. Beira, I – Beira Litoral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (2ª Edição – Primeira edição em 1944)¹⁶⁴

Donovan, Claire (2016). 8 - From multiversity to postmodern university. In: Côté James and Furlong Andy (Edit.). Routledge handbook of the sociology of higher education. New York: Routledge

¹⁶⁴ Nota: O Guia de Portugal “deve-se, em boa parte, à solidariedade de alguns amigos de Raul Proença que, em 1940, se constituíram como fiadores perante o Estado, da efectivação da obra (...). Por morte de Raul Proença, em 1941, Sant’Anna Dionísio assumiu a conclusão dessa obra, produzida entre 1924 e 1969 e a preparação deste volume.

Durkheim, Émile (2013). *Éducation et Sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France (1ª Ed. 1922)

Durkheim, Émile (1977). *A divisão do trabalho social*. Lisboa: Presença (II volumes) – 1ª Edição: 1893

Esteves, José Ribau (2010). Parque de Ciência e Inovação. Linhas – Revista da UA, nº 10, dezembro, pp. 4-5

Fache, Jacques (2008). *Acentralité spatiale: de la centralité théorique au projet territorial*. Géographie. Université Paris-Nord - Paris XIII <https://core.ac.uk/download/pdf/47849195.pdf> 15SET22

Ferreira, Paulo Jorge (2022). Editorial /&/ Grande entrevista. Linhas, Revista da Universidade de Aveiro, nº 37, junho, pp. 28-39

Ferreira, Paulo (2022). *Message: Research@ua-report 2021*

Ferreira, Paulo (2020). Editorial. Linhas, Revista da Universidade de Aveiro, nº 34, dezembro

Ferreira, Paulo J. – Reitor. (2018). *Plano de ação 2018-2022*. Aveiro: Universidade de Aveiro

Friedmann, J. (1972) *A General Theory of Polarized Development*. In: Hansen, N.M., Ed., *Growth Centers in Regional Economic Development*, The Free Press, New York, pp. 82-107.

Gauthiez, Bernard (2003). *Vocabulaire de l'analyse morphologique* In: *Village et ville au Moyen Âge : Les dynamiques morphologiques*. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, I, pp. 479-485

<https://books.openedition.org/pufr/6418> 8SET22

Gaspar, Jorge (1972). *A área de influência de Évora: sistema de funções e lugares centrais*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Geográficos (Memórias)

Gil, Victor (1976), Universidade de Aveiro: presente e futuro. Separata da Revista: “Aveiro e o seu Distrito”. Aveiro: Universidade de Aveiro (Separata)

Girão, A. de Amorim (1941). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora

Gomes, Marques (1877). *O Districto de Aveiro*. Notícia geográfica, estatística, chorographica, heráldica, archeologica, histórica e biographica da cidade de Aveiro e de todas as villas e freguzias do seu Districto. Coimbra: Imprensa da Universidade

Grésillon, Boris (2008). *Ville et création artistique*. Pour une autre approche de la géographie culturelle. *Annales de Géographie*. 2-3, nº 660-661, pp. 179 a 198 <https://www.cairn.info/revue-Annales-de-geographie-2008-2-page-179.htm> 10SET22

Higgins, B., Savoie, D. J., Edits (1988). Regional Economic Development - Essays in Honour of François Perroux, Boston, Unwin Hyman Ltd (Caps 1-2)

Hagerstrand, Torsten (1968). Innovation diffusion as a spatial process. Chicago: University of Chicago

Hagerstrand, Torsten (1962). "The propagation of innovation waves". In: Wagner, Philip L. e

Hutchins, Robert Maynard (1936). The Higher learning in America. London, H. Milford, Oxford University Press

INE (2004). Sistema urbano: áreas de influência e marginalidade funcional

https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=98262&att_display=n&att_download=y. 10OUT22

Ledrut Raymond (1984). La forme et le sens dans la société. Paris: Librairie des Méridiens,

Lopes, A. Simões (1995). Desenvolvimento regional: problemática, teoria, modelos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (4ª edição)

Lorek, Maria (2015). Des pôles de croissance vers des systèmes d'innovation territorialisés dans une « nouvelle » économie de marche: le cas de Gdansk (Pologne). *Marché et organisations* 2015/1 (Nº 22), pp. 35 à 61 <https://www.cairn.info/revue-marche-et-organisations-2015-1-page-35.htm> 28SET22

Kerr, Clark (1963). The uses of the University. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press

Losch, August (1940). Die raumliche Ordnung der Wirtschaft. Jena (The economics of location (Trad.)). New Haven & London: Yale University Press (Tradução em língua Ingles)

Marcelino, D. António (2005). Os jovens, a universidade e a cidade. In: *Linhas – Revista da UA*. Nº 4, setembro

Mikesell, Marvin W. – Org. (1962). "Readings in Cultural Geography", Chicago: University of Chicago

Mille, Marylène, (2004), Université, externalités de connaissance et développement local. L'Experience d'une université nouvelle. OCDE - Politiques et gestion de l'enseignement supérieur, Volume 16, Numéro 3

https://read.oecd-ilibrary.org/education/universite-externalites-de-connaissance-et-developpement-local_hemp-v16-art24-fr#page1 25SET22

Massard, N., Torre, A., Crevoisier, A. (2004). Proximité géographique et innovation. In: in Pecqueur B. et Zimmermann J.B. (eds), 2004, *Economie de Proximités*, Hermès: Paris, pp. 155-183
<http://andre-torre.com/pdf/PDFpub108N1.pdf> 29SET22

Mendes, Sérgio (2020). *O Tijolo à Vista na Universidade de Aveiro: o tijolo como módulo do projeto de arquitetura*. Porto: P – Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto - CESAP

Mendes, Sérgio C.A. (2013). *A revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro e a construção do Campus de Santiago*. Valladolid; Universidad de Valladolid (Tesis Doctoral – Policopiada) <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/5542> 1OUT22

Mohammed, Ahmed M.S., Ukai, Tetsua, Hall, Michael (2022). Towards a sustainable campus-city relationship: A systematic review of the literature. In. *Regional sustainability*, 3 (2022), 53-67 (Elsevier)

<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2666660X22000184?token=AC6F780E492D523172FAC05B55D0652A4319736C0B6E0DF2FF7CFCA2061DBABB427E42EF05303352F92D4B2DC2E86A88&originRegion=eu-west-1&originCreation=20221003104445>
3OUT22

Moreira, Adriano (2015). A quarta dimensão das universidades. In: *Linhas-Revista da Universidade de Aveiro*, 24, pp. 24, p.19-13

Morin, Edgar (1984). *Sociologie*. Paris: Librairie Arthème Fayard

Nazaré, Maria H. (2008). *Globalização*. *Linhas – Revista da UA*, nº 10, pp. 4-5

Newman, John (1968). *L'idée d'université. Les discours de 1852*. Traduction française par Edmond Robillard et Maurice Labelle. Introduction et notes par Edmond Robillard. Ottawa/Paris, Le Cercle du Livre de France/Desclée de Brouwer, 1968. Coll. «Textes newmaniens». Version originale anglaise : *The Idea of a University*. Disponible sur : <https://www.bartleby.com/28/2.html> 14OUT22

Newman, John Henry (1873). *The Idea of a University*. <https://www.newmanreader.org/works/idea/index.html> 28JUL22

Nunes, A. Sedas (1964). *Portugal, sociedade dualista em evolução*. *Análise Social*. Vol. 2.1964, 7/8, pp. 407-462

Oliveira, Orlando (1972). *Estudo sobre o equipamento escolar do Distrito de Aveiro*. *Aveiro e o seu Distrito*. Aveiro: Junta Distrital de Aveiro, 13, junho de 1972, pp. 20-27

Oudinot, José R. Rangel de Quadros (2009). Aveiro – Apontamentos históricos. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro (Pelouro de Assuntos Culturais)

Paris, P. e Veltz, P. (2010). Introduction In: Conseil Regional de Basse-Normandie et de la DATAR. Paris: Herman Éditeurs

Pedrosa, Júlio (2010). Construir o presente e antecipar o futuro. Aveiro: Universidade de Aveiro

Pedrosa, Júlio (2004): Desafios e oportunidades para o ensino superior. Linhas – Revista da UA, nº 1, pp. 8-9

Perroux, François (1950). Economic space: Theory and applications. Quarterly Journal of Economics, v. 64, n. 1, p. 89-104. & Perroux, François (1991). L'Économie du XXè siècle. Paris, PUF (3é Edição)

Picolo, Caroline Beatriz /2019). Universidade e Politécnico: duas experiências de projeto e traçado no CEFA/UP. Porto: Universidade do Porto-Faculdade de Arquitectura

Polèse M. e Shearmur R. (2005). Economie urbaine et régionale, introduction à la géographie économique. Paris: Economica

Portas, Nuno (2000). Portas, Nuno (2000). O Campus da Universidade de Aveiro. Uma experiência de processo e traçado. In: Arroiteia, Portas, e Toussaint, (2000), pp. 25-32

Portas, Nuno (1969). A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica. Lisboa: Livros Horizonte (4ª edição: 2011)

Portas, Nuno e Barata, J. P. Martins (1968). "A Universidade na cidade: problemas arquitectónicos e de inserção no espaço urbano". *Análise Social*, Vol. VI, 22-23-24, pp. 492-509

Projeto Regional do Mediterrâneo (1963 & 1964)

- Análise quantitativa da estrutura escolar portuguesa (1950 – 1959) – Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Estatística Económica, 1963

- Evolução da estrutura escolar portuguesa (Metrópole). Previsão para 1975 – Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Estatística Económica, 1964.

Queirós, Alexandra (2022). *Campi* da UA: preservar um legado, potenciar e expandir um património. In: Linhas, 38, pp: 26-33, dezembro

Ralha, Alberto (1968). “As Universidades portuguesas, em face dos diferentes tipos institucionais de Universidade”. In: *Análise Social*, VI, nº 22-23-24, pp. 99-126

Ribeiro, Orlando 1970 - Variações sobre temas de ciência. Lisboa; Livraria Sá da Costa Editora

Robert, Frédéric (2004). L'enseignement supérieur aux Etats-Unis: l'exemple de Clark Kerr et l'université ou 'multiversité' de Berkley en 1864. In: OpenEdition Journals. II, nº1, pp. 127-138 <https://journals.openedition.org/lisa/3081> 30JUL22

Rocher, Guy (1968). Introduction à la sociologie générale. Montréal, Éditions H.M.H. IV Vols (Tradução Portuguesa: Sociologia geral. Lisboa: Editorial Presença, 1981 – 3ª Ed., V vols.)

Rodrigues, Manuel (s/d). Companhia aveirense de Moagens. In: Fábrica – Centro ciência viva. <https://www.ua.pt/pt/fabrica/page/6803> 7SET22

Roseta, Helena (2006). “A cidade para o cidadão. O planeamento de pormenor em questão”. In: Arquitectos, XIV, 159, abril (Tema do encontro realizado em 2006 na Torre do Tombo – Lisboa)

Rossa, Walter – Coord. (2006). Roteiro. Campus da Universidade de Aveiro. Aveiro: Universidade de Aveiro

Roy, Lyse (2015). Université In: Prud'homme, J., Doray, P. e Bouchard, F. – dir. (2015). Sciences, technologies et sociétés de A à Z. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, pp. 244-246

Saramago, José (1995). Viagem a Portugal. Lisboa: Caminho (18ª. Edição)

Schumpeter, Joseph A. (1942), Capitalism, Socialism and Democracy. Londres: Routledge

Silva, A. Manuel e Gomes, Sérgio – Coord. (2022): Agra do Crasto, Aveiro. Arqueologia e Geofísica. Aveiro: Universidade de Aveiro <https://ria.ua.pt/handle/10773/34047> 7SET22

Simão, J. Veiga (2014). “As universidades têm de desafiar o governo para novas alternativas” – Entrevista. Linhas – Revista da UA, nº 20, pp. 10-14

Smith, Anthony e Webster, Frank (1997). The Postmodern University? Contested visions of higher education in society. Buckingham: Open University Press

Toussaint, Michel (2000). Construir os espaços físicos de uma Universidade. In. Arroteia, Portas e Toussaint, 2000, pp. 37-52

UA – Research@ua (2022), vol. 12

UA (2022). Plano de Atividades e Orçamento. Universidade de Aveiro

UA (2019). Plano estratégico da Universidade de Aveiro para o quadriénio: 2019-2022. Aveiro: Universidade de Aveiro

UA – ESTGA (2017). ESTGA – 20 anos. Aveiro: UA Editora

UA (2013) – Percurso singular: J. Renato Araújo. Linhas – Revista da UA, nº, nº 19, pp. 22-26)

UA (2010 e ss) – Recherche@ua

<https://proa.ua.pt/index.php/researchua/issue/view/483/58>
23SET22

UA (2008) – Entrevista com ...Dr. Jorge Sampaio. Linhas – Revista da Universidade de Aveiro, junho, nº 9, pp. 38-41

UA (1994). Campo de Santiago: Vinte anos na construção da Universidade de Aveiro: Aveiro: Universidade de Aveiro

UBFC (2020). Centralités: comment les identifier et quels rôles dans les dynamiques locales et intercomunales?. Dijon: Université Bourgogne-Franche-Comté (UMR 1041 CESAER) – Vol I

Von Thunen (1926). Der Isolierte Staat (...). Tradução: O Estado Isolado em relação à agricultura e à economia política, ou investigações referentes à influência dos preços dos cereais, da riqueza do solo e dos impostos sobre a agricultura. Hamburgo: 1826

Wagner, Phillip L. & Mikesell, Marvin W. (Review by: Joseph Sonnenfeld). (1963). Readings in Cultural Geography. Technology and Culture Vol. 4, No. 2 (Spring), pp. 247-251 (Published By: The Johns Hopkins University Press)

Waibel, Leo (1948). A teoria de Van Thunen sobre a influência da distância do mercado relativamente a utilização da terra. Revista Brasileira de Geografia, X, 1, pp. 3-40 (jan-março)

Wolff, Robert P. (1971). The ideal of university. New York: Routledge

Wong, Jorge Hite (2014) Campus-Rede: Modelos de transição do ensino à profissão. Lisboa: Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa (Relatório do projeto final de mestrado) – Policopiado

<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/12375/4/Jorge%20Hite%20Wong.pdf> 29SET22



Campus-cidade da U.A.

ÍNDICE GRÁFICO

Figuras

1. Aveiro: mapa da cidade (1962)
2. Excerto do mapa da cidade de Aveiro (1983)
3. Maqueta do PGUA (1979)
4. Planta do Campus – núcleo inicial
5. Planta do Campus – núcleo intermédio
6. Planta do campus – sistema claustal
7. Agra do Crasto
8. UA (2022): unidades funcionais
9. Distribuição dos alunos em Licenciatura – 1º ciclo por distrito (2011-12-31)
10. Alunos matriculados em cursos de Licenciaturas: 2011/12 (NUT III)
11. Origem dos alunos matriculados em Licenciaturas naturais da região de Aveiro: 2011/12 e em 2021/22
12. Alunos matriculados em cursos de Licenciaturas: 2021/22 (NUT III)
13. Alunos internacionais em Licenciaturas e em Mestrados por principais países de origem – 2021/22
14. Top 20 - Top 20 – Foreign PHD students by nationality
15. PHD students by Department: 2021
16. Sistema urbano nacional: uma síntese
17. Cooperação internacional: formação e mobilidade (nº de Países/Continente) – 2020
18. The Ecosystem of ECIU University

Estampas

- I. - Identificação do campus da UA
- II. - Vestígios da paisagem rural
- III. - Marinhas de Aveiro
- IV. - Agra do Crasto
- V. - ‘Campus-cidade’ da Universidade de Aveiro
- VI. - Entrada do campus – lado nascente

- VII. - Pavilhão I
- VIII. - Animal alma – Manuel Patinha
- IX. - Estátuas de pedra – Paulo Neves
- X. - Onírica serenidade na esperança – Xico Lucena
- XI. - Voar mais alto – Zé Penicheiro
- XII. - Sapo – Paulo Neves
- XIII. - Places under sky - Panaite Chifu
- XIV. - Título desconhecido – Paulo Neves
- XV. - Tensão Bio-Gravítica III – Xico Lucena
- XVI. - Título desconhecido – Isaque Pinheiro
- XVII. - Título desconhecido – Volker Schnüttgen
- XVIII. - Grande enlace – Manuel Patinha
- XIX. - Título desconhecido – Zé Penicheiro
- XX. - Painel Timor
- XXI. - Testemunho (CAM)
- XXII. - Ponte pedonal
- XXIII. - Recanto da UA na proximidade da Ria
- XXIV. - Serviços de Ação Social
- XXV. - Restauração – SAS
- XXVI. - A cidade de Portas / a Universidade das pessoas

Quadros

- Quadro I. Posicionamento internacional: 2021 - Rankings universitários
- Quadro II. UA: Departamentos e Escolas
- Quadro III. Unidade transversal de Ensino e Investigação
- Quadro IV. Centros de investigação
- Quadro V. Laboratórios associados
- Quadro VI. Bibliotecas
- Quadro VII. Apoio às funções académicas
- Quadro VIII. Interface
- Quadro IX. Serviços de natureza pública
- Quadro X. Apoio à comunidade académica
- Quadro XI. Outros serviços
- Quadro XII. Campus-Cidade' da UA - Resumo de *u.f.*
- Quadro XIII. Síntese de dados escolares: 2021/22
- Quadro XIV. U.A. – Redes institucionais – 2022



ANEXOS

I. Identificação do campus da UA



II - Vestígios da paisagem rural





III - Marinhas de Aveiro



IV - Agra do Crasto¹⁶⁵



¹⁶⁵ UA -

https://photos.google.com/share/AF1QipMKj7rDs61by2Ub9f5npIAwoHMz8lfk9qz4iUarhKCLCu3ZcJ-ILa7I2rEmU_QksA/photo/AF1QipNdpPpjo_L2i-iAN3wcyvRimCC-TQCMQ80y1Kml?key=cjhZU01KVERiUUhURmxLMHBwcU55aW1GZmNKNW1B_18SET22

V – ‘Campus-cidade’ da Universidade de Aveiro



Entrada do Campus – lado nascente



VII – Pavilhão I



VIII - Animal alma – Manuel Patinha



IX - Estátuas de pedra – Paulo Neves



X - Onírica serenidade na esperança – Xico Lucena



XI - Voar mais alto – Zé Penicheiro



XII - Sapo – Paulo Neves



XIII - Places under sky - Panaite Chifu



XIV – Título desconhecido – Paulo Neves



XV - Tensão Bio-Gravítica III – Xico Lucena



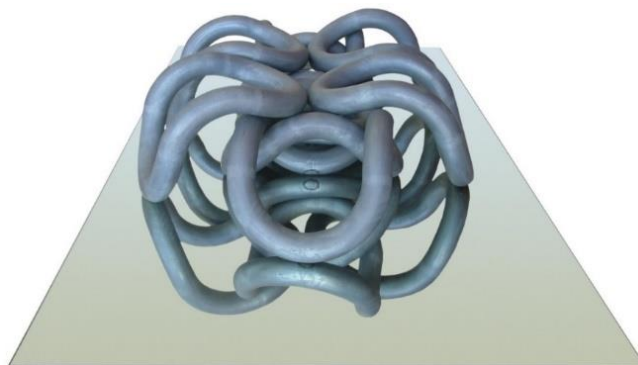
XVI - Título desconhecido – Isaque Pinheiro



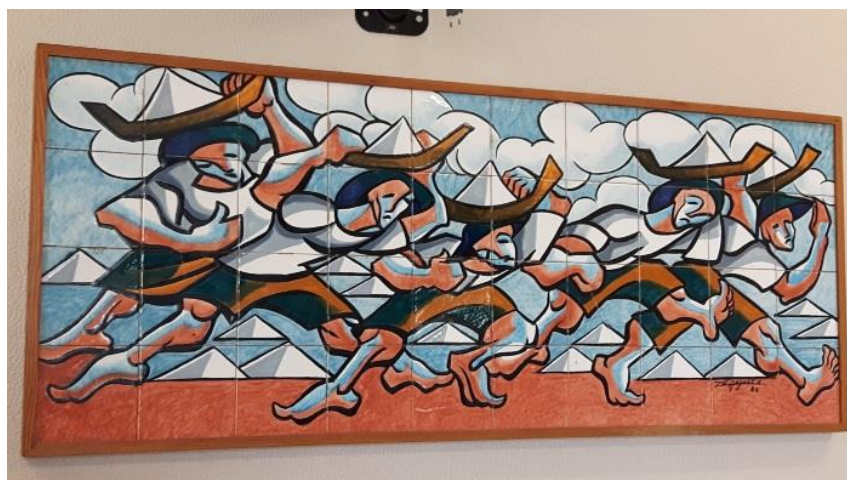
XVII - Título desconhecido – Volker Schnüttgen



XVIII - Grande enlace – Manuel Patinha



XIX – Título desconhecido – Zé Augusto



XX - Painel de Timor



XXI – Testemunho ¹⁶⁶



¹⁶⁶ Digitile. <https://digitile.gulbenkian.pt/digital/collection/azav/id/869/> 7SET22 & Fábrica centro de ciência viva. <https://granderota.riadeaveiro.pt/pois/fabrica-centro-de-ciencia-viva/> 7SET22

XXII - Ponte pedonal



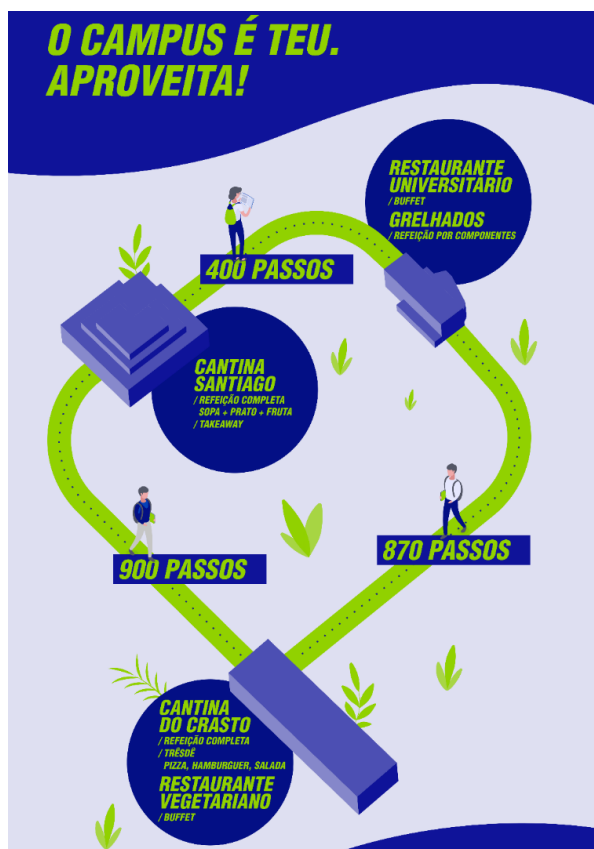
XXIII - Recanto da UA na proximidade da ria



XXIV - Serviços de Ação Social



XXV – Acessibilidade: restauração – SAS¹⁶⁷



XXVI – A ‘Cidade de Portas’¹⁶⁸ / a Universidade das pessoas



¹⁶⁷ SAS – UA (outubro de 2022)

¹⁶⁸ RTP <https://www.rtp.pt/play/p11004/e657925/a-cidade-de-portas>
11JAN23

Campus de Santiago - Arte pública



Legenda:

- | | |
|---|---|
| 1. Animal alma – Espelho de água | 10. Onírica serenidade na esperança – Rt. |
| 2. Estátuas de pedra – Exterior Reitoria | 11. Grande enlace – Atrio Reitoria |
| 3. Calandra – Biblioteca | 12. Escada para o céu – Jardim DMat |
| 4. Paineis Timor – DEP (Educ & Psic) | 13. Silêncio – Jardim CPCT |
| 5. Voar mais alto – Ext. DEP | 14. Tempo de pedras: Jardim-alameda |
| 6. Places under sky – jardim Reitoria | 15. Sapo – Entrada Galerias |
| 7. Un sueño soñado en la escalera – CPCT ¹⁶⁹ | 16. Sem título – DAO (Amb.& Ord) |
| 8. Os anjos também têm asas - C.Cant Castro | 17. Sem Título – DCSPT |
| 9. Tensão bio-gravítica III – Exterior Reitoria | 18. Sem título – DG (Geociências) |

Revista Linhas 28 - https://www.ua.pt/en/revista-linhas_10SET22

Nota: As imagens incluídas em Anexo são, na sua quase totalidade, recolhidas em fontes da Universidade de Aveiro

¹⁶⁹ CPCT – Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico

Jorge Carvalho Arroteia (Monte Redondo – LR: 1947) – Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (Aposentado). Licenciado em Geografia (Universidade de Lisboa), Doutor e Agregado em Ciências Sociais (Universidade de Aveiro). Autor de diversos estudos e projetos relacionados com a Geografia Humana, População e Emigração Portuguesa, Análise Social da Educação. Além das funções académicas colaborou em órgãos de gestão e científica da U.A. (Pró-Reitor e Departamento de Ciências da Educação) e em instituições do ensino superior politécnico (ESEV e ESHTe). Desempenhou também funções no Ministério da Educação (DGES e IGE), no Ministério da Ciência e do Ensino Superior (IGCES), na formação contínua de professores (FOCO e CPCFCP) e no sistema nacional de avaliação do ensino superior (CNAVES e A3ES).

ISBN 978-989-99779-8-3

